

CURSO DE ALQUIMIA

OLAVO DE CARVALHO

PRIMEIRA AULA (09/01/96)

A questão deste curso é a delimitação do que é alquimia. Não se trata portanto de um curso de alquimia. Pode haver um curso sobre alquimia, a respeito de alquimia, etc..., mas aprendizado alquímico é demasiado pessoal para poder ser objeto comprimível nas dimensões de um curso. Tudo o que poderei fazer aqui será transmitir um conceito, uma idéia do que é a alquimia levando em conta toda a distância que vai entre ter uma idéia do que é equitação e saber montar. No entanto, mesmo dentro deste limite estreito, este curso irá muito além do que pode ser uma exposição apenas teórica e informativo. O motivo disto é que em alquimia não existe uma distinção rígida entre teoria e prática; ela já é uma disciplina prática desde seu começo. Desde o momento em que você apreende as primeiras noções de alquimia, já está metido nela até o pescoço. Em astrologia e em outras ciências esotéricas essa distinção existe, mas aqui não. Na alquimia, a partir do momento que você começa a formar os primeiros conceitos, já está penetrando num certo mundo simbólico, num certo modo de pensar e de ver que já é o terreno propriamente dito da prática alquímica. E a alquimia é, pela sua própria autodefinição, uma ciência prática: ela não visa à descrição ou à explicação de um ser ou de uma área do ser, mas visa a uma mutação, a uma alteração a ser realizada no sujeito que a pratica, e que pode se ampliar em modificações do mundo físico em torno, embora não necessariamente. Uma das diferenças entre ciência teórica e ciência prática é precisamente esta. A ciência teórica esgota sua finalidade ao dizer o que é uma coisa ou por que a coisa é como é. Por exemplo, a Física teórica. Ela nos diz como é a constituição física do cosmos, e aí termina sua função. Uma ciência prática só encerra a sua função no momento em que completa a alteração ou transformação que se propõe realizar. A ciência prática pode estar voltada para uma alteração do mundo exterior, de um objeto qualquer, ou para uma alteração do próprio sujeito. Por exemplo, quando fazemos ginástica, não estamos alterando em nada o mundo externo; somente a nós mesmos. A alquimia também é uma ciência deste tipo. Com uma diferença: enquanto em ginástica há um abismo de diferença entre estudar teoricamente um movimento e praticá-lo, a absorção dos conceitos de Alquimia já é o exercício de uma modalidade de pensamento alquímica; que tem por efeito necessário desencadear, ao menos potencialmente, uma série de alterações que constituem o processo alquímico propriamente dito.

A alquimia é uma transformação, uma mudança de estado. Não propriamente uma mudança de natureza. Quando o divulgador da alquimia diz que ela transforma uma espécie em outra, aí já há um engano. Na transformação de um metal em outro não existe uma mudança de espécie. A transmutação desses metais não seria possível se não houvesse algo de ouro no chumbo e vice-versa, isto é; se não houvesse uma interpenetração que faz com que chumbo e ouro não sejam propriamente espécies diferentes. Isto é uma noção fundamental: você não pode transformar uma galinha num porco ou um porco em camelo. Do mesmo modo, não se transforma propriamente o chumbo em ouro: você transforma um metal em ouro. O que no chumbo se transforma em ouro é o que ele tem de metal, não o que tem de chumbo; dito de outro

modo, a transmutação se apoia nas características comuns e genéricas dos dois metais, não na sua diferença específica. A diferente constituição e aparência do chumbo e do ouro são diferentes modalidades da mesma coisa, e não de coisas essencialmente diferentes.

Um dos pressupostos da alquimia é precisamente este: que entre as diferentes espécies de metais há menos diferenças do que entre espécies animais; que o chumbo é mais parecido com o ouro do que uma galinha é parecida com um pato. Do ponto de vista meramente formal, o termo espécie tem o mesmo sentido quando aplicado ao par pato-galinha ou ao par ouro-chumbo. Mas, materialmente, há uma diferença de nuance que não é preciso explicar agora, porque vocês podem captá-la intuitivamente; mas essa nuance nos revela um princípio essencial da natureza: que quanto mais complexo é um ente, mais diferenças há entre sua espécie e as demais espécies do mesmo gênero. Entre dois metais há um parentesco mais profundo que entre duas espécies de animais.

Para entender algo da Alquimia, temos que compreender primeiro o que é uma transformação, o que é uma coisa mudar de estado. Para isto vamos recorrer àquele que todos os alquimistas consideravam o seu mestre supremo: Aristóteles. A base de toda a Alquimia ocidental e islâmica é a Física de Aristóteles. Não por coincidência, o livro da Física sai da órbita de interesses dos cientistas mais ou menos na época em que a Alquimia vai perdendo prestígio nas camadas universitárias (por volta de 1500 a 1600).

A saída da Física de Aristóteles e da Alquimia acontece pelo fato da formação de uma nova camada letrada mais ou menos improvisada. Esta camada era constituída não mais de estudiosos universitários, mas de membros da corte. Esta intelectualidade palaciana estava mais interessada nos aspectos literários, políticos e na recuperação da bela linguagem dos autores antigos, do que no aprofundamento da ciência constituída na Idade Média. Claro que existiu algum ganho nisso; mas, concomitantemente houve uma perda irreparável. Dessa perda, os itens mais lamentáveis foi justamente a Astrologia e a Alquimia. Quando você aprofunda um pouquinho o assunto da Alquimia e você questiona: vale a pena perder isto para ganhar aquilo que a outra camada deu? A resposta é taxativamente, não! Quer dizer que, para a gente adquirir os conhecimentos de Galileu Por ex.. fosse preciso perder os conhecimentos alquímicos, era preferível não ter Galileu. Se for para acrescentar, sim. Mas o fato é que, que quando uma dessas coisas entram em cena, acabam Por ex.pulsar outras. A gente sabe que a Física de Aristóteles foi contestada por Galileu pela questão do Movimento Retilíneo Uniforme. A Física antiga dizia que um objeto ao qual não se imprime nenhuma força interna, fica parado. Por ex.: esta cadeira está parada porque ninguém a está empurrando; não há nenhuma força externa que a mova. A capacidade de se mover sem nenhum impulso externo era a característica que Aristóteles identificava num ser vivo. Portanto, tudo o mais só se move se estimulado de fora. Galileu dizia o seguinte: o objeto no qual não é impelido nenhuma força externa, ele fica parado ou em movimento retilíneo uniforme. Porém, o M.R.U. como descreve Galileu numa nota de rodapé ele não existe. Ele é apenas uma suposição. Não existe M.R.U. porque tudo o que se move neste mundo encontra algum atrito e é desviado de seu curso pelo atrito. Então, M.R.U., é um conceito ideal, uma coisa que de fato não existe. Então, o que Galileu fez? Ele contestou a Física antiga? Não, ele

inventou um método mais certo de provar que a Física antiga tinha razão. Ele não contesta que o objeto fique parado. Ele apenas fica parado em função da multiplicidade de forças que o atraem ou que se opõem à seu movimento. Mas, a rigor ele não desmentiu a Física antiga. Essa simples diferença de modo de dizer é apresentado como se fosse uma contestação. E, como resultado, a Física antiga sai da área de interesse da comunidade letrada junto com a Astrologia e a Alquimia. Ora, o simples estudo aprofundado da Física de Aristóteles não tem alquimia. Porque, toda a Alquimia, é a aplicação de determinada teoria que Aristóteles foi talvez o primeiro a formular: a teoria da Potência e do Ato. O que é Potência e Ato? Ato é tudo aquilo que determinado objeto já é em determinado momento. Potência é tudo aquilo que ele pode vir a ser. Ora, a capacidade de passar da Potência ao Ato por iniciativa própria é característica do ser vivo. Um cachorro que caminha o faz pela potência, porque ele pode fazer. Não quer dizer que ele faça isso 24 horas por dia. E se nós víssemos um cachorro andando e um cachorro parado, o que moveu o cachorro andando? Foi ele mesmo! Não existiu nenhuma causa externa, muito menos uma causa violenta que o fizesse se mover. Mesmo quando ele é movido por um estímulo externo, este estímulo agiu internamente nele. E ele poderia, em princípio não ter reagido. Por ex.: se ele sente o cheiro, o alimento o atrai e ele se move. Não é o alimento que o fez se mover. Ao contrário, é um desejo que está nele. Ou seja, o estímulo externo age no ser vivo provocando desejo. E isto é o máximo. Agora, no ser não-vivo, o estímulo externo tem que tomar a forma de um impulso. Então, uma bola que é empurrada, não é que ela sentiu um desejo. é o próprio movimento do pé que se transfere à ela. Ora, se nós examinássemos à luz desta explicação, o que seria a passagem do Chumbo ao Ouro, ela só pode ser explicada por uma passagem de uma potência ao ato. Porque? Não existe ato onde não existe potência. Ou seja, nada se transforma naquilo que ela não tenha poder de se transformar. Como Por ex.: um ovo de galinha só pode nascer de uma galinha; não pode nascer de lagartos, abóboras, pedras, seres humanos etc.. Um ovo chocado tem a potência de dali nascer um pinto. E é justamente o fato de ver num metal a potência de mudar sua aparência quando submetido à certas operações exteriores que caracteriza precisamente a Alquimia. O metal tem que ser entendido em toda a extensão da palavra. Tanto a palavra metal, quanto os vários nomes dos metais, quanto os nomes dos planetas, quanto os nomes dos vegetais, quantos quaisquer outros nomes que sejam usados em Astrologia, são todos usados em toda a extensão da palavra. Toda a extensão da palavra significa toda a cadeia de significados analógicos que possa ser legitimamente associados à um deles. É por isso mesmo que estas palavras não têm, em alquimia, apenas o significado do dicionário nem o significado do seu uso corrente mas o significado simbólico. Nós fazemos o uso simbólico de um determinado termo, de um determinado objeto quando nós olhamos este termo ou objeto, não apenas por um dos seus aspectos, mas por todos os seus aspectos que ele pode vir a significar para qualquer ente que entre em relação com ele. Então, se nós pegamos no dicionário a palavra: Leão. Você vai encontrar por definição, que é um animal que vive em determinada região, evidentemente o leão é tudo isto. Porém, no instante em que o leão ataca uma pessoa, toda a consideração de ordem biológica é completamente extemporânea. Você não vai pensar na anatomia do leão, na biologia, na sua fisiologia nesta hora. Você vai ver no leão apenas um perigo temível. Ora, a capacidade de ser um perigo temível não faz parte da descrição

biológica do leão; e no entanto, ela é tão real quanto as suas características anatômicas, fisiológicas etc.. Do mesmo modo, se nós olharmos o leão, nós veremos que ele se destaca dos outros animais por haver nele um certo equilíbrio entre a beleza e a pose. E também pelo fato dele ser ,entre os felinos, aquele que é o menos feroz (embora seja o mais valente). Para quem já foi no Simba Safári em São. Paulo, provavelmente observou os leões e os tigres. Os leões vivem em bandos, pacificamente durante anos. Ao passo que os tigres você não pode sequer juntar a fêmea com o macho: porque um vai matar o outro. Então, o tigre é um bicho solitário, nervoso: o tigre nunca fica parado. Você só vai vê-lo parado se ele estiver muito cansado. Se ele não estiver cansado, ele estará andando de um lado para o outro, e à menor provocação, ele atacará. Você verá o mesmo comportamento em todos os felinos malhados com exceção do guepardo. Existe inclusive uma ciência que estuda isso: a Etologia, que é o estudo dos costumes dos animais. Mas, essas observações etológicas, elas por muito tempo ficaram fora da definição zoológica destes animais. São traços sociológicos do comportamento animal. Que fazem parte da natureza deles, embora por muito tempo não estivesse dentro da área de interesse da zoologia. Então, todos estes traços psicológicos, sociológicos que se associa ao bicho estão nele. Fazem parte da consistência objetiva dele; tanto quanto a sua beleza. Ora, na medida em que esse bicho vive num planeta em que vive outro bicho chamado homem, este homem observa este bicho. E como o homem tem uma memória extraordinária e muito rica (na qual ele é capaz de combinar aquelas imagens).a imagem do leão que ele guardou na sua memória se misturará com outras imagens, e terminará por servir ao homem, por referência, para ele expressar suas próprias emoções, desejos, pensamentos etc.. Poderia-se objetar: Ah, mas isto é apenas subjetivo e faz parte apenas do homem. Como isso é subjetivo e faz parte apenas do homem, se de fato, estes 2 bichos (leão e homem) vivem no mesmo planeta e jamais viveram em outro? Nós estamos acostumados a pensar que uma coisa é a constituição objetiva daquilo que existe fora. Outra coisa é aquilo que imaginamos, sentimos a respeito. Mas, nós já penetramos imediatamente num modo alquímico de pensar na hora que nós entendemos que estas duas coisas não são tão distintas assim: porque aquilo que o homem imagina a respeito do leão em mitos, símbolos, lendas etc., fazem parte da constituição deste bicho chamado homem que sempre viveu no mesmo planeta onde vivem os leões. Nem ele nem o leão poderiam viver numa atmosfera diferente. Isto quer dizer que a presença do leão e do homem no mesmo planeta, não é uma mera coincidência. Do mesmo modo que o leão tem um modo de se relacionar com as gazelas, zebras etc. e um modo de se relacionar com o homem. então faz parte da própria natureza do leão poder constituir um personagem dos sonhos e imaginações, desejos e temores de um outro bicho chamado homem. Por ex.: uma gazela quando atacada por um leão, ela simplesmente sai correndo. O homem corre mas ele conta para os outros homens o que se passou. Aquilo se propaga e fica registrado em pedras, livros, desenhos.. Entendemos que tudo isto é uma propriedade do leão! Ora, ser atacado por uma tartaruga ou uma lagartixa, isso nunca acontece. Quer dizer que toda esta mitologia que o homem concebe a respeito do leão, ela vem de onde? Do leão mesmo! Portanto, a distinção que nós fazemos entre o mundo exterior e o mundo interior, nós temos que vê-la por um outro enfoque para que possamos penetrar no universo da linguagem alquímica. Vou dar um exemplo mais claro: Se nós pegamos dentre os vários metais,

nós vemos que eles têm não apenas aparências sensíveis, consistências diferentes, mas também têm na imaginação humana papéis diferentes. Por ex.: se você tem um metal brilhante e opaco. é natural que você procure fazer adornos com o metal brilhante. Portanto, na hora em que damos preferência à adornos de ouro em vez de chumbo, nós sabemos perfeitamente o que estamos fazendo. Nós não estamos delirando, não é uma projeção subjetiva. A nossa imaginação, ela sempre se baseia naquilo que ela viu. Aristóteles não acredita em imaginação. Para ele existe Fantasia. E a Fantasia não é a capacidade de inventar imagens, de criar do nada. E sim a capacidade de combinar diferentemente as imagens plotadas na memória. De modo que tudo, tudo que a nossa imaginação cria, é feito com elementos tirados da experiência sensível e montados de uma maneira diferente. Se eu faço um homem com cabeça de leão como a esfinge, eu não inventei aquilo do nada: eu compus. Aristóteles crê que imaginação e memória são a mesma função operando diferentemente. Se ela se limita a repetir os dados mais ou menos na forma em que eles entraram, como as relações que tinham no momento da experiência real, isso chama-se memória. Se elas combinam elementos destas recordações de uma maneira diferente daquela pela qual ela recebeu, isto chama-se imaginação. Mas, o papel que os vários entes do mundo mineral, vegetal, animal exercem na imaginação humana não é inventado apenas pelo homem, mas depende das características que estes seres nos apresentaram no momento da nossa experiência sensível com eles. Ou seja, eu posso alterar os dados bastante; mas eu vou fazer esta alteração a partir de elementos da memória. Portanto, a divisão que nós fazemos entre constituição física do universo e o mundo da nossa subjetividade, da nossa imaginação, é uma distinção que só tem valor pedagógico. Mas que na realidade não funciona. Nós estamos tão acostumados com a tradição de ensino de alguns séculos. Uma coisa são as leis físicas: a constituição do cosmos etc.. e outra coisa são as fantasias poéticas que os artistas, os escritores puderam inventar a respeito. Ninguém ousaria tirar de uma descrição poética de uma paisagem uma conclusão de ordem física. No entanto, o mundo objetivo, real a respeito do qual o poeta fantasia, é o mesmíssimo mundo real a respeito do qual o físico faz as suas observações, comparações etc.. Isso quer dizer que a distinção da esfera do imaginário humano e a esfera da realidade física, é uma esfera que não é totalmente real. Ela é funcional, conveniente, mas não quer dizer que elas existam separadamente. Essa é a típica distinção que Aristóteles chamava de real-mental. Não é uma distinção totalmente real porque são coisas efetivamente distintas. Mas são coisas que não existem separadamente. Não é assim, digamos, a distinção entre a realidade do tipo geométrico e a do tipo biológico. Por ex.: se nós quiséssemos estabelecer uma relação qualquer entre o teorema de Pitágoras e a gestação da espécie bovina, nós não íamos conseguir de maneira alguma. Ou seja, estas coisas são efetivamente distintas. Porém, a distinção entre o mundo físico objetivo e o mundo imaginário não é descritivo. Porque através da nossa própria mente, do exercício da nossa própria mente é que nós desenvolvemos uma ciência chamada Física. E esta mesmíssima mente é que vai criar as imaginações etc.. Portanto, a distinção entre constituição física do universo e o mundo imaginário, é uma distinção apenas de enfoque de atenção. Mas não se trata de coisas que existam separadamente. Se entenderam isso aqui, já entenderam o principal da Alquimia. Quando falamos de metal, estamos falando da constituição físico-química deste metal, do que nós vemos nele com os nossos sentidos, do que nós

podemos apalpar da sua consistência, de todos os usos estéticos-econômicos-sociais etc. que podemos fazer dele, e de todo o simbolismo que nós podemos inventar a respeito dele. Tudo isto, está formando um todo organizado. A organização das ciências se preocupa cuidadosamente em separar todos aqueles aspectos (estéticos, econômicos, sociais etc.). A Alquimia faz precisamente o contrário: ela reúne tudo. Não para empastelar tudo mas sim para que você não perca de vista estes vários aspectos da realidade. Quer dizer, o conceito químico do ouro é um, o conceito físico é outro, o conceito econômico é outro. Uma pessoa pode ser a maior conhecedora do valor do ouro no mercado e não ter a menor idéia do que ele é constituído quimicamente. E vice-versa. Um joalheiro também não precisa entender muito da química do ouro. Estes aspectos na cultura, são totalmente distintos e separados. Alquimicamente, não. São todos a mesma coisa. Isso quer dizer que, a propriedade de um metal derreter à uma certa temperatura, faz parte da natureza alquímica deste metal, tanto quanto a propriedade que este metal tenha para ser usado como adorno ou até para aparecer no sonho de determinadas pessoas. ora isso mesmo que o raciocínio alquímico deve ser muito lento. Porque ele não permite atropelações e simplificações que nós usamos no raciocínio utilitário e científico. Em qualquer ciência você reduz o objeto de estudo a certos aspectos, cria para estes aspectos um conceito mais ou menos convencional e só opera com aquele, e esquece o resto. Por ex.: dada as características físico-químicas do ouro, você pode continuar estudando estes aspectos sem você ter que se referir ao aspecto econômico, estético etc.. Você esquece tudo isso e continua a fazer. Portanto, você segue o raciocínio linear a partir de conceitos simplificados e especializados: só evoca um aspecto. Alquimicamente, todos os aspectos que o objeto ofereça em qualquer circunstância, para qualquer pessoa deve ser levado em consideração até a máxima extensão possível: porque todos eles fazem parte da constituição objetiva, concreta. Concreto vem de cum + crescior = crescer junto. Isso quer dizer que todos estes aspectos em que se subdivide o objeto, do ponto de vista das várias ciências que o estudam, todos eles crescem juntos no mesmo objeto real e concreto. Portanto, do ponto de vista das várias ciências, é abstrativo: separa um aspecto e olha para os outros simplesmente por uma questão de facilidade. Mas não quer dizer que este aspecto seja efetivamente separado dos outros na constituição objetiva daquele ente, daquele objeto. Estamos tão acostumados a pensar nos vários aspectos do objeto separadamente que fica difícil mesmo para gente entender isso aqui. Só existe um momento de nossas vidas no qual vemos estes aspectos todos juntos de novo: quando nós sonhamos! É por isso que nós dizemos que a linguagem dos sonhos é simbólica. Simbólico quer dizer precisamente: os 2 lados da bola. Dois é, por sua vez, o símbolo de muitos. Além disso o sonho é arbitrário: porque não somos nós que fazemos. Se estamos acostumados a raciocinar o objeto separadamente quanto à seus vários aspectos, podemos dizer que raciocinamos num mundo abstrato, irreal. De noite nos sonhos, nós recuperamos a concretude: Sim, para compensar. Os sonhos somos nós mesmos quem inventamos. Então é como se nós tivéssemos 2 linguagens deficientes: uma linguagem consciente de tipo abstrativo e uma outra linguagem inconsciente de tipo concreto. Esta última então é meramente projetiva porque sai tudo de dentro de nós. Quem está sonhando com uma vaca, não está percebendo uma vaca. Você está usando da vaca somente os aspectos subjetivos. Então, o sonho é abstrativo também. Porque: se a vaca do sonho der leite e você mamar, você estará alimentado? Não, você

apenas sonhou. Portanto, o sonho só lida com o que os objetos significam para você, e não o que eles são efetivamente. O raciocínio científico, por sua vez, só se ocupa com o que os objetos são sob determinados aspectos que lhe interessa e não pelo o que eles são em si mesmo. Quer dizer: quando estamos acordados, sabemos as coisas por pedaços. Quando nós estamos dormindo, nós vemos tudo junto mas é tudo subjetivo nosso. Então são duas visões ignorantes. Juntar e completá-las.. e tendo em vista uma linguagem que ao mesmo tempo seja de tipo concreto, sintética, não separativa, mas que, por outro lado respeite a constituição da matéria -e não se limite a projetar sobre ele a nossa própria subjetividade isto é Alquimia.

Resumindo: no sonho nós temos um conhecimento global-subjetivo. E na realidade, nós conhecemos objetivamente, mas é um objetivo abstrato. Os dois tipo de conhecimentos são deficientes. É por isso mesmo que é uma balela você acreditar que a linguagem dos sonhos é mais profunda. não, ela é simplesmente diferente. Porque senão, para todo o mundo, bastaria dormir para virar um sábio. Claro que nos sonhos aparecem certos conhecimentos a respeito de você mesmo que você não tem na vigília. Mas, para compensar, desaparecem uma série de coisas que você sabia na vigília e que no sonho não aparece mais. Então, o que é misterioso e profundo é você perguntar: o que são as coisas, os entes do mundo real, quando considerados concretamente e não abstratamente. E quando considerados objetivamente i.é; no que eles são mesmo, não apenas naquilo que eu penso deles.

Aí é que nós entramos num outro tipo de Física baseada em Aristóteles. Eu estudo isso há vários anos e posso garantir que a Alquimia é totalmente fidedigna. Primeiro: a Alquimia é coisa para velho. Porém, deve-se começar a estudar quando é jovem. Porque é demorado. A divisa, o lema da Alquimia é: *Lege, lege, relege et invenies*. Quer dizer: Ler, ler, reler e encontrarás. Isso significa o seguinte: todo o ensino alquímico está escrito. Quer dizer, não há necessidade de nenhuma adivinhação, não existe nenhum conhecimento que esteja oculto, está tudo escrito. Na verdade, nos 2.000 anos desde a morte de Aristóteles até o dia de hoje (há mais ou menos 2.400 anos), a Alquimia é o assunto sobre o qual mais se escreveu. Não é como certos conhecimentos de ordem espiritual que são muito raros, você só tem referências longínquas. Mais ainda, de tudo o que está publicado sobre Alquimia, tudo está repetido. Só que, a leitura alquímica, é uma leitura que tem que ser feita em sentido alquímico. Ou seja, a palavra ler também deve ser interpretada como nós interpretamos a palavra leão (num sentido pleno da coisa). O que seria isso? Você pega lá um texto alquímico. pega a famosa Tábua da Esmeralda. O que é um texto? Texto é uma série de grafismos escritos em cima de um papel. Mais, se você não souber a que sons se referem esses grafismos, você não vai ler nada. Bom, mas se souber somente o som, também não está sabendo nada. Por ex.: se você me der uma página escrita em russo, eu sou capaz de lê-la em voz alta sem muito erro de pronúncia. Só que eu não estou entendendo nenhuma palavra do que estou dizendo. Então o som não basta. Tem uma outra referência. Essa referência é aqui. É um objeto? Não, essa referência é um pensamento. Então, você pega uma palavra estrangeira: ela se refere a um som, que por sua vez se refere à um pensamento possível que eu posso ter. Este pensamento, por sua vez, se acoplado com outros pensamentos poderá se referir a um determinado objeto. Ou seja, uma ligação direta, entre a palavra, o grafismo e o objeto; mas é uma diferença feita através do pensamento. Essa é a diferença entre a

linguagem humana e a linguagem animal. O animal, quando você fala o nome do dono, ele sai procurando o dono. Mas, se eu falo para você o nome de sua mãe, você não sai procurando por ela. Bom, mas você vai procurar, no arquivo de sua memória, algo sobre a sua mãe. Ou seja, você não precisa da presença física dela. Então, a capacidade de referir o som, não à coisas ou à estímulos presentes, mas à meras idéias, é isso mesmo que distingue a linguagem humana da linguagem animal. O arquivo animal tem um monte de palavras e signos. Mas signos de coisas presentes. E só ocorrerá ao animal lembrar estes signos na presença do objeto. Por ex.: o macaco é capaz de fazer um raciocínio do tipo assim. Você coloca uma banana a 2 metros de altura; e coloca 2 pedaços de pau: um com 0,5 metros e o outro com 2 metros. Ele já vai logo e pega o pau de 2 metros para alcançar a banana. Isso quer dizer que ele completou o raciocínio. Mas ele só completou porque a banana estava lá e o pedaço de pau também. Ele não vai poder fazer hipótese: Ah, se eu tivesse um pedaço de pau com 2 metros para colocar aquela banana que talvez eles coloquem amanhã. Ou seja, ele raciocina com símbolos presentes. Nós como ausentes. Então: grafismo, som, idéia. Ora, esta idéia é uma idéia sensível, visível? Digamos: toda vez que eu falo da sua mãe, você precisa lembrar da imagem dela? Não. Ou seja, basta a idéia mais ou menos desvinculada da imagem sensível. Não: é um retrato da sua mãe que aparece. Grafismo, som, idéia. Da idéia vamos para a imagem. Mas esta imagem é imagem sensível diretamente saída da experiência? Não, é a imagem simplesmente guardada na memória. Então, temos toda a cadeia: grafismo, som, idéia, memória/imagem. e isto remete por sua vez à uma experiência sensível. Veja toda a cadeia de saltos que você teve que dar. Agora, na ordem da experiência real é ao contrário: primeiro a experiência sensível, depois memória, depois idéia, som e grafismo. Mas na hora de ler é o contrário. Você lê primeiro o grafismo, o grafismo te evoca o som, o som evoca a idéia, a idéia evoca a imagem. Por exemplo, você está lendo o seguinte texto: Sr. Fulano de tal, foi assaltado no Largo da Carioca, levou um tiro, foi conduzido ao Hospital Miguel Couto; morreu e foi sepultado no cemitério tal. Ora, para você entender isso é necessário que você reproduza a imagem do Largo da Carioca, a imagem do hospital, a imagem do cemitério? Não, você se contenta com a idéia que é uma referência mais ou menos remota à possível imagem. Ora, se você não chega até a imagem, muito menos você chega até o estímulo sensível. Ou seja, para eu saber o que é o Hospital Miguel Couto, eu não preciso estar tendo presentemente a sensação física do Hospital. Isso quer dizer que a leitura evoca normalmente apenas a idéia abstrata e no máximo a imagem da memória. Ora a leitura alquímica não é assim. A leitura alquímica tem que percorrer toda a linha. Você entenderá o texto alquímico na hora em que você tiver a experiência sensível, física das coisas que lá estão ditas. É uma leitura muito lenta. Se você ler a palavra metal, eu vou apenas lembrar o conceito abstrato dele ou então vou lembrar apenas um aspecto da aparência sensível. Mas, este metal não está, por assim dizer, totalmente presente à você. Enquanto não está presente, ainda não é leitura alquímica. É leitura abstrativa. Então essa divisa: *Lege, lege, relege et invenies*, significa o seguinte: Se todas as vezes que você lê um texto alquímico você lembrar de pensar que você ainda não o está compreendendo porque as coisas à que ele se refere só estão presentes em idéia e que portanto você vai ter que ler de novo. você terminará aprofundando esta leitura de tal maneira que os objetos referidos que são metais/vegetais/minerais etc., deverão estar fisicamente presentes. Mas onde? Se

o texto fala em minerais, vegetais, planetas, eu não posso reunir tudo isso e ficar olhando para eles. Portanto não é esse tipo de presença física. Aonde você vai encontrar todos esses objetos de que fala o texto alquímico? Você vai encontrá-los naquele pedaço do mundo material que o acompanha onde quer que você vá: que é o seu corpo. Então falou-se em prata, perceba a prata porque tem algo de prata aqui neste corpo (não na imaginação, no corpo mesmo).

aluno: Você pode fazer uma leitura sem o som?

Prof.: Pode, mas não seria alquímica. Porque todos estes aspectos tem uma razão alquímica, uma razão de ser. Em Alquimia nada é abstrato. Você fazer uma leitura disso aqui indo direto do grafismo para a idéia, sem passar pelo som, você estaria soltando um dos aspectos físicos ligados à presença daquele objeto. O som que designa o objeto está presente em mim tanto quanto o corpo do objeto. Isso quer dizer que uma leitura alquímica de um texto, pode levar a vida inteira. Até que estas coisas estejam efetivamente presentes; não em imaginação, mas nos seus equivalentes físicos reais. A Alquimia é uma ciência de ordem espiritual mas ela só lida com elementos materiais porque, se querem saber, tudo aquilo que não é material não é espiritual também. Se você perguntar assim: O que é a alma humana? Todos nós imaginamos que a alma humana é uma parte distinta nossa que quando o nosso corpo morre, continua a existir: Quem acredita em alma pensa que é assim. Bom, mas é claro que isso aí não existe. A alma não existe sem o corpo durante um único minuto. E isto não está longe do que diz o Cristianismo. O Cristianismo diz o seguinte: não é que a sua alma continua a existir. Você morre, e o substrato físico da sua existência não existe mais. Como a alma não tem jeito de existir sem corpo, você só existe num determinado departamento da realidade. Que é o que? A mente de Deus. Você só existe como recordação de Deus. Mais ainda, o dogma cristão não diz que você vai continuar existindo depois de morrer: diz que você vai renascer; você estará refeito em corpo e glória. Ora, a partir da hora que você morreu, você não tem mais memória porque a memória é uma função corporal, depende dos nossos sentidos. Então, sem corpo, não tem memória. Depois que você morrer, para você, quanto tempo passou do momento que você morreu até o momento que você foi refeito em corpo e glória? Nem um minuto! Nós aqui sabemos que você não foi para o Juízo Final. Mas para você, não importa, porque em todo este tempo você só existe em Deus: nele vivemos, morremos e somos. Aristóteles dizia que a alma era a forma do corpo. E o que ele entende como forma? Não é corpo, não é perfil. Ele diz que: uma mão cortada do corpo, ela tem figura de mão; mas não tem forma de mão. Porque forma é função. É aquilo para a qual a mão serve. É o exercício pleno da função de mão. Forma para Aristóteles é a essência mesma do que a coisa é. É a finalidade; A alma é a manifestação perfeita e plena do que é o corpo humano. Você pega um violino que tem cara, corpo etc. de violino; mas que não soa como violino. É imitação. Daí você pega uma coisa que não se parece com violino mas que soa como violino. Qual dos dois é violino? O último, claro. Porque toda aquela forma, aquele corpo, ele só existe em função do som que ele vai produzir. O som do violino está para o violino como a alma está para o corpo. A alma é a perfeição do exercício do conjunto das funções a que se destina o corpo humano. Alma e corpo não existem separadas: podemos pensá-la separadamente. Como o compositor consegue a melodia que vai ser tocada pelo violino sem pensar em qual violino vai materialmente vai chegar a tocar a melodia. Mas pensar é uma coisa, existir

é outra. Do mesmo modo, Deus está relacionado à você. Deus pode pensar esta alma individual independentemente da matéria, do pedaço de carbono que ele vai usar para fazer você. Mas neste instante você existe apenas como pensamento de Deus. Aquelas pessoas que dizem: conversei com um morto. Esse cara está é doido. Conversou com algum bloco de energia física que após a dissolução daquele corpo falou com ele. Esses fenômenos existem. O que está errado é a interpretação que se faz deles. Assim, como se pode sobrar pedaços do corpo visível, pode sobrar blocos de um corpo que é invisível, mas físico. Você imagina o seguinte: em volta de cada fiozinho elétrico, você tem um campo. Se você pegar todos os nervos do nosso corpo e emendar, dá o fio mais comprido que você já viu. Você imagina o tamanho do campo magnético que tem em volta disso. Esse campo, ele pode se grudar acidentalmente em outros fios. E pode se reproduzir imagens, sons, palavras etc.. que são pedaços do seu campo energético em decomposição. Então, o cara não conversou com morto nenhum e sim com um pedaço dele. São resíduos. Isso não quer dizer que o indivíduo se tornou irreal. Ele é real na medida em que você tem a crença em que Deus sustenta as suas promessas. então você acredita que ele vai refazer. Todo mundo tem a idéia do que seja ir para o céu. Você tem uma série de coisas que você desejaria para este céu: que seu filho, seus pais etc. estivessem lá. Talvez não seja exatamente assim. Se não for assim, formule assim para que seja melhor; pior não. O que quer dizer melhor? Melhor não quer dizer diferente. Então, tem um poeta que disse ao ver uma paisagem: Eu não concebo que no céu possa haver uma paisagem melhor do que estas. O que pode ser melhor é o seguinte: Lá eu tenho um olho melhor do que este. Então, o que eu quero do céu? Quero que seja exatamente como é aqui em baixo, mas que eu tenha um olho melhor, mais limpo. É uma maneira de escrever: a capacidade de enxergar para melhor não quer dizer diferente. Se for totalmente diferente então é outra coisa, aí não serve. Há muito tempo atrás eu tive um sonho muito elucidativo: sonhei que fui para o céu e lá havia um parque de diversões e minha mulher estava lá só que criança brincando de boneca. Aí eu disse: Aqui não é o céu não, você me enganou, vou embora! Isso mostra uma desarmonia entre a necessidade das aspirações humanas e os símbolos de felicidade. Esses símbolos também são abstrativos. Porque uma coisa que representa a felicidade para você, em certo momento no caso da minha mulher e em outro momento pode se um tormento? Então, o céu não se compõe destas coisas. Deve haver uma certa adequação entre sujeito e objeto para poder ser um céu. Este tema é uma das meditações mais essenciais: o que seria o melhor? O que queremos dizer com melhor? Esse nosso melhor não é abstrato? Se ele é abstrato, é sinal de que você não vai obter. Pensar neste melhor e tentar realizá-lo é precisamente uma leitura alquímica. O que é o melhor considerado concretamente? Isso é; no conjunto que o torne real? A diferença entre real e irreal é apenas concretude. Eu posso dizer que você aqui são reais porque eu os estou vendo por inteiro, não em pedaços. Então, toda a sua vida, sua biografia, não está ali? Ou ela deixa de existir e só existe você aqui sob o aspecto abstrato de vocês serem alunos? Claro que não. Agora, se vocês se ausentam e eu penso apenas em vocês como alunos, eu não estou me referindo a um ser real: mas à um aspecto abstrativamente separado do ser real. Para certos tipos de pensamento e também para a investigação científica, basta o pensamento abstrato. Mas para o pensamento alquímico, não! Então, o que é o melhor considerado concretamente? Por ex.: eu imagino uma casa de campo. Aí eu penso. Quanto vai custar esta casa? Se me custar

alguma coisa, já não está muito bom. Subentende-se que não podemos obtê-la sem esforço. Se você está pensando no melhor do melhor subentende-se que aquilo não vai custar sofrimento. Continue neste raciocínio e você verá que não pode ser assim. Porque o mundo teria a instabilidade dos seus pensamentos. Por ex.: quero uma suíte presidencial no Sheraton e depois um castelo na Provence. Eu imagino as duas coisas boas e passo de uma para a outra. E se a casa melhor que você for ter no céu é assim, será uma bela porcária. Porque você acabou de pensar numa suíte, depois pensou num castelo, já mudou. Não pode ser assim. Então se você tentar imaginar um mundo melhor concretamente meditando é com Deus. Tudo o que for melhor do melhor é com Deus. Tentar imaginar o melhor do melhor é a prática mais importante que existe. É melhor do que você ficar rezando. Reza-se quando você não consegue meditar. Quanto de esforço você já fez para tentar imaginar, conceber um melhor? Então você nunca pensou em Deus, na sua vida. Se você nem fez esta meditação que se destina ao propósito último da operação alquímica não tem Alquimia. Eis aí, já a primeira prática alquímica: meditação sobre o bem. O bem o que é? O melhor. O Bem não expressa bem a idéia que ela contém. Porque o Bem é uma coisa boa; mas nós estamos falando de uma coisa que é melhor do que boa; é o melhor do melhor. É o maximamente bom, o bem infinito, ilimitado. Porém, um Bem infinito, ilimitado, que não é acessível à você, deixa de ser bom na mesma hora: se não podemos pegar o infinito, então escapou da minha mão. Então, um bem infinito, mas que esteja na escala humana, este me serve. Seria o sapatinho da Cinderela que não encaixa no pé: não resolve. O bem infinito na escala do humanamente possível, realizável, executável, isso é precisamente a esfera do Cristo. O Cristo é o divino humano. Daí as duas meditações: O supremo Bem e o supremo Bem na escala humana. Isto se exemplifica na seguinte frase de Cristo: ninguém vai ao Pai senão por mim! Ou seja, quanto mais você tentar pensar no supremo bem em si mesmo, mas não na escala humana, mais ele te escapa. Aí você está em dívida, aí vai para o inferno. Por isso Cristo usa a imagem do sujeito que entra pela porta e é recebido. E aquele que entra pela janela é espancado pelo dono da casa. Esse negócio do caminho que vai para o véu no Islamismo eles levavam perfeitamente a sério. Uma vez perguntaram a Maomé porque morriam criancinhas? Ele respondeu que as crianças quando chegavam na porta do céu se recusavam a entrar sem os pais. Aí Deus era obrigado a salvar o pai e a mãe dele. Então, muitas vezes isso aí é um recurso usado pela providência. Os pais foram salvos pela teimosia da criança e Deus atendeu. Então, muitas idéias infantis a respeito de céu são levadas muito a sério em doutrinas religiosas. Muito bem, o Cristo simboliza o ápice da condição humana. O Cristo é ao mesmo tempo que é divinizado, ele não perde a condição humana. Mas é transcendente e imanente ao mesmo tempo. Por isso mesmo que está na cruz, no limite. Isso é um dos simbolismo do ouro: O estado humano perfeito. Na escala humana é equivalente ao significado essencial do ouro e será a etapa final das transformações alquímicas. Mas o metal vai passar por um série de estágios: partindo do chumbo vai passar a ser estanho, ferro, etc. para chegar ao Ouro. O ouro é este estágio final que seria o metal perfeito. No mundo dos metais, o ouro corresponde aquilo que o Cristo é no mundo humano. Como é que nós vamos fazer isso se não conseguimos nem pensar. Então a operação alquímica número um é pensar. Pensar o que? O imaginar concreto. Imaginar a máxima perfeição do ser humano, não segundo um estereótipo mas segundo aquilo que te satisfaz efetivamente.

E, ao mesmo tempo imaginar a suprema felicidade, a bem aventurança humana. Uma das deficiências da doutrina cristã desses 2.000 anos foi que ela nunca descreveu o céu. A imagem do céu cristão é uma chatice: só tem anjinho tocando harpa. Isso é uma caricatura. Deus não nos mandou o Cristo que sofreu à beça para nos garantir um lugar que só tem anjo tocando harpa. Porém não faz parte muito do ensino da doutrina cristã imaginar o céu; o que é um grande erro. Na tradição islâmica pelo menos 1/3 de todo o Corão, é a descrição de como é o céu. É um céu proporcionado à mentalidade do povo árabe do século VII a quem aquela mensagem foi dirigida inicialmente. Então, prometia ao sujeito que ele ia ter 7900 mulheres, um castelo com paredes de diamantes. Tudo aquilo era o máximo, mas para aquele indivíduo humano concreto. Então, o céu é subjetivo: só pode existir o céu à medida da individualidade humana. É um céu para aquele cara lá; não um céu genérico. Um céu genérico não é céu para ninguém: é como fazer sapato 38 para todo mundo. Então, tem que ser um céu proporcionado não só à condição humana, mas à você também. Então, no Corão, tem aquelas descrições de céu (como transar com uma virgem depois ela voltava a ser virgem de novo) que pode parecer à indivíduos de outra cultura uma enorme chatice. Para os árabes era uma imagem hipertrófica, mas humanamente concebível; tanto que é dizível: se fosse inconcebível não dava para dizer. Bom, podemos imaginar um monte de maneira mas uma imagem tem que ter. E você tem que imaginar e criticar ao mesmo tempo esta imagem de céu. Se você não tem imagem, da beatitude, da bem aventurança, como é que você vai querer chegar lá? Vocês vejam quantos anos vocês tem e nunca nem um padre, nenhum professor de filosofia, te falou isso. Por isso que agente vive numa época bastante idiota. Platão vivia falando isso: tem que pensar no supremo Bem!

Aluno: Você estava falando que para agente imaginar um Bem como a compra de uma casa vinha sempre acompanhado de um esforço.

Prof.: É que este céu que estou falando teria que ser completamente destituído de esforço. Mas no meu entender, não. Porque se não tivesse esforço não teria tensão alguma. E não aconteceria absolutamente nada, porque o céu não é Deus. O tipo de existência eterna e imutável é do próprio Deus. Não foi isso que ele disse para nós. Ele não disse: você será Eu! Ele disse: você terá um pouco de glória, você terá uma existência que não será eterna, mas será perene. Eterno não pode ser porque o que é eterno não tem começo. A perenidade não significa uma coisa estática. Mas há um movimento de tipo cíclico: acontece um monte de coisas, você chega no fim e depois passa para outra. Igualzinho ou um pouco diferente. Exatamente como num jogo. Termina o jogo, você vai jogar o mesmo jogo. Não vai ser exatamente o mesmo jogo, vai ser um pouco diferente. Então, eu suponho que o céu seja uma existência cíclica indefinidamente variada conforme a felicidade de cada qual. Ora, neste jogo existe um esforço. Mas, se você quiser parar de jogar, não acontece nada de mal. O jogo, o brinquedo a brincadeira é um dos aspectos da felicidade. Certamente este elemento lúdico não pode estar ausente no céu. Motivo pelo qual no meu sonho apenas aquele jogo não me interessava: era um jogo de criança; não era aquilo que eu queria. Esta é a principal ocupação humana: você tentar pensar no melhor mesmo sem pensar em Deus. Como é que eu vou pensar em Deus sem pensar na minha própria satisfação? Se eu tento imaginar Deus fazendo abstrações da minha própria satisfação, eu estou

tentando imaginar um Deus que está fora, que está oposto à mim. Mas se ele está oposto à mim, não está me atendendo por dentro, então eu e Deus estamos separados; estou pensando na minha separação de Deus, estou indo para o inferno. Qualquer pessoa que te mande pensar em Deus, e não te avisa que é para pensar na tua própria felicidade, ele está te mandando para o inferno. Você tem que pensar numa coisa que te contente: no contentamento. Isto é o próprio Cristo. Agora, se você pensar em Cristo somente no personagem nas suas virtude morais, bom virtudes morais do tipo ascéticas, elas não são em si mesmo um a felicidade. O asceta que faz jejum não fica feliz em passar fome. Ele o faz por uma finalidade. Senão ele seria um idiota perfeito. O Asceta renuncia à alguns bens que acidentalmente estão lhe fazendo mal. E isso se refere à qualquer procedimento moral que você faça. Se você se recusa a comer a mulher do seu amigo, não é porque não seria bom ou desejável. Ruim seria a tristeza do seu amigo. Você renuncia à isso porque é um bem mas que veio contaminado por um mal. Se só dá para ter este bem à custa de um mal, eu não quero. O ascetismo é a ação reflexa da meditação sobre o Bem Supremo. À medida que você pensa no melhor do melhor, você vê que ele é um bem diferente dos bens desta vida. Os bens daqui são relativos: eles dependem de uma circunstância, de um lugar, de um tempo etc.. Se você for transar uma semana sem parar, este bem já não fica bom. Porque este bem é relativo: depende a relação com o vizinho. Esta conjunção de bens e males, de bens relativos e males relativos, essa é a vida que nós vivemos. Isso quer dizer que: a medida que você raciocina, medita sobre o bem supremo, você aprende a medida dos bens daqui. Claro que esses bens nunca são absolutos; são sempre relativos. Como diz S. Paulo Apóstolo: tudo é bom mas nem sempre conveniente. Conveniente é aquilo que pode vir junto. Essas todas aqui não podem vir juntas porque pedem de nós uma hierarquização racional dos bens e isto mesmo é que se chama moral. Moral é preferir umas coisas e preterir outras. O bem supremo seria aquele: nada é preterido, tudo é preferível; tudo seria bom. E dá para ter a conjunção de bens de diferentes espécies que na condição terrestre são impraticáveis. É justamente por causa desta consciência do bem supremo que se faz às vezes uma renúncia à determinados bens positivos terrestres.

Aluna.: O supremo bem é de ordem moral?

Prof.: Não. Porque o céu não tem moral. A moral implica sofrimento, renúncia. Isso não é o que agente quer ter no céu, não é? Então, deve ter uma maneira de você agir sempre certo sem precisar renunciar. No céu deve ser assim porque aqui não dá. Aqui, a gente tem que hierarquizar. E essa hierarquização é feita não somente pelo indivíduo como pela coletividade inteira. Na coletividade, sempre tem um certo número de pessoas que renunciam a quase tudo. Os ascetas Por exemplo: eles renunciam em primeiro lugar para não incomodar os outros. Todos aqueles bens que você renunciou, você não vai disputar eles com ninguém. Isso faz parte do ascetismo terrestre. O ascetismo celeste não faria o menor sentido. A meditação do Bem supremo pode levar à você a renunciar certos bens terrestres. Mas isto é a acidental. Pode acontecer, pode não acontecer. Pode ser importante para algumas pessoas, para outras, não! Quando um monge budista se recusa a pisar numa barata ele pensa: pode ser que eu renasça como barata. Está tentando não incomodar o Cosmos. Também tem a estória de Maomé. Ele estava fazendo uma pregação e apareceu um gato e ficou grudado ali na roupa dele. Ele terminou a pregação, ficou ali sentado horas esperando o gato acordar.

SEGUNDA AULA (10/01/96)

As línguas sacras, elas dão uma idéia precisa do que é essa coisa do simbolismo. Hoje em dia o pessoal distingue entre o que é o uso utilitário, literal da linguagem, do que seria um uso simbólico. E o uso simbólico, no entender da doutrina acadêmica vigente, é um uso que acrescenta à palavra as intenções subjetivas do falante. Embora o conceito de simbolismo não seja nada disso. O simbolismo é apenas o significado tomado em toda a sua plena extensão. Se você pegar qualquer manual de teoria da literatura, ele vai te falar da diferença entre a linguagem utilitária e linguagem literária e poética (ou simbólica). Agente pode dizer que poético ou simbólico é aquela linguagem na qual, ao significado literal ou utilitário, se acrescenta uma intenção subjetiva. Nesse caso, todos os significados simbólicos são apenas projetivos i.e.; a alma do indivíduo que ele projetou em cima de palavras que realmente não significam nada mais além de certos objetos físicos do mundo exterior. Então, este conceito de simbolismo, eu acho totalmente errado. Simbolismo não é acrescentado. O simbolismo só consegue captar certas relações objetivas que existem. E um exemplo máximo disso aí é o simbolismo da luz.

A Luz simboliza a inteligência, a consciência. Você não está utilizando uma figura de linguagem; você está dizendo uma coisa quase literal. Você imagina o homem no tempo das cavernas, aonde não havia luz elétrica. Algum dia, um indivíduo percebeu que havia Sol. Na mesma hora em que ele prestou atenção na luz do Sol, ele, ao mesmo tempo, percebeu a luz e a consciência que ele tinha de luz. O que é você perceber luz senão você perceber que o seu olho está sendo afetado por ela?. Então, não é possível você perceber que existe uma luz sem que, no mesmíssimo ato, indissolúvelmente, você perceber a sua consciência da luz. Então, neste caso, o objeto que você está conhecendo e o ato subjetivo de conhecer, formam uma unidade inseparável. Esta relação, ela não aparece tão nítida nos outros objetos além da luz. Porque? Porque os outros objetos você não os vê diretamente; somente através da luz. Portanto o objeto dos objetos i.e.; o modelo das percepções, é a luz. E na percepção da luz, não existe intervalo entre o subjetivo e o objetivo: consciência de luz é a mesma coisa que percepção da luz. Perceber uma luz é perceber que a percebe. Então, na percepção da luz, não existe intervalo para entrar aquela cunha da dúvida cética a respeito do conhecimento. Eu posso duvidar que estou vendo esta cadeira. Eu posso achar que ela é uma projeção subjetiva. mas eu não posso fazer esta operação com a luz. Você veja que se você imagina uma luz, instantaneamente o seu olho começa a ter todas as reações, como se tivesse havido uma luz mesmo. Quer diz, a reação fisiológica é a mesma se você imagina a luz ou se você a vê. Quer dizer que o seu olho, de certo modo, está produzindo uma luminosidade interna. Então, partindo do exemplo da luz representando a consciência, isto é um simbolismo; e ao mesmo tempo isso não é nada que esteja sendo acrescentado literariamente ao objeto luz. É quase uma transcrição literal. Essas propriedades, os outros símbolos também têm, mas não de uma maneira tão evidente. Então, linguagem simbólica é aquela que, apenas não separa alguns significados como faz a linguagem corrente mas os engloba. Por ex.: na hora em que você está lendo um livro de zoologia sobre o comportamento dos hipopótamos, você está usando a palavra hipopótamo como termo que designa um conceito zoológico preciso de uma espécie animal. Portanto, você só está interessado

em que todos os hipopótamos possíveis tenham em comum, e que está exatamente englobado neste conceito. Portanto, você não está interessado num hipopótamo em particular que possa ser percebido pelos sentidos. Isso quer dizer que este uso, ele é seletivo: ele só se interessa por certos aspectos do ser designado. O uso simbólico, ele faz ao contrário: ele se interessa por todos. Ou seja, o conjunto do significado zoológico da palavra hipopótamo, está englobado também. Só que ele não se separa, Por ex., da impressão sensível que te dá o hipopótamo. Por ex.: é impossível você ver um hipopótamo sem você ficar muito impressionado com o tamanho do bicho! Mas isto não é subjetivo, ele é grande mesmo! E isto, do ponto de vista zoológico, é irrelevante. Ou seja, as relações que existem entre essa espécie animal e a espécie humana no sentido da percepção de um pelo outro não fazem parte do estudo zoológico do hipopótamo, mas são uma realidade. Fazem parte do símbolo. Nem todas as projeções subjetivas são tão subjetivas assim. A maioria delas vêm de traços percebidos no objeto, não são projetivos. Por ex.: O leão é o rei dos animais! Parece uma coisa projetiva porque de fato, o leão não tem autoridade nenhuma sobre os outros animais. Porque atribuímos isto à ele? Porque o leão tem uma série de qualidades que você vê distribuídas em vários animais separadamente, mas que nele estão juntas. E formam um certo equilíbrio, uma certa centralidade no reino animal. Por ex.: pelo fato dele ser o mais forte e ao mesmo tempo o mais manso. É um bicho gregário, tem um comportamento do tipo paternal. e portanto onde se instalar uma tribo de leões, um leão sozinho não vai mandar nada, mas a tribo certamente domina. Exatamente como um rei, que não domina sozinho, mas através da tribo. Isso tudo são realidades, não é um modo de dizer. o leão exerce sobre sua tribo uma função real, não é uma projeção, uma figura de linguagem. Provavelmente existiam Reis Leões antes de existirem Reis humanos!. E não é impossível que uma certa estrutura da sociedade humana tenha sido copiada do reino animal. Todo simbolismo, se você cavar fundo, você verá que ele nada acrescentou ao objeto. Por ex., no simbolismo do chumbo, veremos que ele vai designar a melancolia. Saturno simboliza a melancolia. Porque? porque é aquele planeta frio, com uma roda de gelo em volta etc.. Agora, peque um indivíduo que se intoxique com chumbo. Ele vai ficar melancólico, desconfiado. Então isso não é tão simbólico no sentido pejorativo da palavra. É uma transcrição de propriedades que estão objetivamente naquele ser. Metáfora é o uso poético que você faz de uma palavra acrescentado à ela emoções subjetivas que não são de natureza universal; mas que estão ligadas a uma determinada experiência. Como Por ex., um lugar onde tive o 1 encontro com a minha namorada. Este mesmo lugar pode significar uma coisa completamente diferente para uma outra pessoa: ela pode ter sido assaltada lá. Agora, quando se trata de um simbolismo autêntico, basta você cavar um pouquinho, que você vai ver que aquilo expressa a universalidade da experiência humana com relação àqueles entes. Por ex.: o fato do céu ser elevado. E também o fato do céu ser chamado de firmamento. Porque que isto acontece? porque as estrelas estão sempre nos mesmos lugares. É a única coisa que permanece num mundo que está em contínua mudança. Se o homem antigo, das cavernas, associou à Terra como um mundo em perpétua mudança e associou o céu com a idéia de permanência e estabilidade, ele não estava fazendo uma descrição subjetiva, ele estava fazendo uma descrição óbvia da realidade das aparências. Por ex.: a paisagem que muda ao longo do ano. mas, em qualquer época do ano, esteja no céu aonde estiver, você pode tomar

as mesmas estrelas como orientação. O fato de que as estrelas também se movam, não modifica nada; porque elas se movem num tempo que, comparado com a mutabilidade terrestre, torna-se desprezível. Bom, então isso é um simbolismo no sentido estrito do termo e não no sentido literário da coisa; é símbolo e não metáfora. O que vai caracterizar estes grandes poemas sacros é que eles são constituídos inteiramente de símbolos. E a poesia, a literatura é um arremedo disto. A literatura todinha é apenas um comentário dos poemas sacros. Portanto, se você pegar toda a literatura universal, não existe um tema narrativo que já não esteja contido nas Bíblia, nos Vedas, etc.. As situações arquetípicas que são colocadas nestes livros, elas podem ser indefinidamente copiadas. Existe até um livro sobre isto: *The Great Code*; onde o autor pega a literatura do ocidente e a bíblia e ele vai mostrando que a literatura ocidental inteira é apenas um comentário da Bíblia. Da mesma forma, a literatura oriental inteira é apenas um comentário dos Vedas. Goethe observava que de toda a imensidão de poetas árabes que haviam, ele só levava a sério uns oito. Oito que, conseguiram falar alguma coisa do Corão que você não descobriria sozinho apenas lendo-o. Foi para isto que estes oito serviram, apenas isto. Um estudo aprofundado dos grandes textos sacros, terá pelo menos esta virtude de diminuir o seu interesse literário. a coisa terá menos graça do que parece. Você precisa também conhecer um pouco da língua para você poder entender a riqueza que se tem por detrás do texto. Por aí dá para ter uma idéia das propriedades inusitadas, da imensa profundidade que têm estes textos. Por ex.: no árabe você tem todo aquele negócio da permutação de letras. pela numeração das letras .você tinha uma frase, você pega por nome e obtinha outra frase. e todas elas interligadas. Não tem texto humano capaz de fazer um treco desse. Bom, aí se você não acredita em Deus.se você pega um texto sacro você que não tem humano capaz de fazer isso; é absolutamente impossível. Esta é a maior prova de Deus. Os capítulos, as Suras que quer dizer forma são considerados seres vivos. Cada Sura é um ser diferente. Sura age, anda, vai de um lado para o outro, toma decisões. As suras são individualidades, formas viventes; é um ser auto-consciente, como se fosse um anjo. É um conjunto de grafismos; só que não são grafismos humanos, e sim divinos. Você quando escreve, você usa palavras que significam coisas. Agora, quem foi que escreveu as coisas? Foi o próprio Deus! Isso quer dizer que estes textos sacros têm uma estrutura semelhante à realidade mesmo. Por trás da escrita, você vê uma outra escrita constituída de coisas. Não é que você vá interpretar um texto; ao contrário: você vai usar aquele texto para interpretar a realidade. O texto é como se fosse um mundo abreviado. Para se ler um texto sacro é preciso ter uma série de avisos, senão você não vai entender nada.

Bom, mas o básico aqui, agora é entender estes conceitos fundamentais como esse da Potência e Ato. Se não tiver potência e ato, não vai ter alquimia nenhuma. Alquimia seria a ciência da transformação, da mutação. Como é que muda uma coisa em outra. Ora, essa mudança de uma coisa em outra pode tomar um sentido psicológico ou moral. Então, se você tiver um vício, como é que você o transforma numa virtude? Então é claro que você não pode transformar um vício em virtude se algo da virtude não estiver nem em potência contido no mesmo vício. Por ex.: os preguiçosos não são intrigantes. Para fazer uma intriga, dá trabalho, não é? O fato de você ter determinado vício te defende contra um outro. Num procedimento alquímico, a coisa seria você combater determinados vícios não fazendo face à eles com uma

virtude; mas com um outro vício. Se você estudar todos os códigos morais, você terá uma coleção de exigências. Então o que seria um homem virtuoso? Se ele cumpre os 10 mandamentos. O que são os 10 mandamentos? É a conduta ideal; E a conduta ideal não existe! Então ninguém os cumpre. Então, partindo do estado atual, como chegar até lá? Seria através de uma alquimia psicológica, moral etc.. Note bem que não é uma disciplina. Disciplina significa você se abster de fazer certas coisas. Por ex.: parar de fumar. Você corta este vício não se importando com as conseqüências psicológicas que isso vai ter. O procedimento alquímico não é este. Alquimia é transformar alguma coisa; não é substituir. Se você substituí, o processo é inorgânico; é por uma justaposição mecânica, de fora. O processo alquímico é transformar uma coisa para que ela vire a outra. Você não vai fazer uma contra-posição entre um vício e uma virtude. Você vai procurar sim, a raiz da virtude no próprio vício. É difícil; mas é por isso que poucas pessoas a praticam. Muito poucas pessoas têm capacidade para isso. Aí tem que ser por justaposição mecânica, tem que cortar uma coisa e colocar outra no lugar. Isto aí é um procedimento disciplinar; você proíbe o indivíduo de certos comportamentos. E ele, então, movido pelo medo vai internalizar este medo e corta o vício. Mas não houve transformação. Este tipo de educação disciplinar, ela não diz respeito à alma do indivíduo interiormente; ela diz respeito às relações entre o indivíduo. Por ex.: Um indivíduo que rouba e pára de roubar. Ele parou de incomodar os outros; ele não melhorou internamente. Então, a disciplina visa a manter uma ordem social; em cortar dos indivíduos aqueles vícios que sejam absolutamente intoleráveis. Mas ela não muda os indivíduo; eles continuam tão ruins quanto antes. O processo alquímico muda o indivíduo mesmo ainda que isto não se traduza em mudanças muito visíveis -. O estado interior dele não vai se expressar necessariamente em qualidades humanas tão brilhantes assim como se poderia esperar. Mas um outro indivíduo que tenha as mesmas qualidades, o reconhecerá! Por ex.: Se você lê Jean-Jacques Rousseau e depois lê Leibniz. Claro, os dois têm idéias diferentes. Porém, existe uma diferença a mais: As idéias que foram escritas por Leibniz, são o próprio Leibniz; aquilo é o interior dele, ele não está escondendo nada. Jean-Jacques Rousseau, não. Aquilo são apenas obras escritas de Jean-Jacques Rousseau: ele não está comprometido com aquilo que escreveu. Mas você precisa ter uma prática e uma certa realização interior para poder pegar esta diferença. Eu não vou levar a sério as idéias de Jean-Jacques se nem ele mesmo leva. é apenas alguma boa idéia que ele teve num determinado momento; mas que pode não significar grande coisa para ele mesmo. Então, a alma de Leibniz, é mais perfeita. As idéias dele pode não ser nem tão boas quanto a do outro, consideradas isoladamente. Mas, no conjunto, vai ter uma solidez, uma centralidade que o outro não tem. Agente só pode perceber aquilo que está no nosso plano. Quanto mais você vai se aperfeiçoando, mais você vai descobrindo outras virtudes e qualidades que você não via. Agora, você pode também ser um indivíduo culto, instruído mas não ter a cultura da alma. Então, está no estado mais baixo; está no estado chumbo: é um grosso! Quanto mais baixo você estiver, mais você vai tender a ver mais defeitos do que qualidades. Porque as qualidades são invisíveis, ao passo que defeito qualquer um vê. Agente percebe logo se o cara é feio, gordo, defeito aparece logo. Agora, as qualidades são potências que não aparecem o tempo todo. Por ex.: o caráter heróico. Ora, o caráter heróico só se mostrará quando as circunstâncias assim o exigir. Duas pessoas postas em situações

de enorme perigo: uma delas vai morrer de medo e correr; e a outra mostrará seu heroísmo. Mas acontece que nós não vivemos em situações de enorme perigo. E como é que você faz para saber se este indivíduo tem isto e o outro não tem? Só se você tiver. Para quem não tem, os dois são iguais.

Um dos motivos para gente se dedicar a este estudo é porque ele nos torna mais felizes; porque você começa a ver mais qualidades do que defeitos. Por ex.: os defeitos que os teus inimigos têm. Em primeiro lugar você vai aprender a distinguir o que é um defeito, o que é objetivamente mal, e o que é simplesmente um hábito que te incomoda. Qualquer coisa que nos incomode, agente condena moralmente quando na maioria das vezes não tem significação moral alguma. Então, você vai afinando o seu senso moral até o ponto de você julgar moralmente somente aquilo que tenha alguma significação moral. Por outro lado, para perceber as qualidades dos indivíduos você não vai precisar esperar que elas se manifestem. Significa ter uma certa sutileza de perceber aquilo que está em potência, em sementes. E porque você consegue perceber? Porque você conheceu estas qualidades em você quando elas eram sementes; e você as viu crescer! Aí você reconhece. Exatamente como um botânico, um agrônomo sabe distinguir uma palmeira de uma mangueira. Mas se você pegar as sementes. Se você só sabe distinguir a árvore depois que ela cresceu. é diferente de você distinguir já a semente! Do mesmo modo, o heroísmo, a generosidade, a inteligência, a lealdade. tudo isso têm sementes. E se você já desenvolveu uma delas, quando você a vê, você a reconhece. Este tipo de prática, de disciplina, de arte, quando praticada por um certo tempo. você vê tudo aquilo que está em semente naquela pessoa. E se for dada a devida condição, ela se desenvolverá. Mas temos que saber que esse primor e beleza não estão prontos; são apenas sementes. E por outro lado, se aparecer defeitos, vícios, mal comportamentos etc., você também saberá se é uma coisa muito profunda, estruturada no caráter ou se é acidental. E fique sabendo que 99% é acidental. Os defeitos que as pessoas se atribuem umas às outras, 99% é acidental; e mais ainda, é projetivo! Quer dizer, o indivíduo não enxerga nem direito o defeito do outro. Tenho 2 amigos, o Bruno Tolentino e o Antônio Paulo Graça. Um foi lá e achou que deveria aumentar o prefácio do livro do outro. O outro tomou aquilo por má fé. São pessoas que agem completamente diferente. A minha análise da coisa é totalmente diferente. Porque um acrescentou coisas no prefácio do outro? Simplesmente porque ele é um sujeito extremamente vaidoso, e achou que o outro iria aprovar seus elogios, não houve má fé, foi um auto-engano; motivado pela vaidade apenas. E quanto ao outro embora o prefácio não tenha sido publicado do jeito dele- porque protestou? Porque é um sujeito rigorista, um Kantiano. Kant dizia que você não pode mentir nem para o ladrão que pergunta aonde está escondido o seu dinheiro. Verdadeira má fé é mais raro do que as pessoas pensam; precisa de muita engenhosidade para agir de má fé. Se o sujeito agiu por vaidade. ora, o vaidoso engana a si mesmo. Se ele engana a si mesmo, ele não sabe o que está fazendo. Se ele não sabe o que está fazendo, como ele pode estar agindo com malícia? Malícia é você estar vendo a situação direito; tem que ser meio estrategista. Então, este discernimento de qualidades e defeitos faz parte da prática do próprio processo de transformação.

No processo alquímico, não existe separação da alma e do corpo. Alquimicamente, dá na mesma você transformar um metal em outro no laboratório com um fogo material que você acende; Ou você transformar uma paixão em outra

paixão dentro da sua alma. Portanto, a diferença entre alquimia espiritual e alquimia material, não existe. Ontem nós vimos que: a leitura alquímica consistia em dar a cada termo a plenitude da sua extensão até que os elementos que estão mencionados ali se presentifiquem para você. Então, quando você lê chumbo, você não está lendo a palavra chumbo: você tem diante de si este objeto chamado chumbo na plenitude de tudo que ele significa (o metal em si, o planeta, os sentimentos associados; enfim, tudo o que ele significa numa síntese simbólica chamada chumbo). Ah, mas como é que você vai fazer isso? Você não pode ter todos os materiais, você não vai fazer uma coleção de minerais, metais, plantas, animais etc. para botar na sua cara para toda vez que você ler, você consultar. Bom, então aonde você vai encontrar as referências de todas essas palavras? Vai encontrá-las no seu próprio corpo! E aonde estão os seus vícios e virtudes? Estão no seu corpo mesmo. Estão lá mesmo também sob a forma de determinadas emoções, determinadas substâncias. A homeopatia tem uma inspiração alquímica. E o princípio básico dela que é um princípio que jamais foi declarado pelos teóricos da homeopatia é a identidade de certas substâncias materiais com certos estados interiores do ser humano. O chumbo não só está ligado a determinadas emoções mas a diferentes percepções do tempo. vamos dizer, todo o conjunto numa constelações de reações do ser humano. E, esse conjunto de reações que estão no nosso corpo, ele é o que nós chamamos de O Nosso Chumbo. Então, nós temos O Nosso Mercúrio, O Nosso Estanho, etc.. Então se você ler um texto alquímico não vá achar que Nosso é uma espécie de código. A coisa é literal mesmo! E esse Chumbo significa: Primeiro, a parcela do elemento metálico chumbo que tem no seu corpo. Segundo, ele significa todas as funções corporais que dependem deste metal. Terceiro, todas as funções cognitivas que dependem deste metal. Quarto, todas as emoções de estados interiores que estão relacionadas à presença e as transformações deste metal no seu corpo. O Alquimista faz o contrário de um texto cifrado. Isso quer dizer que o texto alquímico tem que ser lido com uma certa inocência, sem espertezas; E a conquista desta inocência que tornará você apto a ler um texto alquímico, é o começo. Por isso que eu digo: não tem intervalo entre a teoria e a prática. Não dá para você saber a teoria primeiro para praticar depois. E na hora que você estiver tentando entender a teoria, isso aí já é a prática.

Ontem eu estava falando que esta operação inteira é impossível se você não tem a menor imaginação a respeito do estágio final da coisa. Se você não sabe para onde você quer ir, então você não vai para parte alguma. Você precisa ter alguma idéia, mesmo que seja errada, do estágio final. Estou falando da tentativa de você tentar imaginar o estado de contentamento humano. Contentamento seria aquilo que atendesse você na plenitude. A dificuldade de você imaginar um contentamento é porque cada contentamento que você imaginar sempre será parcial; e entrará em conflito com algum outro desejo que você tenha. Porém, tentar conceber o contentamento humano, é tentar articular esses aspectos conflitantes num todo harmônico. Quer dizer que se os conflitos se resolvessem, como seria o resultado final? Se nós conseguíssemos um *status* de contentamento onde cada um de seus componentes, em vez de atrapalharem os outros ajudasse, como seria esse estado final? Nesse caso, você eliminaria todo o conflito entre fins e meios. Às vezes nós queremos uma coisa boa. Mas, para chegar nessa coisa boa nós temos que passar por uma série de dificuldades ou uma série de aspectos maus da realidade. E se esse

caminho, essa intermediação, também fosse ela boa? Como é que seria? Então, essa tendência de imaginar o melhor dos melhores, isso aí é que se chama Tímese Parabólica. Timos, em grego, quer dizer avaliação, valores das coisas. E parabólico, é porque descreve algo como se fosse uma curva. Assíntota é uma curva que se aproxima indefinidamente de um objetivo sem alcançá-lo. Então, é uma curva que vá se tornando cada vez mais reta, mas não chega. Então, o movimento da tímese é tentar imaginar um bem supremo do qual você se aproxima como uma assíntota. Ora, esta Tímese Parabólica é a principal capacidade cognitiva humana. Porque tudo, tudo que conhecemos, depende da nossa capacidade de imaginar um conhecimento mais perfeito que aquilo. Então, se você buscar a diferença entre um homem e um animal na base do uso da razão, você vai ver que o animal tem o mesmo procedimento racional que nós. A única coisa que o animal não consegue fazer é raciocinar uma hipótese infinitamente superior. Tentar imaginar as coisas infinitamente melhores do que são é isso que vai dar a linha central do conhecimento. Também vai ter o conceito do bem supremo, que é a realidade suprema, que é o próprio infinito, que é Deus. Se você retirar esta idéia da cabeça, então ele só vai poder julgar e pensar dentro do esquema relativo onde ele já está. Você vai comparar uma coisa com a outra apenas; mas não vai ter um critério abrangente. Quando você diz que uma coisa é ruim, é ruim em relação a o que? Se ela fosse a única alternativa possível. Se um sujeito te assalta, te bate etc.. todo mundo acha ruim. Ruim porque? Por que você queria que isso não acontecesse. Elimine esta hipótese. Imagine que fosse impossível você desejar que isso não acontecesse. Daí fica apenas o fato consumado, você não tem mais como julgá-lo. Se você achou que uma coisa é ruim, é porque você queria que acontecesse outra. Apague esta outra. Você não tem mais como rejeitar a primeira. Mesmo que esteja doendo, imagine que você não tenha nenhuma recordação de quando era quando não doía. Como é que faz? Conheci uma pessoa que tinha todas as doenças possíveis; passava sua vida no hospital. Essa pessoa dizia que a melhor coisa possível era a sensação do fim da dor. Ora, quando nós chegamos a identificar o prazer com o mero fim da dor, é porque estamos jogando muito baixo. A nossa escala diminuiu. Quer dizer, a nossa tímese parabólica não subiu muito. Mas, Por ex.: se além do fim da dor tivesse também um atendimento de um desejo. E se tivessem muitos desejos? A curva aumentaria. Quando eu era criança a expectativa que eu tinha de ganhar presentes era tão prazerosa, eu sabia que eu ia ganhar. Porém este prazer nada tem a ver com o fim da dor. Portanto, você tem aí um exemplo elementar de um contentamento inteiramente positivo sem estar vinculado à dor. A pessoa que associa prazer e dor como extremos opostos, ela não sabe o que está falando. São gêneros diversos. O contrário da dor chama-se serenidade. Em grego chama-se ataraxia: não sentir nada. Serenidade não deixa de ser gostosa, mas não é um contentamento. E o contrário de prazer seria angústia, ansiedade, insatisfação. Insatisfação não é dor. Ela pode se traduzir por algum desconforto físico, mas não há angústia neste mundo que doa mais que uma dor de dente. E você pode ter uma dor de dente num momento de extrema felicidade: acabou de ganhar na loteria e está com dor de dente! É comum fazermos esta confusão de denominação de sentimentos. Então, esta clareza de sentimentos humanos, só é possível obter quando você os transformou exatamente como substâncias químicas. Se você pegasse todos os sentimentos e emoções humanas e encontrasse os seus equivalentes metálicos ou minerais. e se você

soubesse todas as combinações que eles podem entrar. aí você teria um dicionário das emoções humanas. Portanto, se você está ansioso, você sabe que você não está enfraquecido. Se você está com inveja, você sabe que você não está com ciúme. Às vezes, não é que não saibamos os nomes, é que não sabemos reconhecer os estados, os sentimentos. Então, aquele bolo de sentimentos, fica uma coisa compressiva, toda amarradinha, aonde você não tem clareza. Este amarradinho, este embolado, é precisamente a estrutura do chumbo. O chumbo é o metal que tem a estrutura mais confusa. Ele é constituído de nós. E o ouro, ao contrário, é aquele que tem a estrutura mais límpida. Então, você vai chegar ao ouro aperfeiçoando o chumbo. Como é que faz? Você vai separar suas partes e vai montá-las numa ordem límpida. Por exemplo, no campo das emoções, você continuará tendo todas as emoções que os indivíduos têm; só que elas estarão no seu devidos lugares. Então, você pode chegar a ver claro o seu próprio coração. Se alguém vier falar mal ou bem de você, você saberá direitinho o que tem de verdade e o que tem de falso. Sabe o que representa isso em termos de sossego humano? Você não ter que se preocupar mais com o que os outros falaram? A sua área de conflitos humanos diminuí assombrosamente. Essa limpeza se obtém pelas sucessões de transformações alquímicas. Essas transformações alquímicas consistem em pegar todos os metais e limpá-los com Mercúrio que é um solvente universal. Se usa Mercúrio em joalheria para se limpar a sujeira do ouro e dos outros metais. E o Mercúrio, vai simbolizar, ao mesmo tempo, o Mercúrio material e o raciocínio. Aí você vai limpando estas diferentes emoções, motivações, até que elas apareçam do jeito que elas são. Ora, se é para limpá-las, você não vai jogar nenhuma fora. Portanto, você não vai tentar se corrigir moralmente durante este período. Portanto, se eu sou mentiroso, toda vez que eu mentir, eu vou saber que eu estou mentindo, vou dizer para mim mesmo que estou mentindo. Isto é uma operação do entendimento. Bom, os metais vão significar uma condensação de todo o mundo mineral. Os metais são aqueles minerais no qual as propriedades de todos os outros aparecem de uma maneira mais nítida. Por isso mesmo são usados como resumo do próprio ser humano. Por outro lado, todo mundo conhece a equivalência entre os planetas e os metais. Mas isto será visto em uma ordem geocêntrica (Sol, Lua, Mercúrio etc.). Esta escala dos planetas representa um conjunto de uma série de experiências interiores, uma série de transformações pelas quais a alma do alquimista passa ao mesmo tempo onde ele está; no seu materialíssimo forno. A alquimia natural acompanha a alquimia interior. Do mesmo modo, se ele estiver fazendo apenas as alterações em espírito, outras tantas transformações materiais concomitantes estarão acontecendo no seu corpo. Nós temos também um forno alquímico: o nosso abdômen; é aí que acumulamos calor. É sempre a parte mais quente, e aonde você vai transformar os alimentos ingeridos em energia para você despender. Portanto, você já tem, não apenas um forno alquímico, como um compêndio de alquimia na sua própria barriga. Existem várias maneiras de você conduzir as operações alquímicas; a mais óbvia é a que se faz num laboratório onde você vai transformar os metais. Se o alquimista no seu laboratório vai tratando os metais assim, a sua alma vai passando ao mesmo tempo pelas mesmíssimas alterações. E, se a pessoa se dedica à alquimia espiritual, a sua corpo vai passar também por estas alterações do mesmo modo que os metais no forno alquímico. Um método muito interessante é usado no Tai-Chi onde tudo girava em torno de um acúmulo de energia consciente no abdome. Então,

primeiro você tinha que respirar, sentir o calor, o ar entrando, baixando. Então, ao mesmo tempo que você tinha uma concentração térmica no abdome, você ia tendo também uma concentração gravitacional. Então, aos poucos você ia percebendo o centro de gravidade do seu corpo- que está no abdome, que é a parte mais pesada. No Tai-Chi, aos poucos, você adquire uma estrutura que é uma bolinha. Você vira esta bolinha; porque todo os seus gestos giram em torno do centro do abdome. Então você ia acumulando o fogo alquímico; mas a medida que você acumulava, acontecia um outro processo. Mas, antes de você ter o fogo, você precisa ter o forno, materialmente. Para isso você precisa permitir que o barro do tijolo seque. Como ele seca? A água evapora ou cai. Então você tem aqui um forno de tijolos, a água pinga lá até que fique seco. Como é que faz isso? A técnica é simples; é desenvolver a sensação de peso. Todos nós gostamos de sentir o nosso corpo leve. Se você tenta sentir que o seu corpo está leve, ele vai pesar contra sua vontade. E se você fizer o contrário: sentir e ficar consciente do peso do seu corpo cada vez mais. sentir o peso do corpo significa em primeiro lugar, você se instalar sobre a Terra. Em segundo lugar, significa obter o pleno domínio de todo o seu corpo. Então, a sensação de peso do seu corpo é muito importante. Mas importante quer dizer pesado. Por ex.: fazer os gestos todos usando o mínimo de uso e o máximo de peso. Por ex.> se você quer bater em alguma coisa. Você põe um certo volume de impulso muscular. E se você em vez de fazer um impulso muscular, você simplesmente deixar a mão cair sobre sua perna. Se eu der esta mesma pancada usando impulso muscular, eu posso quebrar minha mão; ou minha perna. Desse modo, estarei jogando o peso de um membro contra o outro. Então esse treino de jogar o peso para cá, jogar o peso para lá, você acaba realizando um número de gestos muito complexos que você pode fazer com muito pouca força. Bom, isso aí é deixar cair a água. A água desce e o fogo sobe. A simples disciplina de ir deixando cair a parte pesada e móvel que é a água, primeiro você consolida a parte pesada e imóvel que é a Terra. Em segundo lugar, permite que o ar circule e o fogo suba. Isso acontece efetivamente; você tem alterações de temperatura. Só de aumentar a temperatura, você já se livrou de um monte de doenças, problemas, etc..

Vejam, o Tai-Chi, é só uma das vias possíveis para alcançar tal realização. Um outro tipo ou método, seria o Processo das Citações que é um livro usado nas igrejas ortodoxas. Tem um livro que se chama Relatos de um peregrino Russo. O peregrino russo é um sujeito que estava com problemas e recomendaram que fosse à igreja. E o padre estava naquela parte da Bíblia onde o Cristo diz para orar sem cessar. O peregrino procurou um monge que explicou que se tratava do método da prece perpétua. Consistia em você repetir um determinada frase, uma oração: Sr. Jesus Cristo, tende piedade de mim! Repetir isso 24 horas por dia sem parar. Isso é um outro processo alquímico onde você não vai usar forno, e nem mesmo uma referência direta à estrutura do seu corpo se bem que este método recomenda estritamente que você pense isso dentro do seu corpo; e que não afaste a atenção do seu corpo nem por um minuto que seja -. A atenção não pode voar. Porque? porque é necessário que toda a parte aquática da alma humana desça. A parte aquática que seriam as imaginações, emoções etc.. têm que descer e estar instalada no seu corpo. As águas descem e as nuvens sobem. E você já percebe que as emoções estão no seu corpo efetivamente. Se estão no seu corpo, você tem todo o movimento para baixo que te instala na realidade da Terra. Aí você tem uma limpidez de olhar para cima. Você continua tendo as

mesmas emoções de antes, só que agora você sabe que elas estão no seu próprio corpo, não sobe para cabeça; seja pelo método de Tai-Chi, de laboratório ou da prece perpétua. Aí é que vai começar o processo alquímico propriamente dito. Tudo isto era preparação: esta descida, ela toma também, sob o aspecto cognitivo, um reconhecimento da realidade. É ver as coisas como elas são. Quando a água toda caiu, não há mais movimento na água. Na hora em que a água pára, a sujeira que está lá deposita no fundo. Primeiro, você tem que separar a água do ar; depois você vai separar a terra da água. Ela vai toda depositar e a água vai ficar limpa. Isso quer dizer que através da água, você vai ver a terra. Isto, psicologicamente, quer dizer que as suas emoções são a tradução exata do que está acontecendo. E não mais por um simples movimento seu, uma agitação interna sua. Porque, você veja, o homem tem sentimentos e emoções para ele captar os valores das coisas. Mas, acontece que não são somente as percepções que produzem sentimentos e imaginações. Mas, ao contrário, a nossa própria imaginação também produz emoções. Mas, se você deixa a imaginação quietinha e se permite ver o que está acontecendo, você sente as coisas como elas são. É nesse momento que você vê o fundo da alma.

O capítulo um da operação alquímica é alcançar o fundo da alma. Isto aí é que é representado na escala dos planetas pela Lua. A Lua é a face límpida da alma. A Lua, de certo modo, é o símbolo do próprio homem. O homem, a mente e a Lua são alquimicamente a mesma coisa. A palavra homem tem raízes em Moon. Enquanto a Lua simboliza a alma humana, o Sol representa o espírito. Agora, para refletir, é preciso que o céu esteja límpido. Como é que faz? Primeiro, vai ter que deixar cair as emoções; Ou seja, você não vai projetar suas emoções no que você está pensando e vendo. Mas suas emoções, agora vão ficar aonde elas sempre estiveram que é no seu corpo. Emoção vem de E + moção = movimento para dentro. Aonde está acontecendo este movimento? No seu corpo. Então, as emoções, os sentimentos, deixam de ser aquele céu nublado, confuso, e começam a ser uma expressão, uma visão transparente do que se passa na terra. A terra é o mundo material onde as coisas realmente acontecem. Então, longe das emoções perturbarem, ao contrário, elas ajudam. E aquela estória de que para você alcançar uma visão objetiva das coisas, você precisa apagar a emoção e o sentimento, é a mesma coisa que dizer que para ver, você precisa arrancar o olho. Se eu não tenho emoções e sentimentos, se eu não sinto nada, eu não recebi estímulo algum, então eu estou cego, estou dormindo. Então, não se trata de você reprimir ou domar emoções; mas sim de limpá-las para que elas sejam o que são; e para que você as perceba aonde realmente estão- elas não estão na situação e sim no seu corpo-. São reações do seu corpo. O nosso corpo é um instrumento de medir o que passa. Ele mede de duas maneiras. Primeiro, pelas sensações. Sensações são reações à estímulos físicos do exterior. E tem as emoções que são reações corporais complexas à situações percebidas no seu conjunto. Então, a emoção é um julgamento que você faz a respeito da situação. Quando você tem medo, significa que você está julgando a situação temível. Se você tem tristeza, significa que você julga a situação deprimente. Então, as emoções são como se fossem um termômetro das situações. Mas, para que as emoções consigam fazer isso direito é necessário que primeiro você consiga distingui-las: não misturar uma coisa com a outra. Para que não haja mais aquele complexo de emoções invisíveis, onde você não sabe dizer mais o que está sentindo. Se você soubesse o nome de todas essas coisas

que você está sentindo ao mesmo tempo, elas não seriam tão confusas assim. Isso significa que não há estado que por mais complexo que seja, não tenha nome.

O esoterismo islâmico se associa à cada planeta, nesta ordem que eu dei (Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, etc.) à uma sucessão de profetas que Deus enviou para ensinar a humanidade. O primeiro profeta é Adão. A mensagem adâmica consiste no seguinte: Adão é o sujeito que sabe os nomes das coisas. Deus cria os animais e pede a Adão que dê os nomes. Então, saber os verdadeiros nomes do que existe, é justamente este primeiro estágio que se alcança quando está no fundo da alma; que é a água límpida no qual a terra aparece como ela é! Mas que, ao mesmo tempo, sendo límpida, aparece a imagem do céu. Então aparece a terra em baixo, o céu em cima e a água no meio. Este é o estágio lunar. As esferas planetárias, cada uma delas representa uma mensagem profética trazida ao mundo; e representa também uma etapa da transfiguração alquímica da alma.

Voltando à questão das emoções. Pelas sensações, o corpo mede as situações. Conforme a transformação da intensidade luminosa, o seu olho registra. Pela transformação da temperatura, sua pele reage. Se o seu corpo está mais ou menos harmônico, ele vai reagir de acordo com as transformações reais. Daí você sente frio quando está frio; o termômetro vai indicar que está frio mesmo. Agora, se quando está calor, você sente frio, daí você está com febre. A alma confusa, é como se a alma estivesse com febre e mede errado as coisas. Então, a medição é feita de 2 maneiras. Primeiro, pelas simples sensações. E segundo, as emoções que são um conjunto complexo de sensações. Complexo discernível, porque ele forma uma unidade. Por ex.: a tristeza é um conjunto de sensações. Isto revela que a situação é deprimente. Mas, se a situação real não for deprimente de maneira alguma, e você é que está inventando coisa? Por ex.: você pode estar julgando uma situação presente por analogias fortuitas que ela tenha com situações do passado. Um sujeito fala uma palavra que te remete à uma situação desagradável do passado e você fica triste. Você o faz, sem raciocinar; quer dizer, você está hipnotizado. Quer dizer que as tuas emoções não estão respondendo à situação presente, real, mas à analogias fortuitas. porque para você reagir da mesmíssima maneira, só seria lícito, correto, se a situação fosse realmente a mesma. Isso significa que a relação de passado, presente, futuro, ela também depende do sentimento. A percepção da qualidade do tempo contém esse aparato emocional, humano. Então, se você tiver uma angústia por recordação de uma situação passada, você terá que dizer para você mesmo que é uma angústia imaginária. Então, precisamos ver as coisas como elas são na terra e no céu; distinguir estes 2 planos: o mundo da alma é a água e o mundo do céu é a visão que você tem de cima. que você tem através do ar. Você não vê o ar. O ar é o nosso pensamento, raciocínio, a mente. O pensamento límpido é o pensamento que permite ver a realidade metafísicas etc., sem dúvidas. Quer dizer: as dúvidas estão para o ar como a sujeira está para a água. Se você pegar uma garrafa com pedras no fundo: Encha de água e ponha um ser vivo como um peixe Por ex.. Deste modo, está representado os 4 reinos da natureza: a litosfera, hidrosfera, atmosfera e a biosfera. Então, se você tem isso representado numa garrafa, como você não vai ter isso no seu corpo? A pedra está em baixo, a água mais para cima, o ar está realmente em cima. E o peixe, o ser vivo, está no meio. Se o ar está limpo, o peixe vê aqui em cima. Se a água está limpa, ele vê aqui em baixo. Pelas emoções limpas, você vê a realidade terrestre, os fatos. E pela linguagem e

raciocínio, ele vai ver o céu. O céu representa o firmamento, a estrutura firme da realidade como um todo. Mas temos que começar por limpar as emoções. Como é que faz? Em primeiro lugar, você vai sujá-las; para sujar você tem que fazer chover para dissipar as nuvens. A medida que vai sujando as nuvens, você vai agindo sobre o pensamento. Na hora que age sobre o pensamento, vai limpando. mas na hora que limpa, suja em baixo. Se choveu, suja a água. Isso quer dizer que a atividade da inteligência, o estudo, o raciocínio etc., vai limpando a parte do elemento mental e vai sujando as emoções. É por isso que se você estudar muito, você vai ficando deprimido, com raiva etc.. Aristóteles dizia que a inteligência se desenvolve se ela for exercida moderadamente. Estudo bom é 2 a 3 horas por dia e olhe lá. Então, você não pode tentar espremer todas as nuvens de uma vez. alcançar a total lucidez intelectual de uma vez. porque senão vai sujar a água. Então, você tem que mexer um pouco aqui na nuvens, e esperar chover. o aprendizado intelectual, ele tem que ser alternado com uma espécie de sossego da alma. Então, tanto faz você fazer alquimia por Tai-Chi, no forno, ou só na mente, pela linguagem. Se você estiver fazendo no forno, isto está afetando seu corpo e outras tantas mudanças estarão acontecendo em torno de você. Porque o seu corpo existe vivo e mexe em outros corpos. Por ex.: gato cura dor de cabeça! Como faz? Você olha o gato colocando o olho nele de tal maneira contra a luz de modo que você veja o fundo (que parece uma lua). A hora que a luz bater lá e você olhar, a dor de cabeça pára. E o gato dorme quinze horas seguidas. Isto é magia. A definição de magia é você operar defeitos físicos através de imagens, através do olhar. Existem remédios para isso por via cutânea, sublingual, anal etc.. Eu estou dando um remédio por via visual! No budismo, existem certos ritos de iniciação que consistia em pegar mandalas e ficar desenhando-as por anos a fio. e pronto a pessoa já estava iniciada. Ora, se pode se fazer iniciação por mandala, porque não pode se curar uma dor de cabeça. Você sabe que você pode mudar o estado de espírito de uma pessoa através do olhar? Você pode mudar uma vida com um olhar. Dr. Müller fazia muito isso.

aluno: ainda não entendi direito como que você mexendo no corpo você pode mudar o que está em redor.

Prof.: Nós só podemos captar as coisas no exterior através do nosso corpo. Nós não podemos entender um objeto a não ser por analogia com nossas funções corporais. Como é que você sabe que essa cadeira é cadeira? Esse objeto é inteligível para você porque ele corresponde à uma função corporal idêntica no seu corpo. Qualquer coisa que você aja no mundo exterior está falando do seu próprio corpo ao mesmo tempo. A cadeira é apenas uma bunda ao contrário.

Quando o sujeito fica louco, o ar está totalmente nublado e a água fica suja. Ele não enxerga em cima nem para baixo. Ele está totalmente comprimido na sua situação individual humana.

TERCEIRA AULA (16/01/96)

A leitura alquímica, como vimos na aula anterior é diferente da leitura em seu processo normal. Nesta última, você evoca no máximo uma representação sensível; na melhor das hipóteses, uma imagem. Vamos dizer que esta imagem já seria o suficiente para você criar uma emoção; que pode dar à você uma ilusão de participação enquanto você está lendo. Num relato de ficção você pode até fazer um filminho para você acompanhar. Eu, Por exemplo, quando leio um romance, faço muito isso: vou fazendo a adaptação cinematográfica. Claro que isso ajuda e cria uma emoção. Mas tudo isso aí, sou eu que estou inventando: eu estou reescrevendo o romance de Dostoiévski, de Tolstói, a meu modo. Pode ser que se eles tivessem que fazer a adaptação cinematográfica iriam fazer completamente diferente. Então, você não vai passar nunca dessa esfera imaginária e emocional.

Mas aqui nós estamos falando de uma coisa mais profunda: é você identificar os seres mesmos que estão designados pelas palavras não através de suas imagens, mas pela sua presença real. Vou dar um exemplo: Existe uma outra divisa alquímica que diz: Visita os interiores da Terra, retificando encontrarás a pedra oculta. O que é esta pedra? É a chamada pedra filosofal: aquela que tem o poder de, tocando o metal, liberar transformação ou transmutação. Como seria uma leitura alquímica deste negócio? Ela só estará realizada na hora em que cada um dos seres e situações que forem designados para isso seja real; ou seja, na hora em que você estiver fazendo isso, seguindo esta seqüência.

Tudo o que é real é físico. Na última aula eu falei que só o que é corpo é que existe espacial e temporalmente. Não é absolutamente concebível uma forma de existência anímica em que seja totalmente independente um do outro. Bom, e se você me perguntar aonde vou colocar Deus? Vou colocar no corpo? Deus, vai ter muito mais do que um simples corpo. Porque você tem a possibilidade de produzir corpos. Então, o corpo está nele. Aí fica neutralizada a objeção. Então, para nós que temos uma existência corporal, é só o que é corporal que é real. Então vamos ter que realizar isso aqui corporalmente, tornar isso coisas. Então, em que sentido você pode visitar o interior da Terra? Você vai fazer um buraco e entrar? É claro que é materialmente impossível. Então, não é este o significado da sentença; porque ela não é para ser interpretada em sentido metafórico mas em sentido simbólico. Simbólico quer dizer forte: com plenitude de significado. O simbólico é uma espécie de hiper-literal: é mais literal do que o literal. Então, deve haver uma outra maneira de você visitar o interior da terra. Vamos supor uma outra hipótese: você pega um pedaço de terra mineral qualquer e o abre para ver o que tem dentro. Você o está visitando por algum acaso? Não, você está apenas vendo. Visita quer dizer que você tem que estar lá. Tem que ser algum aspecto da terra em que você esteja corporalmente presente; o qual, não podendo ser nem o planeta Terra nem um pedaço de terra, qual pedaço da terra que pode ser? Em que pedaço da terra é possível você estar no seu interior materialmente? Só tem um: Qual é?

aluna: No corpo.

Prof.: Isto mesmo. É a única parte da terra no qual você pode estar no interior dela. De fato, você está. Porém, você não está plenamente. E se é para fazer uma leitura alquímica, tudo tem que ser interpretado em seu sentido pleno. Repito que o

simbólico não é metafórico nem alegórico; e sim uma espécie de hiper-literal. Ora, se por Terra entendemos o planeta Terra ou um pedaço de terra, ela só tem estes significados de maneira precária, parcial, abstrata. Concretamente, ela significará isso tudo ao mesmo tempo. Terra é tudo aquilo que esteja na terra e seja composto de terra. Mas tudo, tudo. Se excluir um, já não é. Bom, então agente poderia dizer: se é o meu corpo não é o planeta terra. Então, deve ser alegórico: parece uma coisa mas quer dizer outra. Não! O que ele está querendo dizer é que se você visitar efetivamente o interior do seu corpo, isto é exatamente como visitar o centro da Terra como planeta; E também a constituição íntima da partícula de qualquer matéria. Ou seja, deve haver um ponto no seu corpo que seja suficientemente central para que conhecendo-o por dentro, você o conheça o centro do planeta Terra e a constituição interna da matéria. Por isso que eu digo que a coisa deve ser tomada em sentido forte: deve haver algum modo de conscientizar o seu próprio corpo, um certo ângulo de visão, no qual o centro de seu corpo coincida estruturalmente com o centro da estrutura da matéria mesmo. E também com o centro do planeta Terra. Você vai ao interior do seu corpo, e lá você vai encontrar não somente o núcleo central do funcionamento do seu corpo, mas também a constituição mais íntima da matéria em geral. E do próprio planeta Terra. Enquanto não fizer isso, a coisa não está realizada.

Se você for até o centro da Terra você vai encontrar fogo não é? É mais quente lá dentro do que na superfície. Isso quer dizer que quando você alcançar a região do fogo, você ainda não está no centro. Você ainda não alcançou o fim da operação. Então, retificando, corrigindo a operação deste fogo, você encontrará a pedra oculta. Isso quer dizer que, por baixo do fogo, deve haver uma pedra: um ponto fixo. Na aula passada, vimos um diagrama do Tai-Chi que representava esquematicamente o corpo humano em forma de bolinha. Muito bem, a nossa atenção, ela circula periféricamente nos gestos que nós fazemos. Nos gestos, nos objetos que nós olhamos etc.. No máximo a atenção recua até uma superfície, até uma epiderme aonde você se sente mal. Então, as sensações que você tem na superfície do seu corpo se tornam um pouco mais conscientes. Porém, o que está dito aí na divisa é que você teria que recuar muito mais do que isso. E que numa certa região central, você encontraria algo a ser retificado; ou seja tornado reto: o que está torto será posto reto. E que este reto aqui, será a pedra filosofal.

aluna: Mas, cada um tem o seu centro ou ele é igual para todo mundo?

Prof.: As duas coisas são verdadeiras. Porque senão não atenderia à esse requisito que eu falei da leitura alquímica. Se você encontrar apenas o centro subjetivo, no sentido junguiano da coisa, você estará realizando apenas uma individuação; e aí não se completou uma operação alquímica: você está retificando apenas você. E o essencial na operação alquímica é compreender que a transmutação acontecida no interior do corpo do indivíduo, ela aconteceu no universo inteiro. Há uma certa simultaneidade e identidade das operações ocorridas no nível do nosso corpo, no nível da nossa psique e no universo em torno. Então, aqui não se trata somente de uma operação psíquica como pensa Jung, porém há uma dimensão espiritual mesmo; que afeta de certo modo o universo inteiro. Não precisa entender esse pedaço direito; eu também não o entendo direito, mas que acontece, acontece.

outra aluna: Basta acreditar.

Prof.: Não precisa nem acreditar. Precisa supor só. Porque se você acredita ou não acredita, não vai fazer a mínima diferença. O que é você acreditar? Admitir uma possibilidade teórica não é acreditar. Admitir uma possibilidade é algo menos que acreditar. Quando o sujeito te dá um cheque você admite a possibilidade que ele tenha fundos? Se você admite a possibilidade de ter fundos, você admite a possibilidade de ele não ter também. Então, acreditar é algo mais do que isso. Acreditar é dar crédito à possibilidade; não é só admiti-la como teoricamente possível. Acreditar é você agir em função de uma possibilidade efetiva; ou seja, o acreditar é uma decisão da vontade. Acreditar é como você apostar num cavalo: você não apenas admite a possibilidade teórica que aquele cavalo vença, como você também arrisca o seu dinheiro lá. Sabe que as operações alquímicas geralmente dão errado? E nem por isso as pessoas deixam de tentar. Ora, o acreditar só interessa na medida em que você vai prosseguir. Agora, prosseguir sem acreditar é impossível. Então, se a pessoa acredita é porque ela já está fazendo. Agora, se ela quer fazer sem acreditar, então ela não cumpre a condição psicológica necessária para aquilo que é: a sua plena responsabilidade pessoal. O que quer dizer apostar num cavalo sem acreditar? É jogar dinheiro fora. O dinheiro você pode arriscar porque é um bem destacável da sua pessoa. Mas você não pode arriscar a sua própria pessoa numa coisa que você não acredita. Porque arriscar é acreditar. Então você tem um envolvimento total do indivíduo com isto aqui. Agora, se ele não tem envolvimento total, ele já fracassou de antemão! Acabamos de falar: visitar o interior da terra. Mas como é que o cara vai fazer isso sem acreditar? Se ele vai fazer só como operação mental sem efetiva presença, então ele vai imaginar o corpo. Então não vai haver nenhuma diferença entre isto aqui e uma espécie de terapia do Dr. Lair Ribeiro onde você imagina seu corpo etc.. Mas eu não estou falando em imaginar, estou falando em perceber. Por ex.: você pode imaginar o funcionamento de determinados órgãos : você imagina, projeta uma imagem do fígado, mas o que tem que fazer é perceber.

Perceber significa o seguinte: Em qualquer parte do seu corpo deve haver células sensíveis à luz. Então, de uma certa maneira, deve ser possível você ver o seu corpo por dentro. Quando o sujeito fica cego, ele se torna insensível à luz? Totalmente, não. Porque ele tem células sensíveis à luz no corpo inteiro, então, alguma sensação luminosa ele recebe. Isso quer dizer que nosso corpo inteirinho é sensível à estímulos luminosos. Isso quer dizer que de algum modo, que o corpo inteiro vê. Aí são sensações tão tênues que ninguém presta atenção nelas. Do mesmo modo, as sensações internas: tudo o que se passa lá dentro é visível de algum modo. Por ex.: um órgão do seu corpo pode se tornar consciente de si mesmo! Não é o mesmo que imaginá-lo. É imaginar o seu estômago e percebê-lo; estar consciente dele. Quando você respira, e entra uma certa quantidade de ar, até aonde você acompanha o movimento do ar? Aonde você o sente? O ar está aqui. De vez em quando você sente um friozinho. Até aonde você sente frio? Se você começa a prestar atenção, você começa a perceber esse frio mais para diante da sua derme. Mas você não está imaginando isto; você está percebendo mesmo. Só que é uma sensação tão tênue que você a despreza. Ela não é necessária para a consecução das tarefas diárias. Se você ficar mais atento, daqui a pouco você começa a perceber o ar respirando pelo seu corpo por dentro. Perceber, neste caso, significa apenas ter uma sensação térmica: você apenas sentiu o frio do ar que entra. Mas isto ainda não é estar consciente.

Porque o ar que entra, não afeta o corpo apenas termicamente. Ele produz outras sensações que não térmicas: contrações, dilatações etc.. Isto também é conscientizável. Na medida em que você vai conhecendo isto e o seu corpo vai se tornando um livro aberto, você está realizando isso aqui. A coisa é muito simples; o segredo do negócio é ser hiper-literal nas interpretações. A dificuldade aqui é aquela contrária de quando você está lendo um texto complicado. Para ler um texto complicado, você tem que reconstruir mentalmente concatenações inteiras de pensamento que o autor está deixando subentendido. Isso é um trabalho construtivo. Se eu estou lendo uma tese de São Tomás de Aquino: para eu saber se aquilo é verdadeiro ou não, eu tenho que encaixar aquela tese dentro de um corpo total da filosofia de S. Tomás de Aquino para entender a coisa dentro do seu devido contexto. Quer dizer: você reconstrói a coisa mentalmente. Esse contexto não existe: você é que tem que reconstruí-lo. Agora, aqui neste caso, você não tem que reconstruir nada nem imaginar nada. Tem que pegar o que já está na sua frente. A dificuldade no caso do texto de S. Tomás é você construir um esquema ideal na sua cabeça e mantê-lo na sua memória. Aqui, não, você não tem que manter nada. Você vai ter no corpo. A dificuldade aqui, é que, quando nós lemos, nós tendemos a passar para frente. A mente fica inquieta e começa a fazer associações de idéias. Dito de outro modo: ela começa a pensar. E aqui não se trata de pensar mas de reparar. É a mesma dificuldade que você tem de ver um objeto na sua frente. Por ex.: se eu olho uma figura qualquer. Para que eu veja melhor, eu começo a reparar melhor. Mas, se cada coisa que eu vejo em você começa a me evocar associações de idéias, eu me distraio. Aí eu digo para minha mente parar com as associações e só acumular o que eu estou pegando aqui. Não agir como um poeta, e sim como um desenhista. Menos que um desenhista, porque este ainda vai redesenhando você mentalmente. Não se trata de pegar os equivalentes da figura de uma pessoa e os equivalentes do desenho: basta pegar o que já está desenhado aqui nela. É uma operação puramente contemplativa. E a dificuldade dela está na sua extrema simplicidade. A mente tem que fazer muito pouco, quando ela está acostumada a fazer muito. Vou fazer uma experiência com vocês de atenção emissiva e receptiva: fechem os olhos e comecem a perceber todos os barulhos que tem em volta. Veja quantos ruídos diferentes vocês vão percebendo. Vocês perceberam uns 3 a 4 não foi? Se vocês continuassem a prestar atenção, vocês perceberiam até um mosquito andando. Esses elementos, eles vieram para você; eles já estavam aí. Agora façamos uma outra operação: fechem os olhos e imaginem um fundo preto, coloque um ponto branco neste fundo e faça-o deslocar de modo que se produza um segmento de reta. Foi mais difícil, não? É difícil porque não tem reta nenhuma, você é que está fazendo. Isso é que é atenção receptiva e emissiva. Se você fizer alternadamente este exercício aqui, faz um bem danado para cabeça. Porque, primeiro habitua você a distinguir o que você está percebendo e o que você está inventando. Aí a capacidade que você tem de se enganar a si mesmo começa a diminuir. E aí toda vez que você pensar um negócio, você saberá que foi você mesmo que pensou; e que não veio do mundo exterior. 99% do nosso engano consiste em misturar uma coisa com a outra. E se você mistura as 2 coisas, você nunca sabe qual foi a parte que você desempenhou e qual foi a parte que os outros fizeram. E esse é o problema principal da ética, da moral: eu só posso assumir a responsabilidade por aquilo que eu fiz. Mas, se eu não sei o que eu fiz, eu misturo as minhas falas, os meus

atos com o dos outros. Como é que eu vou saber o que é certo ou errado se eu nem sei quem foi que fez o ato? Se eu sou autor ou vítima daquilo lá. Qualquer investigação de ordem ético-moral pressupõe que você saiba fazer esta investigação. Todos os atos humanos têm um sujeito: quem foi que fez? É a estória dos Irmãos Karamazóv. O sujeito mata o pai e depois ele diz para o irmão: Fui eu quem matei, mas foi você quem pensou! E de fato, o sujeito quem pensou, acaba se sentindo mais culpado do que aquele que matou. É um engano uma ilusão, devido ao sujeito não conseguir perceber a diferença entre o ativo e o passivo. Isto é similar daquilo que eu falei da contração e do relaxamento: você perceber a diferença da atenção emissiva e receptiva é a mesma coisa que você perceber a diferença entre contração e relaxamento. Porque a contração é você mesmo que está fazendo. E o relaxamento, você não pode fazê-lo: você tem que esperar que venha. Ele é um ajuste passivo entre o corpo e a gravidade terrestre. Por isso que você pode fazer força voluntariamente; mas às vezes é difícil alcançar um estado de relaxamento voluntariamente. De certo modo, não é você quem relaxa. O relaxar é o deixar agir, é começar a ser agido. Agora, quando a pessoa faz massagem, a pessoa relaxa mais facilmente. Porque? Porque a ação é externa; é mais intensa e mais notável. Agora, você sentar e relaxar, é só a ação da gravidade. Essa ação é mais sutil que a ação do massagista. Então como a ação do meio é mais sutil, a sua ação tende a predominar sobre ela. Agora, se tem aquele puxa para lá, puxa para cá da massagem, aí você tende a ficar passivo. Então, tanto faz fazer isso mentalmente ou corporalmente que é a mesmíssima coisa. Agora, o problema da leitura alquímica, é um problema de relaxamento de certa maneira. Quer dizer, não se trata de você montar o significado; mas você deixar que aquele símbolo vá aos poucos se preenchendo de significado por si mesmo. Existem várias acepções para a palavra terra: tudo isso são coisas que você está montando na sua cabeça. Você está selecionando, mas não é para fazer nada disso. É para pegar a coisa tal como ela se apresentou. Na verdade a própria palavra terra, ela não quer dizer nenhuma destas coisas e nem exclui nenhuma delas. A palavra terra tem muitos significados: como é que você vai saber se ela significa uma coisa ou outra? Depende do contexto. Muito bem, mas aqui não depende do contexto não: é para ser tomado em toda a extensão dos significados. Então, o que quer que esteja ilegitimamente significado pela terra pode ser abrangido dentro do conceito que você está fazendo; exceto pelo impossível i.e.; tem um contexto que é dado pela própria situação. Quer dizer, visitar o interior da terra não significa que você vá fazer um buraco. Mesmo porque, você se deslocar corporalmente, exteriormente para dentro da terra também não significa visitar o interior da terra. Você precisa, ademais, prestar atenção. Você só vai excluir os significados absurdos, o resto vai valer. Então, em que pedaço de matéria nós podemos estar não só corporalmente, mas também em consciência, em atenção? Nesse meu corpo, que eu estou deslocando para lá e para cá. É o único lugar que eu posso conhecer na sua inteireza; o resto, não: só posso conhecer parcialmente. Eu não posso me identificar com uma pedra a ponto de me sentir pedra; porque aí eu teria consciência de pedra e não de um ser vivo. Agora, o importante é saber que não se trata de uma operação puramente psicológica no sentido imaginativo como se faz nessas terapias de sonho acordado e dirigido ou na programação neurolingüística. Sabe esse livro: *Imagens que Curam* do Isaac Epstein? O livro é muito bom: tudo aquilo tem uma profundidade psicológica, só que não é nada disto que nós estamos

falando. Porque aquilo é imaginar e aqui é perceber. O imaginar é emissivo. Quem é que cria as imagens: é você mesmo.

Bom, como é que agente faria para entrar num estado de tamanho despreocupação que dá para você perceber não somente este ou aquele aspecto do funcionamento do seu corpo, mas o centro dele mesmo? Usei a palavra despreocupação em vez de relaxamento porque a primeira está carregada de conotações reichianas que não interessam aqui. Então, se a sua única preocupação é chegar a perceber de onde que vem a força do seu corpo i.é; qual é o centro vivo do qual emana todos os movimentos daqui para fora e que ao mesmo tempo recebe todo o impacto que vem de fora para dentro então, muito provavelmente, você vai acabar percebendo mesmo. Claro que existem técnica que facilitam isto, mas não são infalíveis. Tai-Chi e Ioga são uma delas. Ioga faz a coisa pela respiração (exatamente como mostrei antes). Mas eles não estão especificamente preocupados com isto. Eles vão dizer que nem tudo o que entra no ar lhe interessa. Para eles é somente uma parte que interessa que eles chamam de Prana. Quer dizer que para eles existe um elemento alimentício no ar; que é o que vai ficar no corpo quando o ar for embora. Então se nós pegássemos o ar e retirássemos todos os elementos poluentes e também os elementos químicos do ar. Sobrou alguma coisa? Se sobrou, isso aí é que se chama Prana. Se ele fosse totalmente inócuo. aí você diria: Ah, mas esse Prana é muito abstrato. Dito assim, ele parece abstrato mesmo. Porém, se você olhar por outro lado você vê que ele é concreto. É só você pensar: Do ar que entra e sai, não fica nada? Ele não deixou nenhuma transformação no seu corpo? O que chamamos Prana é justamente a alteração deixada no seu corpo do ar que entra e sai. É essa força agente que vem com o ar. Então, o esforço de você perceber a entrada e saída do Prana, é exatamente isso aqui: é uma outra maneira de você fazer isso aqui. O Prana, que é o elemento mais sutil da natureza, ele já é de certo modo o centro da natureza. Se ele pervade tudo, ele não é limitado por nada, então ele está no centro de tudo. Mas essa não é a única maneira de você realizar isso: pode ser aquela do Tai-Chi. Aonde você concentra num peso, você presta atenção em tudo o que no seu corpo vai para baixo, que tende a ir para baixo i.é; atraído para a terra. você verá que tem uma parte que irredutivelmente vai para cima. Uma parte que se recusa a ir para baixo ou seja; que se recusa a parar. É um elemento sutil que nunca pode parar. Quer dizer, tem algo que mesmo num estado de relaxamento máximo do seu corpo, este algo não está relaxado de maneira alguma. Então você encontra um limite do que vai para baixo e do que vai para cima: entre o fixo e o móvel (ou mutável). Aí você está no centro. Lembra a imagem do vidrinho onde tínhamos umas pedrinhas? Bom, as pedras, a poeira, tudo isto pode encostar no fundo e parar. A água também pode parar. E os elementos vivos? Se eles pararem completamente eles morreram. Então, existe uma espécie de limite que poderia ser simbolizado pela superfície da água. Que é o limite entre tudo aquilo que pode ficar em repouso (porque tende ao repouso) e tudo aquilo que tende ao movimento (porque é movimento). Existe uma terceira maneira, aliás existem centenas, é só você olhar as disciplinas espirituais: foi o assunto sobre o qual mais se escreveu no mundo. Mas, regra geral, é que para o sujeito fazer isso aí ele precisa estar despreocupado. Mas como é que faz para ficar despreocupado? Vai tentar resolver todos os problemas primeiro? Esta é uma santa ilusão. Quanto mais você tentar resolver os problemas, mais problemas vai ter e mais preocupação se terá.

Mesmo quando você fica rico, você começa a ter as preocupações de rico. A única maneira de você ficar despreocupado, é você ser totalmente cínico. Quer dizer, o resto não interessa, somente uma coisa é necessária. Ah, eu estou pobre, bom isso aí pode esperar mais um tempo. Se você disser: agora, tudo vai esperar lá fora, porque somente uma coisa é necessária. Aí você alcançou o grau de cinismo suficiente para poder perceber que de fato tem coisas que são mais importantes. Quer dizer, não existe nenhum estado no qual o ser humano possa alcançar na prática que justifique ele estar despreocupado. Portanto, agente vai ficar despreocupado por decreto! Por um ato arbitrário mesmo. Ora, nós fazemos este ato arbitrário todos os dias: quando nós dormimos. Dormir é decretar que todos os assuntos vão ficar para amanhã. Agente faz isso todo o dia; se não fizer, não dorme. Então, qualquer problema, qualquer preocupação, qualquer demanda, por importante que seja, pode ficar para amanhã. Veja a universalidade deste negócio: Todo mundo dorme. Se todo o mundo dorme, quer dizer que todo o mundo deixa alguma coisa para amanhã. Ora, se você pode fazer isso pela simples recuperação das suas energias orgânicas, porque você não pode fazer a mesma coisa para alcançar algo muito melhor? Isso aqui é uma verdadeira bomba moral. Uma das regras da alquimia é: Não se preocupe com o dia de amanhã. Lógico que isso não é um conselho de ordem prática. Isso é um conselho alquímico-espiritual: se vocês quiser alcançar algo na espiritualidade, você terá que seguir esta norma. Quando o Cristo diz : Não vos preocupeis com o dia de amanhã. Ele não quis dizer que se você tiver um dívida, você não precisa de preocupar-se em pagá-la. Como conselho de ordem prática, isto seria uma coisa insana. Então, isto não está se referindo à esfera pragmática da existência mas sim ao aspecto espiritual. Então, como prática espiritual a condição *sine qua non* é essa: não se preocupar com coisíssima nenhuma, exceto a única coisa necessária. Qual é a única coisa necessária? Agente tem a resposta naquele episódio de Marta e Maria. Cristo foi à casa delas. Maria ficava sentada ouvindo o Cristo e Marta ficava trabalhando. Marta reclamou e Cristo respondeu: Olha Marta, Maria escolheu a melhor parte! Qual é a única coisa necessária? É escutar a voz do espírito. Ou seja: não existe medida em comum das tarefas do cotidiano e as tarefas do espírito. A diferença é incomensurável. Qualquer tarefa do cotidiano pode ficar para amanhã: tanto que todo o dia nós deixamos todas para amanhã. Sabe porque as tarefas do espírito são urgentes? Porque você morre; e depois que morrer não dá mais. E você não sabe quando vai morrer. Ao passo que as tarefas do corpo, da matéria, elas só tem sentido enquanto você não morre. Tudo o que você faz na vida prática, você faz baseado na suposição de que amanhã você vai estar vivo. E no espírito, ao contrário: faço tudo baseada na suposição de que vou morrer agora mesmo. O que é muito mais realista. Porque se você não sabe quando vai morrer, é melhor você se considerar falecido desde já. No mundo espiritual as regras são contrárias à da vida prática. Na esfera prática, se você ficar pensando em morte, você vai ficar aterrorizado e não vai conseguir agir. E na esfera espiritual, ao contrário: se você não lembrar que vai morrer, você vai errar em alguma coisa. Quer dizer, a morte é um elemento constante; tem-se que lembrar dela 24 horas por dia. Acontece que no ensino religioso popular, as pessoas tomam tudo isso como um conselho de ordem prática; porque eles somente estão interessados na prática. Então, se não temos a perspectiva da morte e do significado total da sua existência em face da morte, então acabou o mundo espiritual, acabou tudo. Então, essa é a maior novidade: é que

agente morre. Então, se nós temos o hábito de adiar o sono em função dos problemas da vida prática, porque não podemos adiar as coisas para tratar dos problemas espirituais que são muito mais importantes? Ganharemos muito mais! Como já disse, a diferença da importância das tarefas prática e espirituais é incomensurável: é diferença que existe entre o tempo por mais longo que seja e a eternidade! Ademais, as tarefas práticas são diferentes conforme as pessoas; e a tarefa espiritual é a mesma coisa para todos.

aluno: Essa tarefa cumprida determina a vida após a morte? E se ela não for cumprida?

Prof.: Não determina, mas isso não pode ser feito após a morte. Ele é algo que se refere à um estado humano que é independente de morte mas que só pode ser feito em vida; e que aliás é a única razão suficiente de existir vida.

Imagina assim a eternidade como se fosse uma linha (desenho). E a vida humana como uma breve interrupção desta linha. Essa operação alquímica, ela se refere à tudo isto aqui: alinha por inteiro. Você só pode fazer quando está aqui. Aliás, as escrituras sagradas de todas as religiões dizem que a vida humana só existe para isso.

aluno: E quanto às pessoas que não estão muito ligadas nisso aí.

Prof.: alguém vai ter que fazer para ele. Já tínhamos dito anteriormente, que quando você retifica, você está retificando o universo inteiro. Nessa mesma hora que nós estamos aqui conversando, o mundo está cheio de monges etc. meditando, encontrando a pedra oculta. Existe divisão de trabalho; alguém vai fazer isso aí: se um não faz, o outro faz. E se parar? É impossível parar. Isso é o próprio universo funcionando.

Agora, veja que a direção da nossa atenção abrange um território muito pequeno. Pense em todas as coisas na qual você prestou atenção no último mês. Elas não chegam a compor nenhum bairro, nenhuma cidade, nenhuma casa. Se você pegar tudo que a população inteira prestou atenção, também não compõe grande coisa. Isso quer dizer que a humanidade inteira, ela vive fora do universo. Vive fechada em certos assuntos que são de exclusivo interesse daqueles indivíduos. Mas tem gente que pensa na humanidade inteira e isto nunca vai parar, nunca parou. Espiritualmente, a maioria de nós somos idiotas perfeitos; porque quanto mais o indivíduo está preso dentro do círculo do interesse dele, mais ele acredita que está dentro da realidade. E ele não está dentro da realidade nada; está num mundo totalmente subjetivo que ele mesmo inventou. Ele está lá dentro de uma firma que ele inventou, para dar dinheiro para ele mesmo; está dentro de um circuito que ele mesmo fez. E quando ele morre, o que ele viu de tudo isso aí? Ele viu o mesmo. Chama-se idiota vem de idios que quer dizer o mesmo. Idiota é o sujeito que só conhece ele mesmo. Então, visto à luz do jogo que ele mesmo está jogando, idiota é quem não joga o jogo. Dentro da partidinha dele, quem quer que não participe ou que perca o jogo dele é um idiota. Mas visto do ponto de vista universal, idiota é ele mesmo. É aquela estória do sapo: O que é o céu? Céu é um buraquinho no teto da minha casa. Mas existe um outro ponto de vista que abrange o do sapo, e que ele não vai conhecer nunca. Então, este ensinamento todo visa instalar o indivíduo no mundo real. O mundo real é grande mas o que é incrível é que a inteligência humana pode e tem o direito de abarcar isso aí. Toda a religião distingue entre o que é dever de estado e dever espiritual. O dever espiritual é igual

para todos. Agora, o dever de estado é diferente conforme a situação social aonde ele está. O dever de estado é o dever do pai, da mãe, do filho, dever profissional etc. i.é; depende do lugar aonde ele está; portanto é relativo. Depende da relação que ele tem com os outros, da posição que ele ocupa. Então, é evidente que o dever de estado só faz sentido em função do dever geral. Por isso que a Marta fez a única coisa que é permanentemente necessária. O que a Maria estava fazendo era incidentalmente necessária. É necessário que alguém faça a comida supondo-se que haja quem coma e supondo-se que você quer comer. E se não quer comer? aí vai fazer a comida para quem? Então depende da situação, depende do momento, depende da ordem, depende de milhões de coisas. Depende de tantas coisas, que às vezes é difícil sabermos qual o nosso dever no momento. Por ex.: o sujeito pode ter um dever de vocação e um outro dever para com a família. São deveres reais, condicionados à uma posição que ele tem. Tem uma história chinesa da moça que entra num concurso de bordado. Ela bordava um pouquinho. Daí a pouco dormia e as fadas vinham e completavam o bordado para ela. Então, se agente faz isso, as fadinhas, de algum modo, fazem o resto. De algum modo fazem. E se não fizerem? Se não fizerem, elas sabem porque não fazem. Agora, acontece que às vezes certos deveres de estado, são necessários para isto. É por este motivo que as ordens religiosas não aceitam qualquer um lá dentro. Porque? Porque você pode ter um outro dever que seja mais importante no conjunto das coisas naquele momento. Veja, a vida prática é um começo de transformação, é o começo da operação alquímica. E você pode estar entalado na vida espiritual por causa de tarefas não cumpridas na vida prática. Quantas vezes você vai lá para a vida espiritual e Deus te manda de volta. No Evangelho tem um negócio do sujeito que vai para rezar e Deus manda ele de volta. Ele diz: Você brigou com seu irmão. Primeiro, você vai lá, se reconcilia com seu irmão, depois você volta. Então, de certo modo, estamos presos às obrigações da vida prática. Tem algumas coisas que são reais, objetivas. Mas, nem sempre estamos presos às obrigações que a gente pensa que está. Quem entendia muito disto era o filósofo Ortega Y Gasset. Ele dizia: cada momento da sua vida exige de você uma determinada coisa. Uma e uma só. E não adianta querer fazer outra coisa. Também, o Dr. Müller dizia o seguinte: Quando você não sabe o que fazer, faça o que é do teu dever. E se você ainda não entendeu. é aquele negócio do Viktor Frankl. Qual é o sentido da vida? O sentido da vida é aquilo que só eu posso fazer, e mais ninguém no meu lugar. Tudo isso são critérios e simplificações da vida prática. O sujeito quando fala: Vou jogar tudo para o ar e vou tratar da alquimia. espera lá, você pode estar queimando etapas. Porque você começar a fazer a leitura alquímica, você o fará quando isto for certo dentro da ordem das coisas. Pode ser que você tenha outros deveres atrasados aí. Claro que estes deveres devem ser reduzidos ao mínimo. Pois se você estiver se enrolando, complicando, arrumando encrenca na vida prática para fugir dos deveres espirituais. Nem vice-versa. Na idade média tinha muito disso: o sujeito tinha dívida, tinha matado alguém, ele fugia para o mosteiro e ninguém mexia com ele nunca mais. Então, ele virava monge por conveniência. Podia ser que acabasse virando uma coisa boa mesmo e virava monge. Em todo caso, não cabe agente ficar julgando as pessoas neste aspecto. Cada um tem que saber qual é sua parte, embora geralmente agente não saiba.

Se agente fala em visitar o interior da terra, estamos nos referindo à uma caminhada de um progressivo reconhecimento de uma realidade que já está aí. Bom,

mas se eu não sou capaz de reconhecer nem mesmo as pressões óbvias de uma vida prática, como é que vou reconhecer uma coisa sutil como essa daí? É por isso que existem uma série de requisitos de ordem moral. em geral, as pessoas começam a se preocupar com isso quando elas estão realmente liberadas para pensar sobre isso. Liberadas quer dizer o seguinte: moralmente no seu dever prático. Não praticamente. A vida prática tem essa característica: ela jamais está satisfeita nem resolvida. Estar resolvido não faz parte da natureza da prática. Mas, moralmente, você pode ter esgotado o seu dever. Aí, automaticamente libera para você uma outra dimensão. Mas se é o próprio Deus que vai mandar de volta você para a vida prática, ele vai mandar. Agente tem que dançar conforme a música. O próprio estudo, ele vai te revelar o que você tem que fazer.

Ontem, eu descrevi esta primeira etapa como alcançar o fundo da alma: a água límpida na qual se você olhar para baixo vê as pedras. E se olhar para cima, vê o céu. O nosso propósito é alcançar plena lucidez com relação às coisas deste mundo. Também isso é representado pelo Tai-Chi; onde tem aquela coisa do quadrado e da bola. O quadrado é este mundo aqui. A bola é o céu. E você está no meio. Você só precisa reparar que você está lá no meio. Se você for chamado para vir para a terra, você vai. E se for chamado para cima, você também vai. É um engano pensar que exista uma transição da vida terrestre para a celeste, da vida prática para a vida contemplativa. Não se trata disso. Quer dizer, você começa a pensar um pouquinho nisso; e a sua consciência moral se torna mais alerta; e você começa a distinguir melhor o que é para fazer do que não precisa fazer. O sentido último da vida prática é a extrema simplificação. Ou seja, é a lei da eficiência: você resolver problemas com o menor investimento de energia, não o maior. Quer dizer, investimento excessivo na vida prática já é imprático. Cria aquele negócio da hiper-reflexão: é quando você pensa tanto num problema que você não consegue resolver. Quantas vezes eu esqueço nomes de pessoas. se eu ficar agoniado não vou lembrar mesmo. O negócio é acalmar as águas e aí o negócio vem. Hoje em dia, existe um apelo alucinante para que todo mundo faça reflexão dos problemas práticos. Por ex.: o sujeito tem uma dívida. Obviamente ele não tem meios de pagar aquilo. Se ele só for ter aquele dinheiro daqui a 3 a 4 anos, o que ele tem que fazer? Não é para fazer nada. Não é para pensar. Ele tem que ficar despreocupado, fazendo o que tem que fazer hoje, sem tentar resolver hoje o problema que ele só vai resolver daqui a 3 anos. Pior é ele acreditar que isso é realidade; isto é um pesadelo. O espiritual não é pensar; é contemplação. Contemplação é não fazer nada. A função da mente neste negócio é ficar calma e pensar menos. Se você estiver pensando obsessivamente em assuntos espirituais, você já não está pensando espiritualmente: você está pensando assuntos espirituais de maneira prática.

aluno: Eu não entendi bem aonde entra o elemento fogo no processo alquímico.

Prof.: Existe um centro do corpo humano que é o gerador dos movimentos que é representado como fogo. É lá que tem que chegar. Alquimicamente, no laboratório, isto é representado pelo forno. Não é bem energia. A palavra energia é um problema gravíssimo porque tem muitas conotações. No nosso caso, seria melhor dizer vida. Você pode começar por localizar o centro de gravidade. O centro de gravidade pode não ser exatamente o centro vital; mas ele vai estar por ali por perto. Localizar o centro de gravidade como se faz no Tai-Chi- já é um grande passo. Segundo, você começar a

fazer todos os seus gestos como proveniente do centro de gravidade e não de centros secundários. No Tai-Chi a coisa vem de dentro. O limite do Tai-Chi é só o corpo. Já na Ioga, você tem toda uma coisa atmosférica, que não interessa muito aqui. A coisa vem de fora: porque lida com circulação do Prana. A respiração não é um elemento tão importante aqui. O sujeito encontrar o centro de gravidade é mais importante. Por ex.: observe quando você anda de metrô e você de pé tenta se equilibrar. Existe, claro uma posição na qual você está mais firme. Se você não encontrar esta posição você faz o seguinte: você trava as pernas, uma ligeiramente mais para frente do que a outra e pressiona o joelho. Você acaba localizando. Geralmente o centro fica abaixo do umbigo. A partir do seu centro, você vai começar a produzir todos os seus movimentos. Você vai fazer praticamente o mesmo esforço do que antes só que agora ele estará bem distribuído. Você está fazendo uma economia. mas economia não significa gastar menos, mas sim centralizá-la. Aí então, é quase impossível que na esfera psíquica a tua atenção também não se torne mais econômica. Assim você vai liberando energia, vitalidade, tempo. Então, a medida que você vai se concentrando nisso aí, o tempo também vai esticando. isso quer dizer que, num prazo menor de tempo, você vai percebendo mais coisas: a realidade se torna mais densa, de certo modo, para você. Isso também quer dizer que num dia você pode ver a estória inteira; porque você viu a estória inteira! Você começa a tomar posse de uma espécie de temporalidade dilatada.

Esse negócio de ser gênio, é relativo. Ser gênio é um problema de atenção e de objetivo, de você querer. Dante escreveu a Divina Comédia, não porque era gênio, mas porque quis escrevê-la. Tem haver com desejo. Quer dizer que existe um tempo para que aparecesse à ele todo aquele mundo interior e se transformasse em palavras. São Tomás de Aquino parou de escrever nos seus últimos anos de vida. Perguntaram à ele porque e ele respondeu que era tudo porcaria. Quer dizer, o indivíduo vai aprofundando tanto este mundo espiritual até que chega um ponto onde a capacidade expressiva dele vai falhar, as palavras não abarcam mais este tipo de conhecimento espiritual. O homem espiritual é chamado Ação de Presença. Ele não precisa fazer nada, a ação dele consiste em existir. Note que tudo isto aqui que eu estou falando se refere ao começo do processo alquímico. O começo até o ponto em que eu possa entender. O homem imagina que a busca humana do conhecimento é na base de criar uma coisa e perder outra: você só encontra uma verdade à custa de um erro. Não! Existe um ponto de conversão aonde não acontece mais isso. A coisa não é mais por aproximação. É por acréscimo, por soma. Hegel diz que quando a gente contempla a história a gente só vê ruínas. Bom, mas existe uma outra maneira de progresso que não é mais temporal. A obra de Sto. Tomás de Aquino é uma sucessão de intuições espirituais fulgurantes: uma atrás da outra. O pessoal não entende, acha que é uma obra de filosofia, de pensamento. Que nada! Aquilo lá é obra de trabalho interior. Se você não tem este subsídio da Alquimia, você não vai entender nada. Até 1600, estes assuntos alquímicos não eram grande novidade; todo mundo tinha uma certa visão astro-alquímica. S. Tomás de Aquino não percebeu tudo aquilo por força de raciocínio. é só fazer as contas e ver que não dá tempo de pensar tudo isso. Ele não pensou, ele viu! Ao longo do tempo agente vê que há um certo desinteresse por estes assuntos. Esse corte começa com a ciência matematizante que emburrece a mente. Toda a ciência dessa época se desinteressa pela fenomenalidade sensível. O ponto de inflexão

disso aconteceu com Galileu; onde a ciência passa ser a mãe da técnica. Na Alquimia temos o contrário do modelo simplificado. É uma penetração na natureza tal como ela se apresenta. Toda ciência moderna toma uma espécie de domínio mental, aonde você simplifica um esquema; e vê a natureza como uma máquina que você pode apertar o botão para funcionar assim ou assado. Aqui é contrário: você não vai transformar a natureza para virar outra coisa. Você vai pegá-la tal como está; portanto você não tem o domínio de coisa nenhuma; você está como uma gota no mar; você é o navegante. No séc. XVIII a Alquimia era considerada absurda. Hoje em dia há um pouco mais de interesse; mas como é que você vai adaptar este conhecimento nas universidades? Se vai dar certo ou não. Dar certo é chegar à realização da perfeição; e claro, da transmutação de chumbo em ouro. E que só será plenamente realizada se implicar uma certa regeneração da própria natureza em torno. Não é uma coisa subjetiva. Aí é que entra o problema do Jung; porque o Jung confunde o processo alquímico como o seu equivalente psicológico. Que só afeta o indivíduo. Ele só fala da imagem da Alquimia na Psique, não no processo como tal. É mais ou menos como você descrever uma coisa no espelho. Ele faz um corte. Este assunto, não tem jeito de abordá-lo desde fora i.é; você projetá-lo numa tela e fazer disso uma ciência teórica. Daí porque Jung cai freqüentemente numa inversão total do processo. Ele vai dizer que tudo, tudo é psíquico; ele universaliza o conceito de Psique. Inverteu tudo. Nós estamos aqui neste trabalho alquímico para chegar no limite da Psique, para ir além dela. Mas a Psique termina onde termina a água. Dali para cima não é psíquico; nem dali para baixo. A posição alquímica é que a psique tenha uma posição muito modesta no processo. O problema do Jung é esta: ele tem um conhecimento monstro deste negócio mas é tudo exterior. Esse conjunto não pode ser olhado de fora senão se distorce. É mais ou menos como o mito ao tentarmos interpretá-lo. Interpretar significa explicá-lo segundo a chave de uma outra disciplina que pode ser a filologia, filosofia, história etc.. Isso são todas ciências especializadas. Acontece que o mito é uma produção de realidades metafísicas, universais que só pode ser explicada através do ponto de vista desta mesma realidade. Então o mito não é para ser interpretado; agente tem que interpretar a realidade através de mito. Ele é um instrumento de interpretação. O crente da igreja batista, que olha a vida através de sua crença, ele está entendendo mais que o mitólogo, o filólogo, que vai estudar a crença como se fosse um objeto. Porque estas ciências especializadas não tem universalidade suficiente para ela abranger o objeto. E na Alquimia é a mesma coisa: não tem jeito de explicá-la. Ela é um instrumento de explicação. O mito é para você escutar, decorar e quando for a acontecendo coisas que foram se parecendo com o mito, você vai montando de acordo com o mito. É uma regra de jogo.

aluno: Mas o Jung não fez exatamente isso?

Prof.: Fez o contrário. Ele referiu os mitos à conceitos psicológicos que não tem abrangência suficiente para explicá-lo. O certo é fazer o contrário: interpretar a Psicologia através do mito. O que é um psicólogo nas lentes de um mito? O psicólogo fica olhando a Psique entanto tal. Ele olha um pedaço da Psique e vê o outro lado da Psique. É um sujeito que olha um espelho através de um outro espelho e assim por diante. É um homem que vive de sonhos. Quem olha muito seus sonhos fica semelhante à suas sombras. O que é um psicólogo? É uma sombra de um Alquimista. É um ser fictício. É um sofista do mundo espiritual. A psicologia é uma pseudo-ciência

miserável; Basta ver a diversidade de escolas umas discutindo com as outras. Dr. Müller sabia que a Psique não pode ser manipulada como tal; que ela é somente uma superfície de transição. A própria palavra Psicoterapia, já é um absurdo. Não se cura a Psique; se cura o Ego. O que é o Ego? É a história sua que você conta para você mesmo. Isso dá para mexer. Mas a psique não é nada, é somente uma série de imagens. Então, você pode curar o corpo, o rumo espiritual ou o Ego. Inconsciente também não é doente nem são. O mundo psíquico é indefinidamente variado pela sua própria natureza. Ele como tal não pode ser objeto de ciência. Mas isso aí Aristóteles já dizia em Da Psique. A Psicologia tende sempre a se dissolver ou em neurologia ou em Alquimia. Qualquer ciência onde você tem mais teoria do que cabeças é claro que é pseudo-ciência. Mas a Psicologia é uma ciência intermediária por natureza; e você só pode saber que ela é pelas suas vizinhas. A Psique é como se fosse um estudo da superfície da água. A superfície sem espessura. É estudo de impressões, de sombras. Agora se você encaixá-la dentro da perspectiva alquímica, ele se torna um estudo muito nobre. Mas Jung fez ao contrário: colocou a alquimia dentro da Psicologia. No final das contas Jung teve seu valor porque de certa forma ele recolocou o estudo da Alquimia em voga. Espiritualmente, no entanto, a obra de Freud é mais verdadeira que a de Jung. Os primeiros depósitos de conhecimento não são coletivos, são do próprio indivíduo. Tem indivíduo que sabe isso aqui. Fragmentos disso são transmitidos de geração em geração pela verborrêia, pela linguagem, pela atroz confusão, pelo lixo espiritual.. Então porque vou catar alguma coisa no lixo se posso catá-la na fonte? Então eu não tenho que procurar inconsciente coletivo e sim procurar um consciência elevada individual.

aluno: E quando o cara sonha e aparece lá um mito?

Prof.: Aparece tudo, mito misturado com meras reações corporais dele, com fragmentos de conversa. E eu vou buscar isso lá? Ou vou buscar a consciência individual esclarecida, iluminada que tem tudo isso para me dar? Você sabe o que o Taoísmo fala do sonho? Sonhou, esqueça. O praticante do taoísmo que ainda sonha não é considerado como pessoa que atingiu o estágio ideal. Porque não é para sonhar.

aluno: Mas Jung dizia que os sonhos são mensagens do inconsciente.

Prof.: Não, são mensagens do inconsciente. Os sonhos são mensagens que podem vir de qualquer parte do seu corpo, do corpo de vizinho, da natureza em torno, de criaturas da natureza elementais, pode vir de anjos, pode vir de Deus. Esses sonhos são completamente diferentes. Mais ainda: existe uma ciência dos sonhos a respeito destas imagens que chama-se Discernimento dos Espíritos. Ela discerne de onde vem estas mensagem e analisa se vale a pena ou não. Em 99% dos casos, não vale a pena pensar neles. Porque os sonhos que têm uma revelação, eles são claríssimos e auto-interpretados. Se tiver que interpretar é porque já não presta. Então na prática a maioria das pessoas não sabem o que é um sonho de revelação e um sonho de indigestão.

QUARTA AULA (17/01/96)

.O bem supremo, trata-se de você imaginar uma vida melhor do que essa. No entanto, se você não tem uma no corpo o melhor do melhor do melhor, você perde a visão por escala do que está se passando aqui e agora. Aí é um problema da Tímese Parabólica. Tímese é avaliação. Parabólica é aquilo que descreve uma parábola. Então, você tem que avaliar pelo melhor que se possa conceber.

A tímese é uma faculdade cognitiva especificamente humana: só o homem pode fazer isso. Nenhum bicho pode imaginar ou conceber para ele mesmo uma situação muito melhor que a que ele tem. Note bem que isto não é razão. Todo animal participa da razão. Mas, a tímese não é raciocinar a partir dos dados mas da pura concepção de algo supremamente melhor. Quer dizer que toda nossa cultura, conhecimento, especulações, elas valem muito pouco se forem amputadas desta referência a este melhor que nós só conhecemos idealmente. Mas que nós sabemos que é uma possibilidade efetiva; pelo simples fato de que nós podemos pensá-la. Daí a necessidade de pensarmos continuamente no melhor do melhor do melhor. Porque somente isso que vai dar para ela a escala exata do que está acontecendo. Porque se você só comparar um acontecimento com outro acontecimento i.é; um mundo real com outro real, você nunca tem a medida; a não ser provisória: você efetivamente não sabe o que quer, os seus julgamentos estão todos errados. Isso quer dizer que a tímese parabólica é a própria pedra angular da razão. A razão sem a tímese não valeria absolutamente nada; porque a razão pode ser como uma balança. A balança só compara uma coisa com a outra. Mas, qual é exatamente a medida que você está usando para ver este peso? Quer dizer é uma balança de quilos ou de toneladas? Então, você pode pesar uma coisa com outra mas dentro de uma escala que seja proporcional às duas. Porque às vezes, para você avaliar certas coisas, você precisa de uma balança de maior capacidade. E é exatamente isso que é a tímese. Então, se não tem a tímese, a razão fica que como uma faculdade solta. A tímese é mais ou menos uma coisa que aferisse a razão. Aliás, ela é um critério supremo da razão. Dá idéia de liberdade. Como é que você vai ter o critério da liberdade a não ser por uma verdade ideal. para você dizer que uma coisa é verdadeira ou falsa, você está dizendo que uma atende e outra não atende um certo ideal que você vê na verdade. Quer dizer, nós não conhecemos a verdade somente pelo aspecto empírico, pela experiência que temos da verdade; mas também por uma expectativa que nós temos e que às vezes não se cumpre. Você só vai entender o que é verdade se entender que ela é um ideal, e não uma realidade. A verdade é uma coisa que você espera que os seus pensamentos tenham; e quando não têm, você se sente frustrado. No que consiste precisamente esta expectativa? É você acreditar na verdade como um ideal, como um valor. Se o cara não pensa continuamente sobre isso, o senso da verdade dele foi para as cucuias. Ele não conhece propriamente a noção de liberdade, ele conhece verdades. mas a noção de liberdade foi para as cucuias mesmo! Então, a exclusão da consideração de valor nas ciências é uma monstruosidade, isso impede o funcionamento da razão. Hoje em dia todo mundo diz: as ciências não devem se basear nos valores. Claro que deve! Isso é a principal coisa! Porque a ciência toda se baseia num valor que se chama veracidade. Como a veracidade é um valor que você pretende alcançar, então você só pode conhecer as verdades que você já tem. Então, a ciência não pode ajudar. A ciência se

dirige idealmente em uma direção à uma conexão complexa de todas as verdades que ela conhece; formando uma verdade maior do que aquela em particular. Por ex.: os fatos que uma ciência conhece, eles não são verdadeiros no mesmo sentido que será a teoria final explicativa que vai abranger todos estes dados. Quando você pega vários fenômenos: o trovão, a faísca que sai quando você esfrega uma planta. e você chama isso de eletricidade, você está querendo dizer que esse conceito de eletricidade é mais verdadeiro do que essas várias denominações que você dá às diferentes aparições do fenômeno. Quer dizer, por trás deste fenômeno existe uma verdade chamada eletricidade. Toda a ciência raciocina assim. Então, ela não é só a verdade dos fatos mas sim um ideal de veracidade maior que a dos fatos que ela pretende alcançar. Ora, se você excluir como é que se vai fazer ciência? É balela esta estória de excluir problemas de valor. Não só é falso como inconveniente. Porém, no nosso caso que é uma ciência prática de transformação da matéria para a alma humana, é somente a títese parabólica que nos vai dar a idéia de algo que nós temos, íntimo. Por ex.: nos julgamentos diários que nós fazemos sob as pessoas, está subentendido que nós sabemos algo do bem e do mal. Mas, raramente nós pensamos a respeito disso. Então, se você perguntar: é mal porque? você vai ver que a maioria das pessoas não sabem. Sabem apenas que é uma convenção. Mas, se o julgamento do bem e do mal é uma convenção, porque que você passa por uma emoção tão intensa ao condenar o mal? Quer dizer, no fundo você tem uma explicação do bem só que está inconsciente, você nunca pensa nela. Condenar o mal é menos importante que saber o que você mesmo pensa do bem. Por exemplo: o que seria para o indivíduo o homem perfeito? Se você nunca pensa nisto, a sua visão do bem é completamente nebulosa. E os julgamentos que você faz dos indivíduos são completamente aleatórios. Você está habituado a receber um modelo pré-determinado do bem através de alguma figura histórica ou mitológica: Jesus Cristo, Buda etc.. Você recebe isso pronto. Mas receber pronto não adianta se você não pensar nestas figuras. Uma coisa é você conhecer estas figuras nas escrituras e outra é tê-las na cabeça. Então, meditar continuamente o bem particularmente na forma de virtude humana i.e.; saber o que você realmente pensa disto, é até mais importante que receber os modelos prontos. Porque estes modelos são inteligíveis se você não pensar neles. Então pensar no que você concebe como o supremo bem na escala do humano, já é uma condição indispensável para poder entrar no destino de. Agora, cada um vai pensar de um jeito; mas não importa porque todas essas coisas que estas pessoas vão imaginar diferentemente, elas se referirão à um mesmo ideal. Claro que cada um vai enfatizar mais uma lado que outro, conforme as diferenças pessoais. Mas, como dizia Teilhard de Chardin, tudo o que, converge. Se você está pensando no supremamente bom, as diferenças entre os que as várias pessoas pensam, vão se neutralizando aos poucos. Na verdade, o bem, a virtude são simples. Os vícios é que são complicados e muitos. Uma conta de $2 + 2 = 4$, só tem um resultado certo. O resultado errado são todos os outros números. Então esta faculdade da títese, ela é até mais importante do que o próprio exercício da razão.

No caso da nossa ciência de transmutação e como essa transformação em grande parte é interior- de fato você tem que saber para onde você está indo e aonde vai chegar. Chegar no termo final que é simbolizado pelo ouro. Essa curva parabólica é utópica, ideal porque é uma curva que tende a ser reta mas nunca chega a ficar totalmente reta. É assintótica.

Falamos também em símbolo na aula passada. Aqui, como se trata de uma ciência prática, não existe propriamente a teoria alquímica. Não existe nenhum livro de alquimia que seja teórico: na medida que você está lendo aquilo ali já é a prática de algum modo. E então é importante entender o que quer dizer a linguagem simbólica. Simbólico costuma ter uma significação de uma coisa oposta ao ideal ou ao utilitário. E nós não usamos neste sentido aí. Se usássemos neste sentido, nos afastaríamos muito das obras alquímicas. O simbólico tem que ser entendido como uma espécie de coisa hiper-literal. Hiper-literal quer dizer que cada palavra quer dizer exatamente aquilo que está dito nela. Mas, sem nenhuma restrição ou nenhuma separação abstrativa. Por ex.: Terra não quer dizer exclusivamente o planeta Terra nem exclusivamente um pedaço de terra nem exclusivamente o elemento terra da física antiga. Quer dizer tudo isso junto. Não é uma leitura abstrativa e sim concretiva. É isso mesmo que é o simbólico. A linguagem abstrata vai num sentido de separar um significado e lidar exclusivamente com aquele; até para não ter confusão e você poder pensar em linha reta. É uma dedução lógica que você faz: você estabelece o sentido e vai raciocinando dentro daquele mesmo sentido. Mas aqui, não dá para ir em linha reta. Aqui você anda um passo e dá um outro para trás. Porque você vai sempre esquecer algum significado lá para trás. E este contínuo retorno para recolher os significados que foram esquecidos, isto mesmo é que é a leitura alquímica. Porque a mente humana tende a ir obsessivamente no sentido da abstração por uma questão de economia de tempo. E também para você pensar mais, você reduz o significado. Porém a leitura simbólica requer o contrário: que você recolha todos os significados. Se você leu errado, você volta para trás porque você esqueceu uma acepção possível da coisa.

Neste momento, agente tem que distinguir o que é leitura simbólica do que é leitura alquímica. A leitura simbólica é só uma etapa, uma condição prévia. Mas passando da simbólica para a alquímica, nós não só recolhemos todos os sentidos mas nós conseguimos presentificá-los ou seja, conseguimos reconhecer aqueles significados não em imaginação, mas concretamente. Quer dizer que quando eu estiver lendo Terra, o que vai ser evocado por isso não é a imagem, nem o conceito de Terra, mas a terra mesma, a terra tal como está no seu corpo. Cada um dos símbolos alquímicos (a terra, o chumbo, o ouro etc.) primeiro têm que ser lidos simbolicamente com plenitude de significado. Segundo têm que ser lidos alquimicamente com plenitude de presença física das coisas simbolizadas e não apenas mental. Então, quando se fala em Mercúrio, temos que dirigir a atenção não só para o símbolo, ou o conceito, mas também para o Mercúrio que esteja efetivamente presente em você naquele momento. Por ex.: Mercúrio é uma substância dissolvente. No momento da leitura alquímica, algo em você está fazendo a operação naquele mesmo momento. Algo está dissolvendo crostas de sujeira de esquecimento, etc.. A leitura alquímica, ela tende a ser de certo modo cada vez mais lenta. É como se para cada ente referido ali no texto, você tivesse que trazer algo. Mas a leitura alquímica tem um número finito de símbolos. Por ex.: a operação puramente mental que você faz de remover uma crosta que tem em torno de seu entendimento, uma crosta a que o impede de ver algo. Isto aí tem um concomitante físico naquele mesmo momento. Outro ex.: eu estava assistindo uma aula do Dr. Müller sobre o tema Lua, e eu não estava entendendo nada. Aí Dr. Müller me deu umas gotinhas de *Argentum metallicum*. Dez minutos depois eu tinha entendido tudo. Nessa hora eu entendi qual era a relação que podia haver entre mente

e corpo. Para mim, todos nós somos cartesianos incuráveis. Quatro séculos de pensamento cartesiano nos levou a pensar em corpo e mente como coisas separadas. Mas tudo isso é evidentemente uma coisa só. É uma diferença de ângulo. É como cara e cora. Se você obtém a cara, você trouxe a coroa junto. Mente e corpo são abstrações. O que existe efetivamente é o chamado composto humano indissolúvel como dizia Aristóteles. Recapitulando, se um metal podia produzir repentinamente uma síntese simbólica na minha cabeça é porque era o corpo que estava pensando. Quem é que pensa? É o próprio corpo! É que quando você vai saindo da esfera das percepções sensíveis e indo para o pensamento abstrato, você tem a impressão que aquilo não é corporal. Mas é sim! Por ex.: se eu falo para você imaginar um indivíduo humano. você está me vendo corporalmente. Agora, se eu falo para você: uma multidão. Agora você já não vê com tanta precisão. E se eu digo para você: a humanidade. Aí já vira um conceito genérico, aparentemente incorpóreo. Mas, na realidade a humanidade existe corporeamente tanto quanto o indivíduo! Então, quando vamos subindo na direção dos conceitos abstratos, agente tem a impressão de que se afastou da corporalidade. Mas, ao contrário: a humanidade tem muito mais corporalidade que um indivíduo sozinho. É só somarmos pesos. Então, quando pensamos genericamente, cria-se um efeito ilusório. Eu posso conceber uma árvore sem pensar em terra. Mas, quando faço isso, eu estou fazendo uma separação, uma abstração. Agora, quando eu penso a árvore não isoladamente, como se ele estivesse boiando no ar mas, como uma árvore que brota da terra, me aproximei mais da realidade. Estou tendo um conceito mais real. Por isso mesmo que CONCEITO vem de CON + CEPTIO = Ceptio vem Cepire, que quer dizer agarrar, captar. Quando nós pensamos numa coisa estamos tendo apenas uma idéia. Mas, se esta idéia agarra alguma realidade nós chamamos conceito. Lamentavelmente em inglês, Concept significa qualquer coisa que você pensou mesmo que não exista. O Conceito é uma idéia que agarra uma realidade e diz o que ela é efetivamente. Agora, uma idéia é apenas uma atenção que permite reconhecer a coisa. No conceito eu me aproximo do real. Ora, para eu me aproximar do real, eu tenho que enxertar um ente individual Por ex., dentro do conjunto dos seres. Isso quer dizer que eu vou ter que falar de mais seres e aumentar a escala do que eu estou falando. Ora, na medida que eu aumento a escala, eu me afasto da percepção sensível. E daí, eu tenho a impressão que eu estou indo para o ar, estou ficando cada vez mais abstrato e é exatamente aí que eu estou indo para o concreto. A cavidade Por ex.. não é um conceito; é apenas uma idéia. A espécie cavalo é que é um conceito! Agora, se você falar a qualidade que distingue a espécie cavalo, ela só existe abstratamente. Agora, a espécie existe materialmente. O que é a espécie cavalo? É todos os cavalos que existiram, mais todos os espermatozóides em número finito que estão dentro de todos os testículos de todos os cavalos existentes e mais os espermatozóides de cavalos que poderão brotar destes. Até completar todos os cavalos que existam. Isto é material! Muito grande mas é material. É limitado, finito. Agora, a cavidade é a qualidade separativamente considerada que você verá em todos estes cavalos. Agora, nossa mente tem uma dificuldade de perseverar no concreto usando instrumentos abstratos. Quando ela se desliga da percepção sensível, ela perde o concreto. Não podemos confundir concreto com sensível. O sensível também é abstrato. Prova disto é que você só pode perceber fisicamente uns quantos aspectos da realidade. Por ex.: neste momento eu só percebo esta sala, mas eu sei que esta sala não está boiando no ar;

que ela está dentro desta casa. Eu não o sei sensivelmente, mas eu sei disto. Este é que é o concreto. Então temos que distinguir o que é o concreto da realidade e o que é o concreto do conhecimento. Uma coisa é a realidade concreta. Outra é o pensamento. E a realidade concreta, por incrível que pareça, agente só pega por pensamento abstrato. E é aí que está a dificuldade. Por ex.: você não vê uma árvore se alimentando do sol. Mas você sabe que ela está fazendo isso. O conceito verdadeiro de árvore é uma forma de vida que brota do solo se alimenta dos minerais dela. Então eu só consigo ver a forma exterior dela. Isso é abstrato. Esta forma exterior não existe em si. Agora, o pensamento concreto seria aquele que lidasse apenas com os dados percebidos: não iria muito longe. É um pensamento que não se afastaria muito da realidade sensível. Em outras palavras: o pensamento concreto é aquele que se ativesse àquilo que foi percebido de imediato. É um pensamento que se guia pelas aparências. Então todo o pensamento é de fato abstrato. Mas esse abstrato é um instrumento para você perceber a realidade da sua concreção. O concreto é o que as coisas são efetivamente dentro da sua concreção. CON + CRESTIO = é aquilo que cresce junto. Ou seja; é o conjunto das condições reais que permitem que aquele ente exista. Então árvore sem terra não existe: nós sabemos disto mas nós não percebemos isso. Portanto só podemos captar esta noção através do pensamento abstrato. Porém, é este pensamento abstrato que permite que agente agarre a concreção real daquele ente. Quando você pensa em conceitos abstratos, isto não quer dizer que você esteja lidando com realidades abstratas. Para você captar a realidade concreta, é só através do pensamento abstrato.

aluno: Porque esse negócio de realidade concreta e abstrata? A realidade não é uma só?

Prof.: A realidade é abstrata apenas no seu modo de conhecê-la.

Voltando à questão da leitura simbólica e alquímica. A leitura alquímica então, é um contínuo retorno e por isso assume já o significado de uma meditação. E por isso mesmo que a leitura alquímica já é uma prática. Então, cada vez que você ler um texto alquímico, a tendência é ler e continuar lendo. Para fazer isso agente reduz a esfera de significados de cada palavra, pega-o e passa adiante. Quando você terminar a frase, você volta lá lembre os outros significados, volta de novo e de novo. Isto é que é o *Lege, relege*. Ler, ler, reler e encontrarás que é a regra máxima do alquimista. Você vai ler 1.000 vezes a mesma coisa até que você veja com os olhos da cara, não com os olhos da imaginação. Ela vai ter que passar por uma fase conceitual, imaginativa e depois perceptiva. Então, quando você lê um romance qualquer. Este romance se refere à emoções que você nunca teve, em situações que você nunca viveu. você não vai entender, ou vai entender de uma maneira morna, sem vida. Bom, teria um jeito de produzir um análogo desta emoção de modo que você venha a entender? Tem: pela ingestão de uma substância correspondente àquela emoção (exatamente como no caso da minha aula da Lua com o Dr. Müller). No fundo toda a homeopatia se baseia nisso. Se você pegar toda a matéria médico-homeopática, o conjunto daquelas substâncias minerais, vegetais, animais que você usa ali, aquilo ali é um dicionário de sensações. Tudo o que o ser humano pode sentir, imaginar, agente tem o equivalente material. Na homeopatia existe um remédio chamado Silicea. O sujeito que precisa de Silicea tem

uma dificuldade em concretizar as idéias. Por isso é um indivíduo hesitante: ele não sabe o que quer porque ele não sabe direito o que pensa. Ele é inseguro porque as idéias dele são de borracha. Tomando Silicea parece que as coisas congelam, se esclarecem; aí acaba a indecisão! E como é que você faria para obter a mesma coisa por meios puramente verbais? Ele levaria 2 anos! Muito bem, na leitura alquímica, você mesmo fará isso: você puxará no seu corpo as recordações, emoções etc. que estão ligadas àqueles elementos alquímicos de que fala o texto. É por isso que os textos alquímicos freqüentemente introduzem a seguinte noção de: O Nosso Mercúrio.

Ontem, nós vimos que visitar o interior da terra significava estar lá efetivamente. E que o interior da terra significava o próprio corpo. Então, é para entrar com atenção no interior do seu corpo. Esse hiper-literal é que é o simbólico. Ele é hiper-literal porque ele não é abstrato, ele é concreto: não privilegia um significado em especial mas usa todos os significados compactados. Isso quer dizer que se sua atenção reflui para o interior do seu corpo, ela está entrando no interior da matéria, na terra mesmo. Esse corpo aqui é terra e não outra coisa. O pessoal aqui da astrologia já sabe que o Saturno astrológico é algo a mais que o Saturno astronômico. Só que na alquimia tem mais ainda; porque ele se refere a tudo isto tal como acontece também dentro do nosso corpo. Quer dizer que lá dentro também tem um saturno. Este Saturno pode ser determinados órgãos que a astrologia associa à Saturno; mas não só isto, tem mais e mais e mais. Mas também tem certas funções e relações associadas à Saturno. Então Saturno alquímico é tudo isto indissolúvelmente. O Baço no corpo humano está associado à Saturno: é o órgão que dá o extremo limite do seu corpo. Quando você corre não é o baço que dói? É porque ele não está agüentando fazer as transformações que ele tem que fazer. Então ele pára o corpo inteiro. Mas, agente vive bem sem baço. Mas isso não quer dizer que podemos viver sem limites. Agente vai ter que fazer isso através de outros órgãos, outros meios; não é só o baço que está associado à Saturno. Nos tratados de astrologia, o fígado às vezes está associado à Saturno, às vezes à Júpiter e às vezes aos dois juntos. Considerando, então que temos que juntar todos os significados na leitura alquímica, concluimos que a prática da alquimia trata da instalação do indivíduo na realidade. É um esforço da pessoa se situar dentro do tecido de relações reais no qual ele está naquele momento. E o efeito que isto tem na personalidade como um todo é um negócio brutal. Primeiro que as distinções entre perceber e imaginar, são na vida diária um dos temas. Por ex.: basta você imaginar que o indivíduo te ofendeu para você se sentir ofendido. Basta você imaginar o perigo que você já sente medo. Esta confusão entre sentir e imaginar é constante. Com um pouco de prática alquímica agente já elimina isso para sempre. Você saberá sempre se é imaginado ou se é sentido. Se está presente ou se é hipotético. A alquimia vai ajudar a distinguir o real do imaginário. É porque o corpo humano não distingue entre o perigo imaginário e o perigo sentido que é possível a hipnose. Quando você hipnotiza o sujeito, ele vai ter todas as reações corporais que o hipnotizador sugerir. Quer dizer, o cara vai imaginar que está passando por certas situações e o corpo dele vai reagir na exata medida. Ora, o sujeito que está hipnotizado ele pensa, ele raciocina, ele sente, ele recorda, ele tem todas as funções; só não tem uma: ele não julga. E é só este julgamento- que tem o seu ápice na títese parabólica- é que nos permite discernir entre o imaginário e o real. Daí você pode saber se o sujeito te ofendeu ou foi você que se sentiu ofendido. Porque neurologicamente é a mesma coisa. Imaginativamente é a

mesma coisa. No plano das emoções é a mesma coisa. Por aí você vê que a falta de cultivo do hábito de julgamento, imbeciliza as pessoas. A faculdade cognitiva que mais se aproxima da tímeze parabólica seria a jupiterina.

A imaginação deve produzir uma reação neurológica semelhante ao dos estímulos reais mas só que diminuída. Deve porque esta é a função dela. Se você puder balancear as reações de maneira que, ante o perigo real, você tenha uma emoção equivalente à *x*. e no caso análogo - porém imaginário você ter a mesma reação, mas muito diminuída e atenuada, você estará com o pé no chão. Isso não acaba em absoluto com os artistas. Se você pega Goethe, Shakespeare, todo mundo sabe disso aí. Agora, hoje em dia agente tem um subjetivismo atroz. O indivíduo só fala daquelas coisas que afetaram a sua alquimia numa determinada circunstância que só aconteceu à ele; e casualmente aconteceu à outros indivíduos da mesma cultura. Só que, passam alguns anos e aquilo ali não significa mais nada para ninguém. É por isso que você vê que a arte hoje em dia, ela envelhece muito rápido. Porque é subjetivo: só quem compartilha daquela referência é que pode ter emoção análoga. Agora, se você penetrar na esfera do simbolismo universal. aí você não tem muito como escapar. É isso que vai diferenciar emoção real da emoção artística. Por ex.: se você vê o quadro da Crucificação, onde aparece o Cristo todo ensangüentado. A reação que você tem ao ver o quadro é diferente do que se você visse realmente o Cristo ensangüentado! Qual é a diferença? A diferença é que no quadro, o Cristo é imaginário, interpretado. E aquele impacto não deve se dirigir aos seus sentidos; mas sim à sua capacidade de julgamento. É isso que é emoção artística. Caso contrário, seria emoção real. A emoção real, ela tem um impacto físico direto: não tem mediação. A emoção artística, se dirige à sua imaginação: ela dá um intervalo, um sossego para você poder pensar e julgar. Então, ela se torna um elemento de valor intelectual-espiritual coisa que a emoção direta não tem. Aliás, a emoção direta te impede de julgar. Portanto a arte, ela ajusta o que é o imaginar, o sentir e o julgar; coisas que na vida diária estão separadas. Por isso que a arte ajuda a entender o mundo. O evento artístico, se você não entende, você não sente nada. E os acontecimentos da vida diária? Bom, se você não os entender, você sente do mesmo modo. A arte transmite experiências e emoções inteligíveis e que estão ali montadas exatamente para isso. Agora, para ela fazer isso é preciso que a emoção imaginativa esteja muito atenuada. Histeria é exatamente a total confusão entre a emoção imaginada e emoção real. O histérico finge que está sendo ameaçado e fica apavorado; finge que está sendo ofendido e fica mortalmente ofendido. E não tem meio de você explicar para ele que aquilo não aconteceu. A emoção imaginária toma o seu corpo e você não entende; quer dizer existe uma diminuição da inteligência. Mas na emoção artística atenuada, a inteligência continua funcionando; então você entende aquela emoção. Por isso que a emoção artística não é violenta; mas no fundo ela é mais comovente: ela tem significado. E numa obra de arte que você não atine o significado, você não entenderá e, portanto não sentirá. E portanto, é na arte que você vê essa junção do sentir e do entender- que na vida diária não acontece. Na vida diária quanto mais você sente, menos você entende: quanto mais violenta a emoção, menos você entende. Concluindo: esta ida do homem do seu interior subjetivo para o vasto mundo real, isto é a Jornada do Imbecil até o Entendimento. Quando somos pequenos, somos idiotas: só acreditamos naquilo que nós mesmos imaginamos. Depois acordamos para o

mundo real e constatamos que ele é maior do que imaginamos; e acabamos gostando dele. A criança se protege no mundo subjetivo: o que faria mal a ela, ela faz de conta que não vê; e esquece. daí que surge os traumas, as neuroses. É a mentira esquecida na qual você ainda acredita. Essa idiotice é como a casca de ovo na qual você pode se proteger durante algum tempo; mas não adianta, depois você tem que quebrar a casca do ovo. E agente passa o resto da vida quebrando a casca. Então, este tipo de meditação que vai tentar presentificar as coisas até que você veja umas que estão de fato presentes e outras que você só imaginou isso aqui tem um impacto tremendo sobre a personalidade. Isto aqui é como se fosse uma curva que vai no sentido de uma perfeita conformação com o real: uma reconciliação com o real. O sujeito vai desde uma revolta subjetiva até um sim que ele diz à tudo que acontece. É aí que ele está com o pé no chão. Aí chega-se na condição humana. A condição humana é quando você pode ver um cenário imenso, que você não escolheu, que você não conhece de antemão, e que praticamente você não pode mudar; exceto por uma pequena esfera de ação pessoal que na melhor das hipóteses, se você for um homem muito poderoso-abrangerá a vida de uns quantos outros seres humanos. Então, você não vai mudar a estrutura da terra, a órbita dos planetas, o fluxo dos tempos, o curso da história, você não pode mudar nada disso. Então, nós não viemos aqui para mudar, nós viemos aqui para saber o que é. Aí você vê que a verdadeira missão do homem é conhecer e não mudar; é esta a transformação, a sua transformação. Você não veio aqui para transformar mas para ser transformado. E quando você morrer, acaba o seu ciclo de transformações; e pior, pode ser que você passe pela vida e nem entenda, nem perceba o real, a operação alquímica. Esse mundo é um forno alquímico onde todos estamos sendo transformados. A onipotência é até certo ponto necessária, como as ilusões infantis; porque senão você não agüenta: a casca de ovo quebra de repente e você fica um pouco assustado; porém temos que lentamente quebrá-la e ver que nós aqui não estamos fazendo absolutamente nada; estamos sendo feitos. Você pega um homem extremamente poderoso como Napoleão Bonaparte: Quanto sobrou da obra de Napoleão? Todos os seus reinos foram desfeitos, à exceção da Suécia. Isso Napoleão, agora imagina você! A nossa ilusão do agir, do fazer, é enorme. A nossa ação existe mas é tão pequenininha, que ela só começa a fazer sentido na hora que você a encaixa dentro do processo do mundo mesmo; você está sendo feito: o melhor que você tem que fazer é colaborar com isso mesmo. Relaxe e aproveite. Isto chama-se obedecer à Deus. Você vai ser transformado naquilo que Deus quer te transformar. Porque tem esta margem: você pode colaborar ou não. Se você não colaborar a obra não sai bem feita. Chega-se à perfeição. Perfeição quer dizer completo, inteiro, por igual em todos os sentidos. É o sentido do caixão do defunto. O caixão de defunto é uma forma sextavada que significa as 6 direções do espaço: o indivíduo foi nas 6 direções e está completo nelas. Às vezes fica faltando alguma coisa, não completamos o trabalho. Mas, idealmente, todos nos formamos uma forma sextavada: evoluímos no sentido para frente, para trás, para esquerda, para direita, para cima e para baixo. Esta Contemplação é exatamente o objetivo da obra alquímica. Heráclito dizia: os homens que dormem, estão cada um no seu mundo; os homens acordados estão todos no mesmo mundo. Quer dizer que esse negócio de ficar no seu mundo subjetivo. Só na cabeça do sujeito é que ele está no subjetivo: Ele pode pensar que está no Palácio de Versalhes, mas ele está é no hospício. Todo mundo enxerga, só ele que não. Seria bom

que ele soubesse para depois ele ter a chance de sair. Nós vivemos cada um no nosso hospício privado, no nosso ovo. O objetivo desta coisa é tornar-se humano. O cara tem que saber que ele é só mais um: tem uma infinidade de gente que veio aí, passou pela mesma coisa, nasceu, passou por todas estas transformações, estes dramas, teve que um dia romper sua casca e enxergar a realidade. está todo mundo no mesmo barco há muito tempo. Porque que Saturno é o último? Veremos isso com mais detalhes na próxima aula: existe uma seqüência geocêntrica (Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol., Marte, Júpiter e Saturno). A travessia da última esfera (Saturno) vai representar a completação da forma, da perfeição humana. Isso no esoterismo islâmico é associado à sucessão dos profetas que foram sendo enviados à humanidade. O Corão tem 144.000 profetas. Agora, para nós estes 7 profetas representam não só uma sucessão de mensagens que marcam a evolução da história; mas também a travessia da alma individual neste processo da transformação alquímica. Mas, note bem, tudo isso aí é o que se chama de Os Pequenos Mistérios. Os pequenos mistérios são os mistérios da condição humana aonde o homem vai conhecer a si mesmo. Depois que ele chegou na culminação da condição humana, aí começa os mistérios divinos: aí que você vai conhecer os anjos etc..

Vamos ver agora a esfera lunar. A Lua representa o primeiro e o último profeta. O primeiro profeta é Adão. E o último profeta é Maomé. É ali que começa a história humana; e é ali que ela se perfaz ao uso da mensagem do Corão. A esfera da Lua representa a mensagem no fundo da alma: a água.

Neste recipiente vemos as pedras no fundo, a água acima e mais acima o ar. E no meio, temos as formas viventes. Quando assentou toda a sujeira limpando a atmosfera, a água calma forma um espelho: do qual você vê o céu ou vê o fundo. Então, isto aqui é que é o estado de perfeita conformidade: é o começo da obra alquímica. Quando você chega no fundo da alma, você vê as coisas como elas são. Isso é representado por Adão, que é o primeiro homem a quem Deus revelou o verdadeiro nomes das coisas. Então, a mensagem Adâmica é: o que as coisas realmente são. É também, representado pelo último profeta que perfaz a mensagem; Ele tinha uma prece que ele rezava todo dia que era: Deus, mostrai-me as coisas como são! Este estágio é representado pela Lua. Alcançar o fundo da alma é alcançar esta água plácida na qual você pode, olhando por um certo ângulo ver o fundo: o mundo material etc.. Olhando de um outro jeito você vê o reflexo do céu límpido. Adão quer dizer: homem são.

A próxima esfera é de Jesus Cristo. Jesus, é o logos, a linguagem, a inteligência. Essa inteligência é aquela que cria, a ação e a restauração das criaturas. A mensagem do Cristo é essencialmente a mensagem da criação e da salvação. É basicamente a mensagem da cura, a restauração da forma perdida, a medicina, o resgate dos pecadores. É a esfera de Mercúrio.

Depois você tem Vênus que é a esfera de Moisés. A mensagem de Moisés é o mundo da imaginação, dos símbolos, onde as coisas umas se transformam nas outras: a serpente que se transformava em cajado, os milagres etc.. Então é o tecido simbólico do mundo.

Depois chegamos na esfera do Sol. A esfera do Sol é dada pelo profeta Enoch ou Idris. É o correspondente ao que seria Hermes Trimegisto que é o portador de todas as

ciências cosmológicas; entre as quais a astrologia. Depois retornaremos às demais esferas.

Para chegarmos ao fundo da alma se deveria, em princípio, concorrer todas as disciplinas religiosas. A remoção e limpeza constituem-se de duas esferas diferentes: seria a esfera das nossas emoções etc.; e também das idéias, dos pensamentos. Então você teria a doutrina real que correspondem aos valores, aos sentimentos reais. O que não quer dizer que a funcione neste sentido. Mas, uma coisa que você vê muito no meio islâmico é um certo realismo terra a terra e uma certa incapacidade de se deixar enganar pela imaginação: um certo desinteresse pelo que é puramente imaginado. Às vezes parece um para quem vê de fora. Quer dizer, há um certo apego à realidade imediato: há uma certa falta de malícia. Por ex.: no meio islâmico, se você for falar mal de uma pessoa, dificilmente você encontrará quem o escute. Para você falar mal de uma pessoa, ela tem que ser notoriamente ruim. Eles não tem interesse primeiro porque eles não vão poder fazer nada; e segundo porque ele não tem como saber se é daquele jeito ou não. Quer dizer, existe uma certa recusa em pensar sobre aquilo que não vai ter resultado visível. É uma certa recusa em conjeturar. Isso não precisa ir muito longe não. Você pega qualquer crente aí e ele vai agir de maneira igual. E às vezes, agente toma isto como uma certa pobreza de imaginação. Claro que às vezes isso implica numa certa limitação intelectual também. Porém, se pegarmos a média dos seres humanos, nós veremos que a possibilidade de desenvolvimento intelectual deles é muito pequena. Eles falam muito sobre centralidade, um realismo brutal. Quer dizer, para o sujeito falar exatamente aquilo que pensou, e não maliciado. Vocês se lembram do tremendo impacto que teve o Cacique Juruna quando descobriu que os brancos mentiam habitualmente? Mas, o realismo terra a terra vai produzindo também uma série de soluções práticas para problemas humanos, que às vezes nos parecem até cínicas. Existe uma tribo de índios na qual está mais ou menos institucionalizado o seguinte: você quer comer a mulher do vizinho. Então, você espera que todos saiam para ir pescar. leva ela para um matinho, transa com a mulher e volta. Quando a população retorna e chega o marido, todas as mulheres da cidade vão lá contar para ele. Daí ele pega a mulher, leva para dentro da oca, finge que bate nela e ela grita. Daí está salva a honra. E sempre tem dado certo. É obvio, tem que ter uma solução prática. Outra estória do mesmo gênero é de Maomé. quando o exército saía e voltava para a cidade ele não deixava o exército entrar na cidade na mesma hora. Eles ficavam ali tocando tambor para todo mundo saber que eles haviam voltado. Porque? porque aí os caras iam pegar suas mulheres na cama e iam se matar. Mas o negócio funciona. É esta espécie de sabedoria simplória que você vê muito nos meios religiosos arcaicos. São soluções práticas para problemas práticos que estão na medida do ser humano. Isso não é santidade, não é elevação espiritual; é simplesmente o fundo da alma de ver as coisas como são. Sem acrescentar a emoção moral, a repugnância, a condenação, que seriam o agitar das águas. Deus aprova o ser humano pelo simples fato dele ser humano. Então, basta alcançar a condição humana, que já está mais do que bom. Lembra aquele negócio daquela tribo de um filme que se chamava Os Seres Humanos? Aquilo gira em torno desse negócio aqui: pão, pão, queijo-queijo. Viver num mundo imaginário, o cara vira uma besta-fera; porque ele não tem mais limites. Nós é que temos limites. Qual é o limite? A realidade terrestre de um lado e o céu do outro. Agora, o cara que vive no imaginário não tem

limites, ele pode fazer qualquer coisa, não dá para confiar, é uma força maligna. chamar eles de seres humanos. Então, Por ex., todas aquelas regras de guerra. O índio americano tinha uma norma que diz assim: se você chegou perto do seu inimigo o suficiente para tocá-lo, então você já ganhou. você está lá no meio do exército do inimigo e o cutuca. bom você já ganhou! Já provou sua coragem, acabou! Para o índio é incompreensível porque o branco matava a distância, com tiro: porque em princípio, um ser humano não quer matar um ser humano. Interessa vencer e não matar. Neste sentido o índio está muito mais centrado na realidade: esta que é a idéia do ser humano, tal como Deus o criou. É a esfera adâmica. Imaginar é uma ponte de acesso ao que você não pode ver. Agora, se o imaginário em vez de ele entrar no invisível, ele começa a entrar aqui no visível, já começou a falsear as funções. Aí começa a ter uma ação entrópica, de destruição. Agora, a humanidade, ela vive numa imaginação desenfreada; não tem mais a menor idéia do mundo físico. A Física que se ensina no ginásio. aquilo é uma destruição total do respeito que se tem pela aparência em si. É aquele negócio de dizer que uma pedra não é uma pedra, é um aglomerado de átomos. Ora, isso é uma pedra mesmo, quem é que não está vendo? Mas, essa pedra sobre certos aspectos, ela se compõe de partículas que se movem de uma certa maneira isso é que deveria ser dito! Mas isso não quer dizer que estas partículas são mais reais que a pedra sólida. Por ex.: todo o sistema do cosmos é relativo. Esse negócio de dizer que é geocêntrico, heliocêntrico etc., vai depender do ponto de referência. Se você estiver na estrela Vega, ele não é geocêntrico nem heliocêntrico. Qual é o mais legítimo? Se tivesse que escolher um seria até o geocêntrico porque é aonde nós estamos. É claro que se você entrar na esfera do espaço e do tempo, você não tem a referência absoluta, é absurdo. Absoluto só pode ter num inferno puramente metafísico que abrange a totalidade dos seres na eternidade.

Aquela musiquinha de Xô Satanás, não tem nada de satânico, é apenas uma alegria maluca de carnaval; é simples, é apenas um direito humano de ficar maluco. Isto aí se aproxima muito de ver as coisas como elas são. Qual será a reação do indivíduo perante o carnaval? A tendência dos últimos anos era de tornar o carnaval em uma coisa agressiva e depressiva. De repente virou para uma alegria inocente, uma alegria de maluco, isso é o carnaval de fato; a coisa volta a ter a proporção que ela tem. O maluco não quer fazer mal para ninguém; aliás ele nem sabe que existe os outros. O maluco é inocente; então piada de maluco tem que ser inocente, não pode ser uma premeditação. A essência da coisa satânica é querer que as coisas não sejam como são. A palavra satânica, Por excelência, é o NÃO. O Não é a recusa. Você pode não querer o satã. Mas a negação da negação é a afirmação. A dupla negação é a essência da dialética. A mentira é o não. Existe a dialética para você restaurar a verdade. Isso é propriamente o destino humano: fazer um trabalho contra a negação. Deus não faz isso, Deus só tem o sim. Negar a negação, que é o pensamento, a dialética, isso é próprio do homem. Deus diz sim e o Diabo diz não. Mas estas 2 entidades não estão na mesma categoria. Quer dizer, em relação aos seres humanos, o poder de cada um é tão descomunal que nós não vemos a diferença; nós equalizamos. Mas isso é um erro. Metafisicamente falando, em termos de eternidade, Satanás nem existe. O Diabo só existe em relação a nós. A origem do diabo é a reação que um determinado anjo teve à criação do homem; não gostou da criação do homem: a partir daí ele se transforma em diabo. Você vê a partir daí que só existe capeta para o homem: ele é inimigo nosso, ele

não é inimigo de Deus. Ele não se revolta contra Deus, ele se revolta contra um ato de Deus. Ele pensou assim: Como é que essa criatura carnal, temporal, vai saber aquilo que nós criaturas eternas sabemos? É como se fosse um ciúme. É também mais ou menos como se você pegasse a sua mulher compartilhando segredos com um gato. Deus se entende com o diabo. Mas estabelece limites para o diabo: tem lugares em que o diabo não pode perseguir o homem, como a casa do senhor Por exemplo. Então, a atuação do diabo é condicional. Então, tudo aquilo que seja a esfera da necessidade natural, da natureza, o diabo não entra; só entra onde existe a liberdade humana i.e.; quando você tem uma opção de agir de uma maneira ou de outra, ali o diabo pode entrar naquilo que não está predeterminado. O que está predeterminado? Bom, tem a necessidade natural (de baixo) e tem a ordem celeste lá em cima. Então o diabo entra aonde? Ele entra aqui na água e no ar. A água é o mundo das emoções, da psique humana; e o ar é o pensamento abstrato, as idéias. Mas existe aqui uma esfera infra-natural aonde ele entra: existe uma esfera de fenômenos preternaturais. Preternaturais é aquilo que não está previsto na ordem da natureza mas que pode acontecer. Preter quer dizer quase. São efeitos que acontecem que não tem causa natural nem sentido sobrenatural: tipo assim, você fica resfriado e morre no dia seguinte. é uma piada demoníaca. São coisas sem saída, que não dão mais margem para ação humana. Essas situações sempre acontecem artificialmente, são montadas, tem uma vontade maligna. Tem um filme que chama O Mago. É a estória do exército nazista que invadiu uma cidade grega e prendem 4 pessoas da Resistência amarrando-as num poste. Também prendem a população inteira num estádio de futebol. Dá para o prefeito uma metralhadora e diz: Ou você fuzila esses 4 na frente do povo ou nós vamos fuzilar o povo. Tem saída isso aí? Faça você o que fizer, é mal. Então, uma situação em que todas as alternativas são más, elas nunca existe naturalmente e nunca no desenrolar normal das ações humanas. Ela só acontece quando alguém monta com este propósito: Isto é caracteristicamente demoníaco. Se existe um intenção, tem uma inteligência atrás e portanto não é um processo natural. Você acaba ficando preso entre a comicidade e a angústia. Não é como a angústia natural da vida. Porque na vida, o que é triste é triste; o que é alegre é alegre; ou você ri ou você chora. Nesta situação não dá para rir nem para chorar nem para não fazer nada. Este desconforto sem saída, cria uma agitação da alma e derruba você.

A igreja católica (vide S. Tomás de Aquino) nunca falou em sexo só por procriação; sexo é você fazer uma deleitação no corpo do outro. E S. Tomás de Aquino diz que a finalidade é essa; é um direito humano: deleitação no corpo amado. Tem povos inteiros como na Austrália que ainda acreditam em sexo por procriação.

QUINTA AULA

Uma coisa importante para gente ver é o paralelismo entre as operações alquímicas realizadas no metal e aquelas realizadas na alma humana. Engraçado que as coisas não dão certo se romper este paralelismo. Na verdade é mais do que paralelismo: é uma identidade. Quer dizer, a operação alquímica não visa nem ao metal físico nem ao metal da alma. Visa à uma coisa que é uma síntese simbólica de ambos. Quer dizer que o conjunto das operações alquímicas age num a esfera que não é nem psíquica, nem material, mas que é propriamente o ponto de convergência destas coisas. Não existe a distinção entre alquimia material e espiritual: ela é absurda em gênero, número e grau. Quer dizer, se é alquímico, o alquímico se caracteriza precisamente pela inexistência destas distinções; que em outros setores pode não ser tão importante. Quer dizer, tanto faz você falar da alma dos metais quanto do metal da alma: é exatamente a mesma coisa. E é por isso que a linguagem simbólica é entendida como um hiper- literalismo. Claro que tudo isso se baseia numa idéia que é mais do que uma analogia; é uma homologia para a estrutura do ser humano e a do cosmos. Provando assim, o princípio do: Assim como é em cima é em baixo. Você tem um macrocosmo organizado à sua imagem do microcosmo e vice-versa. Isto é: por um princípio de simpatia que, quando se mexe em um, se mexe no outro. Este é o princípio de toda a operação dita válida. E hoje em dia, você encontra o equivalente parcial disto aí na idéia de Ressonância Magnética.

A Ressonância Magnética se usa para explicar certos efeitos ocorridos à distância e aparentemente sem a intermediação de nenhum instrumento. Eles colocam um ratinho num labirinto e o ensinam a sair deste labirinto. Imediatamente todos os ratinhos de outros laboratórios começam a aprender aquilo mais depressa. Isso quer dizer que, entre membros da mesma espécie existe uma ligação qualquer. Não muito bem explicada e que os caras chamam de Ressonância Magnética. É mais ou menos como o sincronismo do mundo. Então, a teoria da R. M., é menos uma teoria do que um simples fato. É mais ou menos como o sincronismo de Jung. Só que a soma de observações convergentes foi tamanha que não tem mais como negar. Essa ressonância acontece não só na esfera animal como na mineral. E se você entrar mais na decomposição da matéria até as substâncias químicas elementares, parece que tem isso. quer dizer, quando você num laboratório está tentando uma certa reação química, a partir da hora que se consegue esta reação, o tempo dela fica acelerado em outros laboratórios que não tem nada a ver com aquilo. É como se aquela substância tivesse aprendido, introjetado uma informação. Mas, na verdade, esse negócio de teoria da informação, hoje permite explicar coisas que até 30 anos atrás era considerado totalmente inexplicável. Agora, agente não pode confundir o que é real do que é explicável. A ciência é a tentativa de uma explicação racional dos fatos. Ou seja, uma ordenação racional explicativa dos fatos. Agora, se não temos fato, não temos ciência. Claro que os fatos sozinhos não compõem a ciência, mas é o começo da ciência. Se você rejeitar os fatos porque você não tem explicação para eles, a ciência não pode começar. Porque a ciência começa precisamente na hora em que você tem uma fato não explicável. A ciência começa por um espanto. Então, por um efeito até compreensível, na medida em que o estabelecimento científico progride e se consolida,

ele tenta ter uma certa ilusão e um certo domínio no campo dos fatos. Então, o que quer que venha de fora que pareça contrariar o esquema teórico já montado, eles negam os fatos. Então, você cria uma espécie de proibição de fatos que já não estejam dentro da teoria pronta. Mas isso aí acaba com a ciência. Se você só aceita fatos que já tenham explicação, acabou. Isso contraria todo o conceito de ciência. Se todos os fatos que você observa já tem um arcabouço teórico e pronto e só resta encaixar os fatos subseqüentes, acabou a investigação. Você só tem a aplicação da ciência. Isso também é compreensível. O princípio de ciência aplicada acaba predominado sobre o princípio de ciência teórica que são mais fáceis, por uma espécie de acomodação.

Então, esses fatos de ordem alquímica, basta estudá-los para ver que eles são amplamente comprovados; o que eles não têm é a menor explicação nos termos da ciência atual. Você precisaria encontrar outros esquemas teóricos. Ou então, ficar sem nenhum: ou você aceita as explicações baseadas nestes princípios de correspondência, simpatia, analogia e toda aquela cosmovisão medieval, ou você vai ter que aceitar o fato bruto, colocar um ponto de interrogação e continuar investigando. Na realidade, o que as ciências modernas fazem é sempre, sempre buscar uma explicação antiga e dar um nome moderno. Não tem nenhuma diferença entre o que hoje chamamos de Ressonância e o que os medievais chamavam de simpatia; e que as nossas avós chamavam de simpatia. Só que elas não usavam simpatia no sentido teórico. Somente no sentido da operação: se você coloca um pote de mel e coloca o nome da garota que você ama e no dia seguinte você conquista a garota. a semelhança entre esta simpatia e o comportamento dos ratos é a seguinte: é a possibilidade de você, agindo num objeto pequeno, você desencadear um efeito grande sem a mediação de um instrumento racionalmente concebível. É um efeito mágico. Isso significa que para diferentes partes do Cosmo que estão separadas no espaço, existe um elo de simpatia conforme a forma dos entes. Quer dizer, entes que tenham a mesma forma respondem à mesma influência ainda que estejam separados pela distância. Isso quer dizer que o princípio da forma, da divisão das espécies em gêneros etc.. predomina sobre a distância. Quer dizer: o fato de um ente pertencer à mesma espécie de um outro cria uma ligação mais forte do que se os dois estivessem juntos no espaço. É a famosa questão da ação à distância: existe ou não existe ação à distância? Por este princípio, toda a ação é a distância. E quando não houver reação próxima também não haverá ação à distância. Aí você age não sobre o ente físico considerado na sua singularidade na hora em que você está agindo sobre o esquema da espécie. Quer dizer, espécie definida como uma forma. Essa forma é como se fosse um programa de computador. O que quer que tenha um programa e funciona de acordo com este programa, será alterado quando você mexe num dos seus exemplares. Não vejo outra maneira de explicar isso aí. Então, todo raciocínio alquímico se baseia nisso aí. Na hora em que você mexe em certos componentes internos seus, você está mexendo nos equivalentes externo dele. Os alquimistas sempre diziam que a operação que eles fazem não é para regeneração nem do homem nem do metal; mas para a regeneração da natureza inteira. Ora isto pressupõe que, se não existe nenhum alquimista humano fazendo a operação, ela está se fazendo de algum modo na própria natureza. Se ela parar, a coisa vem abaixo. Então, para o alquimista, a transmutação do metal não é um caso excepcional: não é uma exceção, é justamente a regra. Quer dizer, os metais que nós conhecemos, com todas as suas distinções, já são um efeito de uma contínua

transmutação que está sendo operada na natureza. E que num determinado campo do cosmos, chamado Terra, ela se estabiliza nestas formas. Este tipo de raciocínio é que permite em épocas remotas, os caras tem feito descobertas assombrosas. Quando você vê que há quase 10 milênios que se associa ao planeta Marte ao Ferro. Então, quando mandam sondas espaciais e descobrem que Marte é feito todinho de minério de ferro. Veja, na escala do chute, seria a maior loteria esportiva do universo! Como é que o sujeito capta uma coisa dessas! Marte poderia ser composto de milhares de coisas. Existem outros exemplos deste tipo como quando você vê certas proporções correspondentes do corpo humano. você vê que esse pessoal não estava longe da verdade. Se você fizer uma proporção entre a velocidade da órbita de Marte e de Mercúrio, você vai ver que esta proporção é a mesma entre a velocidade da circulação da corrente sanguínea e a da respiração. Isto segue uma proporção não exata mas bastante aproximada. Se quiserem ver este número exatamente, consultem um livro de astrologia muito bom do Mestre Murilo Sementovski. Foi editado em tradução italiana (na biblioteca da Astro dever ter). Então, tudo isso nos leva a compreender que as distinções estabelecida pela Física, clássica não são para serem levadas muito a sério. Por outro lado, você vê que toda a concepção científica moderna se baseia na separação radical feita entre o sujeito e o objeto. Essa é a famosa pensamento de Descartes: aqui existe uma coisa que pensa cujo principal atributo é pensar, e existe uma outra substância cujo principal atributo é ter extensão. Então, é muito engraçado pois desse jeito pensar e medir não são coisas do mesmo gênero. Como é que você vai distinguir duas espécies de substância por atributos que, por sua vez não são da mesma espécie? Quando você separa, distingue, entre os leões e os tigres. São espécies do mesmo gênero. Mas todas as diferenças em que eles se distinguem são também do mesmo gênero. Portanto, a cor da pele. Um tem a pele malhada, o outro não tem a pele malhada, um tem juba, o outro não tem juba. Agora, se você dissesse: um tem juba e o outro não dá leite. Ou o outro não, fala. Isso aí, é uma coisa totalmente ilógica. Se você pega o gênero substância e diz: agora vou distinguir 2 tipos de substância, 2 espécies de substância. Bom, você vai ter que distinguir pela ausência ou posse dos mesmo traços. Quando Descarte faz a divisão de substância existente e substância pensante, ele já está supondo que pensar e ter extensão são diferenças da mesma espécie, o que é uma bobagem. Mas essa coisa, entrou na época na cabeça de todo mundo. Até hoje nós acreditamos que existe no homem um mundo interior que é de natureza totalmente distinta daquela que ele está vendo lá fora. É como se você fosse um ser que esta colocado fora da realidade, da própria natureza. Na verdade, tudo indica que não há esta separação de gênero. Pode haver uma separação de modo. É só entrando muito no estudo de Aristóteles para diminuir estas coisas. Porque Aristóteles vai mostrar as funções cognitivas humanas, apenas como o aperfeiçoamento das própria funções corporais. Quer dizer, você não tem mais esse hiato entre o ser, existir fisicamente o e o conhecer. Também não é uma dualidade. É toda uma escala, um série de transições que você vai passando. Então se formos por Descartes, todas essa operações alquímicas, são todas um *non sense*: Em que uma mudança psíquica do indivíduo poderia afetar o mundo externo? De fato parece que não. Se você supõe que as 2 coisas são espécies diferentes. Vi um filme uma vez que era sobre a quebra da Bolsa de Nova York. Aí os caras saem de manhã para retirar o dinheiro do banco; e o banco estava fechado. Aí eles ficam esmurrando a porta do

banco como se esmurrando a porta fosse botar dinheiro lá dentro. É o tipo da ação desesperada onde a causa jamais produzirá o efeito: você está tentando vencer uma crise econômica na base do esforço muscular. Então, se a visão cartesiana funcionasse, os esforço alquímico seria mais ou menos do mesmo tipo. Você está indo numa esfera aonde você vai alcançar o objeto da ação. Mas, e se a coisa for realmente assim? E se o universo não tiver como principal característica a extensão como pretende Descartes? Quem estudou Leibniz, sabe que a extensão não basta para configurar o objeto real; que além de extensão o objeto precisa ter uma substancialidade individual; precisa ser alguma coisa por ele mesmo. Ou seja, precisa ter forma substancial como dizia o velho Aristóteles. Então, se o mundo real não é constituído somente de extensões, mas constituído de formas substanciais, então o universo não se organiza realmente como uma série de objetos colocados uns ao lado dos outros no espaço; mas ele se organiza exatamente como se fosse uma chave de gêneros e espécies. Quer dizer, está todinho articulado do mais universal ao mais particular. Bem, se o universo não é só uma exposição plana de objetos colocados uns ao lado dos outros, no mesmo plano de tudo, tendo a mesma modalidade de existência que nós chamamos física; e sendo portanto distintas uns dos outros exceto no espaço. mas, ao contrário, o universo vai ser composto de seres hierarquizados por gêneros e espécies, então todos eles estão ligados entre si. Não estão separados. E daí é que entra a Ressonância Magnética - que não age só no ser corporalmente separado no tempo e no espaço- mas ao agir sobre um, age sobre a espécie à que ele pertence.

Dentro da operação alquímica, vimos que uma etapa importantíssima era aquela representada pelo fundo da alma. O fundo da alma é representada pela superfície da água pela qual você vê por um lado o fundo, as pedras, o chão. E, por outro lado por reflexo, você vê o céu. O céu representa o conjunto dos princípios de ordem metafísica que não são visíveis, sensíveis; Mas são tão rigorosos e necessários quanto à realidade física. O fundo do lago vai representar a própria natureza da psique como um espelho. Quer dizer, por um lado é um vidro e, por outro lado, é um espelho como qualquer vidro. Pelo vidro, você pode olhar pelo que está atrás dele. Ou mudando o ângulo de visão você vê o que está atrás de você. O vidro é ao mesmo tempo um espelho. A superfície do lago também é vidro para você ver o solo; e é espelho para você ver o céu. Então, esta é a verdadeira natureza da psique: ser vidro (através do qual você vê o mundo físico. E preste atenção que nós não captamos nada, nada, nada do mundo físico a não ser por meio psíquico. Não existe sensação puramente física. Aliás, sensação puramente física não é nem sentida. nós sabemos que deve existir. Mas toda a sensação que nós pegamos nunca é sensação isolada. É sensação dentro do quadro que nós chamamos percepção. Ora, se a sensação está dentro da percepção, ela jamais é puramente física, mas existe o elemento psíquico que a organiza. Neste sentido, a psique é o vidro através do qual vemos o mundo físico. Não o vemos diretamente porque ele nem existe diretamente. Por outro lado, é no próprio funcionamento da psique que você verá as Leis supra-psíquicas que ordenam a realidade. Como funciona isto? Por ex.: para eu saber que $2 + 2 = 4$, eu tenho que pensar nisto. Então, como é que eu fico sabendo que existe números e estes números estão conectados uns aos outros por leis que presidem as suas relações rigorosamente de acordo que $2 + 2$ nunca vai dar igual a 5. Como eu vou saber que existem estes números, que existem estas relações se não pensando neles? Isto quer dizer que eu

não capto, propriamente o números, mas a minha idéia de números. Mas, quando eu faço a conta eu não penso nos números, mas estou pensando aquilo que eu penso sobre os números. Pensando signos que representam os números. Porém, eu sei que para além destes signos existe, objetivamente, estes números e estas relações. Eu só chego a perceber que $2 + 2 = 4$ através daquilo que eu penso a respeito. Mas eu sei que $2 + 2 = 4$ independentemente de eu pensar nele ou não. Então, é por aí que você vê que a psique vai, além de si mesmo. Aliás, a psique só serve para isto. Para que serviria um vidro se não fosse para você ver através dele ou ver o reflexo? Então você imagina um vidro sem espessura, ideal. Ele em si mesmo, não é nada. Ele é apenas uma superfície de transparência ou de espelho. Então, a verdadeira natureza da psique é esta. Ela ser uma transparência através do qual se aparece a realidade do mundo físico e ser o espelho através do qual se percebe dentro de si algo que transcende você mesmo. É um veículo. É menos que um veículo. A idéia que a psique é um espelho é uma das idéias mais velhas do mundo. Na mitologia você tem o espelho de Netuno que tem no fundo do mar onde aparece o mundo inteiro. É exatamente o mesmo simbolismo do fundo da alma. Quando você encontra este espelho, você finalmente chegou na realidade. A conquista desta etapa, ela é prévia à operação alquímica. É aí que tudo começa. Mas já é uma conquista alquímica. Podemos dizer informalmente que a chegada neste fundo da alma é Alquimia. Formalmente não é. Formalmente a transmutação começa a partir daí. A Psique sempre esteve nos mostrando o mundo físico e o mundo espiritual; o mundo supra-físico. Ela não é nem física nem supra-física. Mas, ela é apenas o espelho pelo qual nós vemos um lado e ou outro. Isso quer dizer que o esforço total da disciplina que vai caracterizar o processo alquímico é exatamente a diminuição da atividade psíquica; diminuição e simplificação. Por isso que você vê que uma verdadeira psicologia alquímica iria a contra corrente de praticamente toda a psicologia do século XX. Quanto mais você remexer naquele negócio, mais você vai agitar a água, e menos a psique vai aparecer com aquela translucidez que ela deve ter. É exatamente que quer fazer as doutrinas antigas; que é para parar o pensamento, abdicar do ego etc.. É um modo de designar esta necessidade de encontrar o fundo da alma. Quanto mais você remexe nos sonhos, pior. Porque o sonho o que é? Através do sonho você vê 2 coisas: ou você vê a realidade espiritual ou você vê a realidade física. Agora, se você ficar vendo a própria psique, você não está vendo nada. É o espelho do espelho do espelho do espelho. É o espelho que espelha a si mesmo de milhões de maneiras e não sai disso. É uma masturbação mental em toda a extensão da palavra. Este espelho, a natureza dele é ser translúcido e reflexivo. Isso é tudo: não há mais nada o que saber dele. Então, se nós seguimos o caminho contrário i.é; formos inflando a psique, achando que ela é a única coisa interessante. a psique é tanto mais importante quanto mais modesta ela for. Por isso que a superfície da água não é água nem não-água. Ela é uma película sem espessura. É exatamente essa película que é um nada mas no qual aparece tudo. é isso que quer dizer o chinês com o tal do Yin. O Yin é tanto mais grandioso quanto mais ele consente em não ser nada. É por isso que é sincronizado com a vaca, por ser um bicho paciente, obediente. A psique está lá para obedecer, não para ter vontade própria. O Yin é exatamente esta Psique em face do espírito. Porém na medida que o psíquico reflete o espiritual, ele está refletindo algo que abarca o mundo físico. Abarca e transcende. Então ele tem um poder sobre o

mundo físico. Então, está feita a hierarquia do negócio. Que é o famoso Wong: O céu, o homem e a Terra. Terra é o mundo físico. O céu, o mundo metafísico e o homem é a psique. E a psique aonde ela está? Esta no encontro de céu e da Terra. E você verá que todas as disciplinas espirituais do mundo vão existir sempre numa espécie de individualidade psíquica. Na simplicidade desta psique e não na complicação. Se agente presta muita atenção na Psique, é como querer agarrar uma fumaça. não tem nada ali: Quem olha muito seus sonhos fica semelhante às suas sombras. No livro: Passagem para Índia de Forster usa este ditado hindu como epígrafe do livro. Forster era sem dúvida um sábio: um homem que enxergava as coisas como elas são. A problemática toda daquela moça do filme foi um fosforescência. A mensagem é que você deve esquecer os seus sonhos. Se você nem mesmo tem certeza da coisa, então não importa. A mensagem é claríssima: é aquela caverna cheia de coisas que não são nada. E no fim, a realidade era muito melhor; era um homem indiano bom, simpático e que só estava querendo ajudar. Isso não quer dizer que o mundo psíquico seja inexistente, mas ele só existe se você quer. Agora, a Terra e o Céu, a sujeição do nosso corpo material existem; e por outro lado o mundo meta-físico também existe porque as leis do princípio de identidade. tudo isso presida a realidade com mão de ferro. O mundo meta-físico é mais duro que o mundo físico. Mais implacável que o mundo físico. Muito dos conselhos de ascetismo dever ser entendido neste sentido. Não adianta nada você ficar sem comer. Se você não comer, você fica delirando. É melhor você comer e parar de inventar coisa. É na verdade mais um ascetismo da alma do que do próprio corpo. A psique não podendo atuar sozinha, ela pega alguma coisa no concreto. Então vai partir de necessidades corporais e vai ampliar formidavelmente. Qualquer necessidade corporal que você comece a pensar muito nela a psique amplia de tal maneira a que não há o mais o que te satisfaça. Qualquer coisa que você se acostuma a querer. corpo tem um limite do que ele precisa. A psique não! Quantas vezes você precisa comer, quantas vezes você precisa de sexo. Aí a psique se volta contra o corpo. As práticas ascéticas tentam cortar o pretexto de que a alma se serve para ampliar as necessidades. Eu não acredito muito nisso: o que eu acredito é nesse negócio aristotélico do meio-termo. E eu acho que quase todo mundo acredita nisso sem saber. Como diz Aristóteles. A virtude é o meio termo entre 2 vícios. Você está com um vício aqui, pega o vício contrário e acha o ponto de equilíbrio. Por ex.: a ambição e a preguiça. A ambição é recompensada pela preguiça e vice-versa. Então não precisa ter virtude nenhuma; basta ter todos os vícios e jogar um contra o outro.

Esse fundo da alma, uma vez alcançado, por um lado ele é o começo da obra alquímica. Por outro lado ele é um coroamento, uma conquista. Esta conquista representa o estado adâmico alcançado. Você virou gente. Assumir que você é gente significa o que? Olha, hoje em dia o homem pensa muito em direitos etc.. Mas, o homem verdadeiro não tem nada disso. Que direitos tinha Adão? Ele nunca pensou nisso. Não é o respeito que os outros têm por você que vai te dar um estado humano. Ao contrário, ninguém pode te dar o estado humano.. A conquista do estado humano é a conquista de uma centralidade. E neste sentido que se deve entender o simplismo do geocentrismo. Quer dizer: o que está no centro do universo não é a Terra. É o homem? E essa centralidade. primeiro temos que entender o sentido vertical para entender depois o horizontal. E o sentido vertical significa que o homem é exatamente o mediador entre o mundo físico e o mundo espiritual. Quer dizer que entre o conjunto

de leis que rege este mundo espiritual e este mundo físico só tem um ser no meio que capta os 2 lados por equidistância e compreende a relação entre um e outro. Explicarei melhor baseado no princípio de identidade: vamos supor que no desenho o mundo físico é o mundo dos Porcos. Por ex.: entre um mundo e outro só tem uma único ser capaz de conectá-los. Porque, como nós (seres humanos) temos um corpo, nós também padecemos das mesmas contingências que aqui estão sujeitas os porcos, as galinhas etc.. Só que nós podemos além de perceber o que se passa conosco, podemos perceber o que se passa com eles. E eles não. O porco só entende de porco. Os animais para não falar das plantas- se desconhecem uns aos outros. Em primeiro lugar, existem espécies animais que nunca se viram a não ser quando do homem juntou-os no zoológico. Pergunto eu: quando o primeiro urso polar ficou sabendo que existia uma girafa? Além de estarem separados geograficamente, os animais ainda estão separados pelas suas respectivas esferas de percepção que um não abarca o outro Por ex.: as formigas sabem que existem tamanduás que as comem? Não, provavelmente as formigas sabem que existe morte. Mas, quem as mata só nós sabemos. O único ponto de junção de toda a natureza terrestre é o homem. É o único que está informado de tudo. Por isso que o homem é a única espécie que não tem um *habitat* específico. Todos os bicho precisam de um certo clima, de certas condições. O homem praticamente se adapta à tudo. Ele tem essa mobilidade horizontal que os outros bicho os vegetais e mineiras não têm. Mais ainda o homem é o único bicho que pode mudar as coisas de lugar. Por ex.: hoje em dia a superfície da Terra está cheia de minerais que foram retirados de dentro da Terra e postos em outro lugar. E isto pode ter conseqüências terríveis; mas mostra o poder que ele tem. Esta esfera das leis metafísicas, ela determina o que se passa em baixo mas não é afetado por nada. Esta de baixo só sofre determinação e não apita nada. O único que sofre e age é o homem! Não existe nenhum outro ser que faça estas 2 coisas. Mesmo se você falar da anjos. Anjo é um modo de você dizer uma ação celeste. Então, o anjo também não padece ação alguma. Ele não pode padecer a ação de Deus porque ele é a ação de Deus. É como o raio do Sol está para o Sol: o raio do sol não sofre ação do sol; ele é ação do Sol. O anjo, a mesma coisa: Ele é uma aspecto da inteligência divina. Agente pode colocar a coisa como agente e ação: o agente é Deus e ação é a do anjo. Então você tem uma esfera da ação e uma esfera da paixão. O homem tem uma vida corporal, um ser biológico vivente e ao mesmo tempo ele tem uma inteligência capaz de abarcar o conjunto dos seres que o rodeia e agir sobre eles. ao mesmo tempo que ele sofre a ação do Cosmos. Então o que ele é? Ele é gente. Esteja onde estiver, tenha nascido aonde for. Ao mesmo tempo, ele tem um corpo que se move. Mas ele não se limita a se mover e sofrer o impacto do mundo. Ao contrário, ele consegue abarcar de certo modo a sua inteligência no conjunto dos seres viventes e agir sobre eles. O único bicho que faz isso chama-se homem. Com todas as suas diferenças. A não ser que você vá fazer de diferenças acidentais, diferenças específicas: Ah, mas tem 1,20 m. eu não acredito que eu vá ficar mais assustado quando eu ver um Extraterrestre do que o primeiro pretinho da África ficou quando viu o primeiro português. Imagina um pigmeu preto vendo um homem branco, parecido com um fantasma, de 1,80 m de altura. E me diga aonde que está escrito na definição de homem que ele tem que nascer na Terra. O homem é um animal racional venha de onde vier. Então, essa conjugação da animalidade que o sujeita à existência material e da racionalidade que lhe permite ao

contrário agir sobre a condição material; é exatamente isso aí que define o homem. O que significa alcançar apenas condição humana? Significa agir sobre aquilo que está sujeito à sua ação. E padecer a ação sobre aquilo que está acima de você. Portanto, invertendo, seria não padecer a ação sobre o que está abaixo de você nem tentar agir sobre o que está acima. É simples. Na Bíblia no Gênesis, quando Deus cria o homem tem: você vai mandar nesse negócio todo e vai me obedecer completamente. Quer dizer: não adianta você tentar agir nesta esfera espiritual porque você não alcança. Então, o homem tem que obedecer à Deus querendo ou não, sabendo ou não. E lá em baixo? Bom, com relação ao mundo material, o certo é você mandar lá. E se você não mandar? Ninguém vai te obrigar. Nem o próprio Deus. Alcançar esta centralidade de chegar no fundo da alma significa se tornar inteiramente soberano dos fatores que são vegetais, minerais, animais, fatores de ordem natural. E, inteiramente submisso à fatores de ordem espiritual. É esse exatamente o ponto de equilíbrio desta película que qualquer sopro, qualquer agitação da alma balança e ser perde. A alma agitada se torna presa ao mundo físico em vez de dominá-la. Então é mais ou menos fatal que o homem nunca permaneça neste mundo da alma. Assim como a água nunca permaneça calma. Ela fica calma por alguns instantes depois volta. Mas uma vez que você descobriu que isto existe, você não quer mais sair de lá. Mas justamente para se instalar neste fundo da alma, nesta película, este ponto de equilíbrio é que existem todas as disciplinas de concentração. Essa concentração é simbolizada exatamente pelo forno do alquimista. Você vai acumulando um calor interno. Este fogo significa de certa maneira o coração. O coração, é o meio do homem em cujo meio está este o ponto de encontro na vertical, na horizontal, este funda da alma. Neste sentido, o verdadeiro símbolo astro-alquímico do coração é a Lua., não o Sol. O Sol por vezes é considerado também o símbolo do coração e também faz sentido. Este fundo da alma que é o centro do homem é que ao mesmo tempo designa a poluição intermediária do homem no cosmo é um simbolismo de ordem lunar. Aí tem uma das coisas mais lindas do simbolismo universal que é justamente a relação entre o sol e a Lua. Se você pegar o planeta Terra, a Lua e o Sol. Eles estão colocados exatamente assim nesta relação. A lua está no meio. Aonde está o homem? O homem não está na Terra, está no meio: o homem está só como o pé na terra.. A Lua tem o mesmo mecanismo de inchar e desinchar que tem o nosso coração: sístole e diástole. O que o coração faz em 1 minuto, ela faz todo o mês. Ao mesmo tempo, você vê que tudo aquilo que incha e desincha na superfície da Terra, acompanha os movimentos lunares: marés, digestão, processo de engordar e emagrecer. Mas o que dá a medida do tempo desta coisa? É justamente a relação entre a Terra e o Sol. São os movimentos recíprocos entre Terra e Sol. O movimento da Terra em torno do Sol é que determina para nós as direções do espaço. Está em sentido absoluto, para a Terra; e cria uma moldura dentro do qual você pode ver e medir os demais movimentos. Então, agente tem aqui um dos simbolizamos mais óbvios e mais sutis: o espírito, a mente e a psique,.. O espírito é aquilo que baliza a mente. Ele demarca o território por onde a mente pode ser mover. O espírito demarca o quadrante para que o ponteiro (a mente) possa se mover ali. O espírito é exatamente a luz, o sol em particular. Então é evidente que o Sol não é o coração. O coração é a Lua. Porém tão logo você chega no centro do homem , você verá o reflexo do espírito. Então você verá a luz do Sol. O sol representa aquele conteúdo espiritual ideal que se reflete no coração; e que preenche o coração. Se o

coração fosse o Sol, o coração jamais poderia estar na escuridão. Se ele pode ficar escuro, e se obedece à um movimento cíclico, então ele não é o sol, pois este está sempre iluminado. São os corpo visíveis que estão ora iluminados, ora escuros conforme os seus movimentos recíprocos. Mas o Sol tem que estar iluminado 24 horas por dia. São os movimentos do Sol que demarcam este espaço dentro do qual se poderá observar a Terra o conjunto dos movimentos celestes; particularmente o movimento da Lua. Daí que vem o zodíaco. Zodíaco é a demarcação do espaço em torno do movimento do Sol. Um dos grandes filósofos do início da humanidade que foi. Ele capta a relação entre o intelecto puro, o logos e a razão que é a própria mente humana. O espírito demarca os movimentos possíveis da razão e a razão se move ali dentro. A razão significa o próprio coração. A razão é o pensamento humano. Isso quer dizer claramente que os princípios que determinam a razão não são guiados por ele própria. O princípio de identidade não é uma criação da razão; ao contrário: ele determina e escraviza a razão. A razão pode mexer dentro dele.

Desenho

Aqui você tem a determinação, o círculo todo das possibilidades, as leis eternas. Aqui você tem o corpos, dos seres criados sobre os quais estas determinações incidem. E aqui você tem o conhecimento da relação entre uma coisa e outra. O que será essa invenção do homem chamada ciência? Ciência é o estudo dos fatos (aqui em baixo) à luz dos princípio (aqui em cima). E a ciência está aqui no meio. Ora, isto nunca termina e nunca dá completamente certo. Porque a natureza do coração humano se move ciclicamente. Isso historicamente falando. Mas o indivíduo pode de certo modo alcançar uma centralidade permanente. Ou seja, uma consciência permanente de centralidade. E é justamente aí que tem todas as disciplinas espirituais que existem no mundo. Na verdade este é o único assunto que interessa no mundo. O resto é conversa mole. Não é bem conversa mole porque sem este resto também não se chega a este assunto que interessa. Lembra que eu falei que o manual básico de Alquimia era a Física de Aristóteles? Como é que vai fazer para chegar a entender a Física de Aristóteles? Precisa de toda uma cultura, aquisição de conhecimentos, para chegar lá. Mas se chegar até aí e não ver que tem para cima das ciência uma sabedoria não adianta. Ciência sem sabedora é como um esporte qualquer por mais utilidade prática que tenha.. Tudo aquilo que não diz respeito ao destino eterno do homem só tem importância ocasional. Mesmo um acidente que fosse curar durante toda a sua vida, mas que só curasse no final da sua vida não terá importância alguma.. Uma vida humana que dura 90 anos, ela só vai importar durante 90 anos. Se é uma coisa que não vai importar para a eternidade, 90 anos é igual a 90 segundos. Agora, e aquilo que durasse apenas 90 segundos e tivesse um conhecimento da eternidade? Bom aí começou a ficar importante.

Alcançada esta centralidade isso aí significa uma certa liberdade do homem com relação às determinações do mundo físico; não pode ser uma liberdade completa por causa de sua própria natureza. Seria mais auto-contraditório que o homem se tornasse totalmente livre das determinações físicas. Porque para isso ele precisaria não ter corpo nenhum. Aí seria um espírito deixaria de ser homem, viraria um anjo. Isto quer dizer que mesmo o sujeito que tenha alcançado a mais alta realização espiritual ele está inteiramente submetido à todas as determinações que tem aqui em baixo. Elas só não terão poder sobre a sua psique. Veja como é absurdo certas pretensões de

disciplinas espirituais que acreditam que você se liberta do seu destino, da ressurreição física. No Corão, o profeta Maomé por 2 vezes sofreu atos de bruxaria que o atingiram. Então, nenhum profeta está fora da bruxaria. Ele pode se livrar de coisas. Porque? Porque esta será uma ação que será desencadeada por meios psíquicos na ação física. Então ele vai acertar. Vai acertar tanto quanto o outro acertaria uma bala na cabeça. Que, pode se libertar é a psique. O corpo não pode se libertar da sua própria condição. Isso significa que o esforço humano não é para ser anjo, é para ser gente. E ser gente significa assumir a condição corporal na sua inteireza para que a alma se liberte dela, não para que o corpo se liberte. O que significa a alma se libertar? Significa não que você não vá sentir dor, tristeza. você vai sentir tudo só que isto não mudará a sua convicção, porque ele sabe isso. Por ex.: se uma pessoa fica brava, ela fala tanta besteira; ou ela simplesmente vai falar aquilo que ela não falou calma? Isso é uma diferença brutal. É a diferença entre o imbecil e o sábio. Então o que falou o que pensou mesmo estando bravo, ele não é um sujeito que está possuído pela raiva: ao contrário ele é um sujeito que tem raiva. Ele tem tanta raiva como qualquer outro. Só que a raiva é dele. Ele tem a soberania na esfera cognitiva. Não significa que não terá acesso de cólera. Veja o quanto é errada esta idéia de que o homem sábio é aquele cara que nunca se altera. A liberação é uma liberação da consciência. A consciência não está não está sujeita à flutuações: aquilo que você sabe você sabe. A sua mudança de estado não muda o que você sabe. Mas você muda de estado do mesmo modo. Quer dizer que você enquanto indivíduo vivente, está sujeito à todas as flutuações emocionais como qualquer outro. Só que estas flutuações emocionais afetaram somente os aspectos inferiores da psique não as superiores; mais precisamente não afetou a parte cognitiva. Quer dizer que você não vai ver as coisas diferentes porque você está bravo. Isto quer dizer que a grande mutação que existe a partir daí é que as próprias emoções dos indivíduos começam a ser órgãos cognitivos. Quando Cristo diz assim: na verdade há mais do que devia se odiar. ele está querendo dizer: você deve odiar aquilo que é odioso. E amar aquilo que é amável. Não conseguimos fazer isso porque a água mexe e você confunde tudo. Se o homem chegar a este ponto, e ele odiar uma coisa é porque esta coisa é odiosa mesmo. Não é mais subjetivo. É isto que é a verdadeira imparcialidade. Imparcialidade não é pairar acima das coisas feito um passarinho e ficar num nirvana idiota. É você não vai ver um único sábio que viveu neste estado de Nirvana que seria uma verdadeira anestesia. Pode até alcançar um estado de frieza que seria demoníaco. Para que serve as emoções e os sentimentos? Eles são repercussões físicas de conhecimentos que você tem. Representa sua resposta personalizada. Por exemplo: se uma pessoa te dá um presente. Evidentemente isto aumenta o seu patrimônio. Mas eu digo, isto é tudo? Se você dá um isqueiro à um retardado mental que não sabe o que é isqueiro, você também aumenta o patrimônio dele. Se você dá um presente para um morto também aumentou o patrimônio dele. Mas acontece que o homem reage pessoalmente. Ele fica contente. Ele fica afetado. Por isso que a emoção se chama afeição ou afeto. A emoção é a média da alteração que você sofre pelas coisas que acontecem. Você sempre será afetado e alterado. E se parou de ser alterado significa que você não reage mais pessoalmente. Ora, seria isto uma perfeição? Não a perfeição é exatamente o contrário. A perfeição é quando a sua alteração reflete exatamente o que está acontecendo. Ele se tornou a media correta: Porque se esse homem odeia o que é

para odiar e ama o que é para amar. Ele não é indiferente. Os valores das coisas aparecerão na alma deste indivíduo. Por isso mesmo que eu acho um absurdo esse negócio de que a ciência não pode entrar em problema de valores. Ora, se não entrar não é ciência. Porque a ciência mesma se baseia numa valor que se chama veracidade; e num outro que se chama conhecimento. Tirar estes 2 valores acaba com a ciência. O que o cientista não deve fazer é projetar valores sobre as coisas. Mas se ele puder perceber os valores que estão lá, melhor. Daí pode parecer algum engraçadinho: Mas Kant demonstrou que os valores estão na nossa mente e não nas coisas. Bom não é nada disso: Kant não entendia nada sobre este assunto. Agora, tem um segundo sentido em que Kant era muito profundo. Se você ler toda a obra de Kant, não como teoria, mas como obra de ascese que era o que Kant queria mesmo porque ele era um carola você verá que ele concorda com tudo isto aqui. Mas isso é outro assunto. Eu não vou demonstrar isso aqui mas é claro que os valores estão objetivamente nas coisas: o Bem e o Mal existem objetivamente. Eles são enormemente confusas. E é precisamente esta confusão que define a nossa condição existencial. Se o bem e o Mal estivessem devidamente separados, agente estaria num ou estaríamos no outro. Isso quer dizer que se eu estou no bem, eu não vou nem ver o Mal. E se eu estou no Mal, eu não vou ver o bem. Ou sou anjo ou sou capeta. Isso não seria uma maneira de resolver o problema; mas seria uma mentira de eliminar o sujeito que tem o problema: você cortou o homem, ficou só os anjinhos. Mas, se existe esta mistura do Bem e do Mal e se o homem está no meio desta mistura tal como ele está no ponto de interseção entre o céu e a Terra? Também é evidente que a distinção do Bem e do Mal não coincide com esta aqui. Porque aqui (na Terra) não tem o mal, e em cima (no céu) não tem mal. Só tem aqui: o Bem e o Mal estão nesta dimensão horizontal. O Mal está para um lado e o Bem está para o outro. Mas note bem que isso só existe para nós. Do ponto de vista de Deus não tem mal nenhum. Nem o capeta é mal; se ele faz o que Deus quer. Isso quer dizer que o Bem está embaixo, está em cima, está no meio. E o mal está só no meio e só para um dos lados. O Mal está na condição existencial do homem. O Mal existe objetivamente par o homem. Quer dizer, na condição vital que ele está colocado. Mas não é só na cabeça dele.

Os melhores interpretações de Jó formam feitas por William Blake. Jó tinha alcançado a centralidade mas não a sabedoria. Jó passaria do homem verdadeiro para o homem transcendental (nos termos chineses). Transcendental quer dizer: o homem não somente está no meio mas ele enxerga bem em cima. Uma coisa de estar aqui no meio é alcançar a potência disto. Mas não é tê-la realizado. Então entre o começo do livro de Jó e o fim, você tem toda a operação alquímica. Mas só que quando começa, Jó já está no centro. Ele vê aquilo que ele pode ver. Ver como é em baixo e em cima. Ao mesmo tempo ele vai ver o Deus e vai ver a profundidade do inferno. Ele vai ver tudo. Como Dante; Dante vai ver a escala inteirinha. Quer dizer, você alcançou isto equilíbrio, essa horizontalidade da água, agora você vai mergulhar para depois subir. Você vai ver o que está abaixo da natureza humana e o que está acima do próprio céu. Este céu não é bem Deus. Também não é bem o espírito santo. É a ação do Espírito Santo. É a asa do anjo. Bom, mas atrás da asa tem o anjo, atarás do anjo tem quem mandou no anjo. Então, é aí, que agente tem a passagem dos pequenos mistérios para os grandes mistérios (você alcançou a centralidade e agora nós vamos te mostrar tudinho). Os pequenos mistérios é o conhecimento da realidade sensível da Terra e das

leis metafísicas que as determinam. E os grandes mistérios significam conhecer Deus. Não é um teste que Deus está fazendo. Trata-se sim, do que Platão chamava de A Segunda Navegação: você completou uma viagem, agora vamos conhecer outra mais ainda. Essa outra não é obrigatória. Pode chegar como não chegar. Então em toda a história ou você está falando de uma iniciação de pequenos mistérios que é o mundo da alquimia propriamente dito Ou você está falando de uma segunda Alquimia mais elevada que vai levar ao conhecimento do que é o espírito mesmo. Aí já entre a no mundo do inimaginável.

O mundo físico não tem mal porque ele é só obediente. Se ele não age, ele não tem mal. Se tem um terremoto o que a terra pode dizer? Não fiz por má intenção. Este é o mundo da inocência. Lá em cima também: é a inocência da sabedoria e a inocência da ignorância. Mas tem um negócio aqui no meio que é a nossa parte: a parte que nos cabe neste latifúndio. É o papel que o homem está desempenhando neste conjunto. E é um papel que por definição não pode estar totalmente determinado de antemão. Por ter uma condição intermediária, o homem não pode ser nem escravo, nem inocente por ignorância nem inocente por sabedoria. Então, ele tem Por excelência um papel ativo. Mas ativo em relação à Terra e passivo em relação ao mundo celeste. Essas divisões, elas não são rígidas. Porque tudo o que se refere à simbolismos de mundos, você tem significado sucessivo: a coisa prossegue. Não é um a pluralidade no sentido contraditório. É tudo coerente. Mas a coisa pode ser vista em várias dimensões (é como uma cebola). Então, você consegue enxergar até um certo número de etapas. Daí para diante você não enxerga mais: daqui para diante tudo pá mim é céu. Então na parte dos mistérios dos céus aí a coisa se complica mais ainda. Tem mais andares que o homem não tem nenhuma obrigação de imaginar. Tem uma história do Dante que é a do Papa que escreveu um tratado das hierarquias evangélicas. Morreu, foi pró céu e lá ficou sabendo que não era tudo aquilo que havia escrito estava errado. No Paraíso do Dante tem isso. Isso quer dizer que em vida ele não tinha alcançado os grandes mistérios.. Então, o que tem que tratar é aqui: é a finalidade da condição humana: Torna-te aquilo que és. A conquista dos bens terrestres sejam eles de natureza material, sejam de natureza espiritual é muito relativo. Por ex.: você vai conhecer as artes. Se você for capaz de convergir este conhecimento para a sua finalidade, ótimo. Tudo, qualquer bem ou conhecimento, alegria ou tristeza, tudo é ambíguo. Porque pode contribuir para te levar para lá ou para te tirar de lá. Só uma coisa determina: que é você mesmo. Não importa muito o que aconteça. Qualquer coisa que aconteça o negócio é você tentar virar a coisa para resultar neste tipo de benefício. Este é o caminho reto, caminho do meio: tem que chegar lá. Você estudando a vida dos grandes profetas, você vê uma conquista de uma tamanha objetividade ante o real que não precisa nem antecipar o que vai acontecer. Muitas das capacidade proféticas não implicam nem mesmo uma mensagem celeste específica que tenha ensinado à essas pessoas isso aqui. Mas às vezes o simples exercício normal das faculdades humanas, você chega lá. O único profeta sobre o qual temos uma documentação extensa é Maomé. A gente se baseia nesse mais ou menos para saber o dos outros. É difícil você distinguir nele o que é uma coisa que foi mandado pelo céu e o que é uma simples consenso dele. Uma coisa que está meio limítrofe à outra. A vida de qualquer modo seja humana seja divina é sabedoria. O limite é que você não sabe. Agora, ele o profeta, sabe. É por isso que eu acho infame esse pessoal que fica

tentando fazer psicologia de santo, de místico tentando explicar por complexo de Édipo assunto de natureza completamente diferente. É o sujeito que tem a psique tosca e fica tentando explicar, analisar os outros. É claro que ficará projetivo. Agente só pode explicar o que está para baixo de nós: aquilo que você já viu, já viveu, uma experiência já absorvida. Mas, se tem uma experiência que está além aquilo tudo que você já passou, você vai imaginar o que? É a mesma coisa que você pergunta para um garoto de 3 anos o que ele acha da vida sexual do papai. Até se você falar em suruba para um adulto, a maior parte dos adultos nunca passaram por isso e nem sabem o que é as implicações psicológicas que isso tenha.

Um dos principais dados que nos alcança no senso de eternidade. Toda a tendência da cultura moderna é o contrário: é prender o sujeito numa espécie de temporalidade imediatista tal que ele não consegue imaginar o dia de amanhã. Quer dizer que coisas que aconteceram para ela há 6 meses, um ano tem para ele uma distância incompreensível, uma nuvem negra de esquecimento; ele já não entende mais nada, muito menos o futuro. É isso que o René Guenón chamava de contra-iniciação: ele vai ficar cada vez mais burro mas ele tem a impressão que está ficando mais profundo. Nenhum sábio tem a impressão de ser sábio. É o senso de obviedade versus o senso de obscuridade: ele imagina que na sua obscuridade está ficando mais profundo. Mas toda a nossa luta é para alcançar o óbvio. Tudo que a gente sabe mesmo, tudo o que agente conquistou efetivamente, você entende que não poderia ser de outro modo; então passa a ser óbvio. Ele reconhece que aquilo que ele aprendeu todo mundo sabia menos ele, que ele é só mais um.

O senso de eternidade é nosso assunto de amanhã; é a mesma explicação de hoje mas sob o ponto de vista de consciência de tempo.

SEXTA AULA (24/01/96)

Já percebemos que alquimia enquanto gênero, não se distingue de modo geral da mística ou do esoterismo. E enquanto espécie ela se distingue da ênfase que ela vai dar no corpo humano como centro das operações. É uma prática espiritual que toma como centro o corpo humano (não incidentalmente como outras disciplinas podem fazer mas, essencialmente!). Mesmo que você esteja realizando experiências alquímicas no forno, a operação essencial não está acontecendo lá, mas no seu corpo mesmo. O que é corpo? Corpo é a cristalização existencial do tempo e no espaço. É uma espécie de cruzamento no tempo e no espaço: tudo aquilo que existe de uma maneira espacial e temporal é precisamente o que nós chamamos de corpo (espacial e temporal simultaneamente).

Se você quiser ter uma idéia entre as operações internas e externas do corpo, tem um livro muito bom do Armando Barbault, O OURO DO ALQUIMISTA. Há na biblioteca da Astroscientia um resumo deste livro (que são vários volumes). Existe uma fase alquímica que se chama Ouro Potável. Para obtê-lo é necessário vários litros de mas daí você tira vários sub-produtos os quais dão origem à Espagiria que é uma medicina alquímica (exatamente como em outras disciplinas espirituais). Está claro que no curso do processo alquímico (tanto na matéria exterior quanto no seu próprio corpo) se passará por 1 série de mudanças corporais bastante profundas; que poderão resultar em uma decadência física e depois uma restauração completa; Mas tudo isso aí é o folclore da coisa; não tem muita importância; o que importa é o aspecto interior. O trabalho alquímico então é restaurar uma parte da natureza; é devolver à certos materiais da natureza a nobreza do seu estado originário e portanto a plenitude das suas possibilidades. Isso quer dizer que na perspectiva alquímica a queda não se refere apenas ao aspecto moral do homem mas também ao aspecto ontológico. Não tem a queda de Adão? Isso não quer dizer que maldade por de castigo. Quer dizer que o ser humano tem uma forma de existência que é mais consistente e mais plena de algum modo; isso aí permite então a queda. E todas as operações alquímicas visam a restaurar este estado originário. É fácil perceber que vivemos a maior parte do tempo num estado de dispersão espiritual; que é o da absorção completa de alguma fantasia que nos ocupa naquele momento e, que para nós nos parece o supra-sumo da realidade. Qualquer coisa que esteja lhe acontecendo ou, o que você imagina que está acontecendo, ocupa a tela inteira da sua mente e você não pensa em mais nada. É como se você estivesse desligado de todo o universo. Este estado é ilusório pois, você não pode se desligar da realidade nenhum minuto. Essas pessoas não estão usando suas faculdades cognitivas para perceber o real e sim para inventar certos esqueminhas que as prende e as hipnotiza (como a estória da cenoura e do burro ou a estória do cachorro perseguindo o seu próprio rabo). Temos outra história da cachorrinha que estava amarrada a um poste pelo laço e ia para trás a toda hora para alcançar o laço. Ela tinha que ir para frente. Mas a sensação de estar presa absorvia completamente o círculo de atenção dela e ela não conseguia ver de onde vinha aquele negócio. Se ela conseguisse parar para analisar a situação, talvez conseguisse. Mas, nenhum animal tem este recuo reflexivo. Os seres humanos em geral estão vivendo deste modo i.é; abaixo de suas capacidades. Por que não faz? Isto aí é uma quebra no estatuto existencial do homem. Isso pode acontecer individual e coletivamente. O que

às vezes chamamos de realidade é a fantasia mais boba que existe. Por isso que eu não acredito em revolução, governo melhor etc.. Isso às vezes dá certo ou dá errado por pura sorte. Você vai ver que as propostas mais absurdas dão certo por sorte: A história é o conjunto dos resultados impremeditados das nossas ações. E essa estória de tentar dirigir o desenvolvimento social para uma certa direção é a idéia mais maluca que já vi. Às vezes as coisas dão certo não por aquilo que você estava pensando; dá certo por causa de outro fator. Você veja: qual é o país que no mundo inteiro representa a forma de governo mais democrática do mundo? É os EUA, não é? Bom, mas nos EUA, 70% da população não lê jornal, não participa da política, não vota. E a coisa dá certo justamente por causa da não participação! Então, quando a coisa dá certo é por motivos que ninguém previu e, quando dá errado é pelos mesmíssimos motivos. A capacidade que o homem tem de prever alguma coisa antecipadamente é muito limitada. Você pega qualquer historiador que tentou fazer qualquer projeção de cultura e você vai ver que raramente deu certo. Isso nos dá uma idéia de impotência humana. E esta impotência humana é uma das características advindas da queda. Por um lado você vê que o homem está assim. Por outro lado, às vezes, ele não está assim i.é; às vezes ele tem a capacidade de enxergar as coisas como são e conduzir as suas ações de maneira muito correta. Se deu certo uma única vez significa que pode dar certo e que não é impossível. Significa que o homem tem a possibilidade real de alcançar um estatuto melhor. Mas se ele tem porque que ele não alcança? Este algo que impede é que se chama A Condição do homem depois da Queda. Ou seja, não é que ele perca as capacidades intelectuais etc.. é que ele passa a ser um ser mais desprezível; na escala ontológica ele não é tão importante. Na maior parte dos indivíduos verificamos que o ser humano ainda é um bicho vivendo abaixo de suas capacidades. Isso não acontece totalmente com os outros animais. Se dissermos que 98% das vacas não estão dando leite, diremos que é uma espécie em extinção. Quando um animal não cumpre a capacidade para a qual foi destinado, é porque tem algo errado com ele. Agora, se o homem tem a tal da capacidade de ser o centro da criação, de ter consciência, ter retidão, agir consistentemente etc., porque ele não consegue? Porque ele não consegue sempre ou quase sempre? Não existe este tipo de dificuldade - de manifestar suas próprias capacidades - na espécie animal. Mas para o homem existe. Por isso mesmo que cada vida humana quando começa, é um conjunto de esperanças, e quando termina é um conjunto de frustrações. Hegel diz que quando contemplamos a história, a primeira coisa que vemos é um amontoado de ruínas: tudo o que foi feito foi destruído e temos que continuamente refazê-lo. Tanto individual quanto coletivamente o homem está sempre abaixo do que ele pode. Porém, nem todos os homens. Uma vida bonita é quando o homem fez tudo o que ele queria fazer e se tornou quem ele queria ser. Então o que faz o homem não realizar aquilo que ele vislumbrou? É um fator de dispersão qualquer que faz com que em vez de ele estar consciente do lugar onde está, do seu encaixe no meio, ele não enxergue mais onde está. Ele está obcecado, hipnotizado naquela coisa como a cachorra estava presa na corda. Agora não é só o homem que baixa. O homem baixando, começa a tal da degradação ambiental. A degradação ambiental não começa com revolução industrial. Eu falei que o animal não fica abaixo de suas capacidades. Mas, se você fizer a conta do número de espécies animais que foram extintas - não agora na revolução industrial- é um negócio assombroso! Quem sofreu a queda não foi apenas um homem

chamado Adão, mas o modelo da espécie humana. Podemos depreender daí que a narrativa bíblica não se passa aqui na Terra; se passa no próprio Jardim do Éden o que é este Jardim? Não é a terra planeta. Quer dizer, todo este drama relatado pelo Gênesis é um drama de ordem espiritual. De certo modo tem a ver com o universo material: na hora em que o modelo da espécie humana cai, o universo inteiro se ressentido daquela coisa. A obra alquímica visa colocar o homem dentro de um estatuto onde ele possa legitimamente se considerar centro da criação humana. Você veja: porque a cultura de 4 séculos para cá parece se comprazer em negar a importância do homem no cosmos? Ela diminuiu o homem. Atualmente parece mais verossímil que ele seja um amontoado de átomos de carbono do que ele ser um modelo do cosmos! Isso parece ser adequado à condição presente do homem, mas não à sua condição essencial.

Moisés foi um cara que levou 40 anos para que alguém acreditasse no que ele falava. Como é que ele fez para manter suas opiniões durante todo este tempo? Isso quer dizer que as questões de frustrações e felicidade para ele já estava muito aquém dele. O isolamento moral é muito ruim para nós. Colocar um sujeito numa situação desta é o que se chama numa indústria de Operação Salame: você vai cortando os canais de comunicação do indivíduo com o seu meio. Se ninguém entende ou acredita no que ele fala, ele não pode agir. Cannon ganhou um prêmio Nobel por um trabalho que fez sobre reações corporais no pânico e na raiva. Qualquer sujeito colocado numa situação desta, em 99% dos casos ele morre. Morre porque isso cria um desequilíbrio na circulação capilar, paralisa todos os órgãos do corpo isso é estudado num livro do Lévy-Strauss - Antropologia Estrutural- É assim que se mata o sujeito por bruxaria: total isolamento moral, aí ele não agüenta e morre. É claro que isso só funciona numa comunidade homogênea aonde todo mundo trata o sujeito do mesmo modo. Moisés agüentou isso 40 anos e saiu inteiro; é claro que com isso ele adquire um poder maior que de toda a comunidade junta! O ser humano na sua plenitude é um bicho capaz de fazer isso. O ser humano não precisa de ninguém: ele não precisa que a mãe dele goste dele, que a mulher ou o cachorro gostem dele etc.. Por que ele tem uma comunicação direta com a verdade, ele sabe o que é. Então ele não se preocupa mais com essas coisas. Isto ele pode fazer. Tanto pode que já fez. Agora, o ser humano em geral, ele não resiste a nada, nada, nada. Se sente o tempo todo ameaçado. Então quando você vê a impotência, a incapacidade de agir, o hipnotismo, o limite, você verifica que algo está errado. É a perda da condição ontológica. Não é só a perda de uma capacidade. É que ele se torna um bicho desimportante, um bicho que se pode substituir, que se joga fora e põe outro no lugar. Ele é substituível. Moisés se torna então insubstituível perante a comunidade e aos olhos de Deus. O ser humano foi feito para ter esta importância espiritual.

Toda obra alquímica foi feita para restaurar isto aí. Isto aí é que introduzirá o conceito de senso de eternidade. Este fenômeno da prisão do indivíduo é uma restrição do tempo ao momento presente. Quer dizer que o sujeito não consegue ver nem o hoje nem o amanhã. Ele perde o fio de sua historicidade: ele não sabe de onde vem nem para onde vai. Aquela situação de prisão é tão envolvente que cria uma situação de compressão do antes e do depois: o cara não presta atenção em mais nada. É assim com qualquer situação de perigo ou de angústia. Ela parece que naquele momento ela é toda a sua história. Mas como diz o ditado: A situação é perigosa demais para você

se dar ao luxo de ficar com medo. É justamente na hora do perigo que você tem que enxergar! O medo é assim: é uma criancinha que tem quem a socorra. Mas se ela estiver sozinha, ela tem que perder o medo, porque senão é um luxo. É da mais alta conveniência que você mantenha um estado de consciência, que o perigo expanda sua consciência. Porque a tua salvação tanto física quanto hipnótica depende disto. Essa reação de corte de consciência, de compressão não se justifica nem mesmo numa situação de perigo real. Ela se explica mas não se justifica. Ela é sempre injusta, má e inútil, não vai fazer bem a ninguém: se um indivíduo numa situação de perigo entra em pânico, isso não vai fazer bem para ele nem para os outros. Não faz bem para ele porque ele não pode escapar da situação. Não faz bem para os outros porque os outros ainda vão ter que socorrê-lo. Os outros não têm obrigação nenhuma de te carregar. Se você tem medo, trate de ficar com mais medo porque daí você vai agir. Se você pegar um cachorro vira-lata e um com pedigree, a diferença entre ambos não vai ser tão grande quanto se você comparar um cidadão comum com Moisés. A diferença é incomensurável; então como pode pertencer à mesma espécie? O homem tem direito a conseguir um estatuto ontológico melhor. Só que ele não está colocado nesta condição melhor naturalmente; ele vai ter que chegar lá artificialmente, por sua própria iniciativa. E é justamente isso que quer dizer o ditado: Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto. O pão é o símbolo das ações corretas. O pão é a esfera da moral. O vinho representa os conhecimentos espirituais. O homem para agir corretamente ele vai ter que passar medo (é isso que quer dizer o ditado acima). Você não conseguir o seu estado anterior de nobreza de graça. É essa a condenação do homem passado. Mas veja, é uma condenação que não é eterna, é temporária. Se você quiser retornar ao estado Adâmico, já vimos que o homem pode. Agora se você não quiser nada, você vai cair cada vez mais e mais e mais. Agora é claro que você vai ter pagar alguma coisa por isso, pode perder bens materiais Por ex.. Mas, qual é a diferença de você afundar num navio em 1 classe ou em 3 classe? Existe alguma diferença mas é irrelevante.

A sociedade que incute na cabeça das pessoas o desejo de uma Condição econômica melhor é monstruosa. Isso é pior do que a própria miséria. Pior do que a miséria é o desejo de sair dela. Porque se você não ligasse muito para ela, a coisa talvez até se resolvesse melhor; porque você teria miséria sem humilhação, você sofreria menos. Mas o pensamento de hoje é: se você está duro, você não presta. Mas, já não basta você estar duro e ainda ter uma condenação moral em cima de você? Aquela ideologia que diz que quer que todos tenham bens iguais está provando exatamente que só vale quem tem. Quer dizer que tanto faz aquela sociedade que aprecia estes bens quanto aquela que a condena: são igualmente ruins. Porque ambas são baseadas em valores falsos. O certo é dizer para o indivíduo que essas coisas são muito relativas: se você conseguir juntar bens materiais, ótimo. Se não conseguir, dane-se! Tem coisa mais importante.

Este círculo do momento presente é que tem que ser rompido. E ele é rompido não pela revolta contra ele: porque quanto mais você se envolve com a situação presente, mais ela cerca tua atenção. Então isto será rompido pela concentração na interioridade, no que é importante. Existem no mundo milhões destas técnicas (islâmicas, budistas etc.) e que vão representar exatamente este trabalho do forno. Esta concentração é que fará você perceber que todos os momentos anteriores e subseqüentes estão de certo modo no momento presente. Por ex.: você pode prolongar

a sua memória tornando-a mais rica e mais exata. Os seus momentos passados estão no momento presentes fisicamente. Do mesmo modo os momentos futuros. Isso aí pode se prolongar para antes da tua existência física, cria uma espécie de consciência de momentos antecedentes, momentos históricos; O que se passou na Grécia ou na Roma Antiga está presente de algum modo. Aos poucos, todas essas faixas do momento passado, você começa a perceber a presença delas. Os momentos antigos, subsistem e determinar atos presentes. Não foram apagados. Quer dizer, tudo aquilo que ainda tem o poder de agir é porque subsiste. Uma experiência interessante é você pegar alguma idéia corrente que as pessoas falam e você rastrear a origem histórica dela. É uma espécie de ampliação de consciência do tempo que vai abarcar toda a sua vida e a vida da espécie humana inteira. Quando se chega na máxima extensão possível, aí começa-se a ter uma espécie de consciência da eternidade. O que é o conceito de eternidade? É que em cada um destes momentos esteja colocados em face de uma outra dimensão. Santo Agostinho diz que o tempo é a medida da mudança. E no fundo esta medida é feita com a régua da eternidade, de simultaneidade de todos os momentos. Se você pegar a totalidade dos tempos passados e comparar com a dimensão eterna, as diferenças dos vários momentos do tempo é quase irrelevante. Se você analisar sua vida como um todo, você verá que todos os momentos são indispensáveis, não pode cortar nenhum. Isso significa que todos os momentos são iguais perante Deus. Essa consciência estendida de tempo, acaba te dando uma consciência de permanência. Permanência significa o seguinte: o mundo sempre foi real, a realidade sempre esteve aí. A experiência que nós temos do passado ter desaparecido, se tornado irreal e de que o futuro é irreal, essa experiência é ilusória. O passado é real e o futuro também será real quando acontecer. É somente a sua prisão imediata que dá uma impressão de irrealidade ao que foi e o que será. Mas esta impressão é evidentemente auto-hipnótica. Aquele momento do tempo que você está comprimido, aquele momento parece absorver tudo. Mas este momento não impedirá que momentos seguintes se sucedam. É absolutamente impossível que você pare este momento. Vai haver um futuro sim, necessariamente. E depois que você morrer as coisas vão continuar se sucedendo. E isto é a verdadeira realidade, não a sua impressão subjetiva. Os seus atos certamente terão conseqüências depois que você morrer, saiba você ou não. Você quer realidade ou você quer mente? Aquilo que é produto da sua mente chama-se mentira. Mentir é uma invenção da mente. Chega um momento na vida que você tem que optar: ou eu quero a realidade ou eu quero a minha mente. É por isso que diz o Cristo: Aquele que quiser salvar sua alma vai perder. Aquele que quiser perder, vai ganhar. Então você vai ter que sacrificar a sua mente e ver a realidade. Eu vou ter que admitir que mesmo aquilo que eu não vejo, acontece. Aquilo que eu não sinto pode ser real. Aquilo que eu não sinto é real. Aquilo que eu nem posso perceber, também é real. Bom, aí você começou a ficar em paz com a realidade. Você entende que é você que está dentro dela e que não é a sua mente que está agindo soberanamente ali dentro não! Mas hoje em dia todo o mundo é convidado a fazer o contrário: tudo o que ele pensa e imagina é que é o real. Mas isso é prisão no momento presente, é o supra-sumo do subjetivismo, é a total impotência! Os homens adormecidos estão cada um no seu mundo. Os homens acordados estão todos no mesmo mundo (Heráclito). Aonde quer que haja um golpe militar no mundo, lá estará Júlio César porque foi ele quem inventou. Pois é este senso de realidade de

tudo o que foi e de tudo que será é isso que se chama. O cara inventou um modelo de ação política e que os caras continuam copiando até hoje (tem a ver com ressonância também). Então eu posso dizer que Júlio César afetou a minha vida. Claro, foi ele que ensinou a essa gente toda. Então, ainda que eu não saiba quem foi Júlio César, o fato é que a ação do sujeito ainda está repercutindo. A partir da hora que você começa a considerar estas coisas, você começa a viver numa realidade cheia, numa realidade que é cheia de elementos. Ao passo que antes, estava-se vivendo numa realidade vazia, onde tudo o que acontecia só acontecia para o seu umbigo. Antes você vivia numa ilusão de que a sua mente era o centro da realidade. É a jornada do imbecil até o entendimento. Esta consciência estendida do tempo ela não é ainda o centro da eternidade, mas apenas um passo. Consciência da eternidade significa consciência de estar colocado dentro de uma eternidade. Isso significa, como diz a bíblia, caminhar diante de Deus. É saber que você está sendo contemplado; existe uma eternidade consciente que sabe de você. Caminhada é a sucessão de atos do ser humano. É a sua vida terrestre. Em qualquer evento de qualquer época - mesmo anterior à sua existência, mesmo anterior à existência do homem- você sabe que aquilo lá é atual e está presente. Isso é consciência estendida. Quando que os anfíbios saíram do mar para viver na Terra? Há muito tempo. Mas isso afeta a minha existência ainda hoje. O fato de que uma coisa sumiu da memória não quer dizer que sumiu da realidade. Uma maneira muito fácil de ver isso é pela hereditariedade. Você nasceu com uma determinada constituição hereditária contra a qual você nada pode fazer. Seu avô, seu bisavô, toda esta gente está agindo em você. Você carrega tudo isto tanto pelo aspecto maligno quanto pelo aspecto benigno. Para você, este plano não está colocado no plano da atualidade mas sim no plano dos resíduos das causas anteriores. É mais ou menos como a bala perdida. Um não sabe de onde veio e o outro não sabe para onde ela foi. Para o atirador não existe vítima e para vítima não existe atirador mas, objetivamente, existe. Pois é este nexos objetivo que nos interessa para modelar a nossa mente - por esta idéia do nexos objetivo e não somente pelo o que nós imaginamos. Ou seja, eu sei que eu não vi mas eu sei que existe. Bom, até aqui vimos a consciência estendida do tempo. Mas existe também a consciência estendida de espaço: todas as coisas que estão acontecendo exatamente neste momento. Por ex.: se você está vendo um prédio com muitas janelas, com pessoas lá dentro que têm suas vidas. Quantas destas a tua imaginação consegue captar ao mesmo tempo? Bom, se você for Balzac. Balzac compôs mais de 50.000 personagens. Mas na verdade, ele não inventou. Ele compôs aquilo com pedaços que ele viu. Isso não quer dizer que em Paris existe 50.000 personagens, existe muito mais! Ora mas, todo este mundo de Balzac é real. Isso de fato é real é a riqueza do mundo. Ora então eu sou um imbecil na minha redoma e só vejo alguns palcos diante do nariz. Talvez o grande pecado do homem é ele entender que o conhecer é muito mais importante que o fazer. A capacidade cognitiva do homem é infinita mas sua capacidade de fazer é ridícula. Há uma desproporção entre a força cognitiva do homem e sua ação. Ora, se o homem foi posto no mundo por Deus para transformá-lo como diz Karl Marx- ele daria ao homem mais capacidade! Isso significa que o homem não veio ao mundo para transformar o mundo mas para ele ser transformado pela realidade! Temos que sair daquele ovo que agente nasce e começar a ser transformados por este conhecimento. Por isso que a vida contemplativa é melhor que a vida ativa. Por que a vida contemplativa pode se estender até o fim do universo;

mas agir, não (estória de Marta e Maria). Na vida contemplativa, deixamos que a realidade molde nossa mente em vez de tentarmos inventar uma outra. Isso aqui é um gigantesco forno alquímico onde nós estamos sendo transformados. Claro que dentro destas transformações, algumas são frutos da tua ação, mas isso aí é muito pequeno. Basta você tentar mudar sua vida e você vai ver que alterações mínimas requerem esforço de anos! Vaca foi feita para dar leite, passarinho para voar. Nós que temos capacidade cognitiva muita acima da nossa capacidade de ação, portanto o conhecimento é mais importante.

Então, o primeiro passo seria a concentração e a admissão da realidade. Já vimos a consciência de tempo e espaço. O que é consciência de eternidade? É a visão de simultaneidade de todos estes momentos. Isso quer dizer que do ponto de vista de Deus, o momento que os anfíbios começaram a andar na Terra é tão atual quanto este momento agora. Para nós este momento parece mais importante; mas objetivamente este momento é só mais um dentro da seqüência. Isso quer dizer que em cada ato que temos deve haver nele uma consciência de eternidade. O ato que é feito com esta consciência ele é moldado pela eternidade. Se cada ato é feita com esta consciência, cada ato é eterno também. Basta que ele não pretenda ser o único. Na eternidade existe um *script* do seu papel que você desempenha ou não. Então, o que seria o ato melhor possível dentro de cada momento? É o ato que corresponde àquilo que na eternidade corresponde a seu modelo, à sua perfeição: a idéia que Deus sempre teve a seu respeito antes mesmo de fazer você. Voltamos ao tema inicial do bem supremo, a permanente concentração no bem supremo. Qual é o melhor ato possível? O ato que é plenamente significativo dentro da tua escala. O ato que eu posso fazer.

A fugacidade não existe objetivamente. A fugacidade é uma impressão: todos os momentos ficaram, nada se perdeu, estão sempre presentes. Não está presente na mesma modalidade porque seria auto-contraditório.

ALQUIMIA E ASTROLOGIA (30/01/96)

Leremos 2 textos hoje: Um, não por coincidência, foi tirado de um livro de Alquimia. E o outro, de um livro que não tem nada a ver com Alquimia. É um romance de Georges Bernanos (um escritor francês que morou no Brasil por muito tempo). Vamos ler o primeiro parágrafo, depois agente volta para comentar.

O SENTIDO ESPIRITUAL DA NATUREZA (por Julius Evola)

A relação do homem moderno com a natureza pertence à tradição hermética-alquímica.

Comentário: Porque ele usou a palavra ciclo entre aspas? Porque não existe uma divisão temporal clara entre uma época pré-moderna e uma época moderna. Mesmo porque, existem sociedades que ainda estão no chamado ciclo pré-moderno. Inclusive se nós perguntarmos: como é que o sujeito que está na época moderna pode saber destas coisas que foram escritas pelos antigos? Bom, existem três argumentos. O primeiro é pela convivência com sociedades primitivas que revelaram alguma coisa à esse respeito. Em segundo lugar, através de documentos, pela reconstituição da história. Em terceiro lugar, pela própria estrutura da alma humana que é um microcosmo (não só no sentido cósmico como no sentido histórico). Isso quer dizer que qualquer experiência que tenha sido vivida pelo homem de qualquer época da civilização tem um análogo dentro de nós; e procurando direitinho agente encontra este análogo. Quer dizer, nós podemos voltar a sentir as coisas como outros homens se for escavada a imaginação. É claro que você vai vivenciar por momentos aquilo que para eles é uma experiência constante. Também é claro que essa experiência puramente imaginativa, reconstitutiva não vai ter a intensidade da experiência real das pessoas. Mas dá para gente saber do que se trata. Ora, precisamente no trajeto alquímico, o que se faz é uma reconstituição sistemática deste outro modo de ver a coisa. Você não somente tem a atitude do historiador que evoca imaginativamente as experiências anteriores deste povo mas você vai atualizar, resgatar as possibilidades perdidas através de um esforço sistemático que é justamente essa trajetória alquímica.

. A natureza esgota-se hoje fixadas unicamente por relações matemática.

Comentário: O que se entende hoje do estudo da natureza física, alquímica etc.? São ciência que procuram estudar da natureza somente os seus aspectos diretamente mensuráveis, matematizáveis. Quer dizer, é uma espécie recorte da natureza (onde vai pegar apenas os seus aspectos quantitativos mais facilmente captáveis e organizáveis no conjunto de relações). Relações que quando se revelam constantes, cíclicas, repetitivas, adquirem o nome de Leis. Lei científica é uma espécie de equação matemática que se verifica repetidamente estabelecendo uma relação entre fatos da natureza. A ciência hoje em dia é do tipo descritiva geométrica da natureza e que busca somente as repetições. Ora, o aspecto repetitivo e mensurável de um fenômeno, é evidente que é só uma faixa, um corte uma fatia por assim dizer. Se você pegar antes do ciclo chamado Ciclo Moderno que começa com a Renascença, você verá que a ciência Física se ocupava de muito mais coisas. E a questão do significado que ele

coloca ali. O significado pressupõe uma intencionalidade. Ora, em todo o ciclo moderno praticamente toda a cultura universitária se baseia na idéia de que só existe intencionalidade no reino da intencionalidade humana e nada mais. Somente o ser humano possui intenções e portanto que age com um significado. Ao passo que todo o reino da natureza terá que ser explicado independentemente de significados. Ou seja, a ciência não se interessa pelo que a natureza fale a nós. Mas, apenas em descrever e medir o seu comportamento desde fora. Há um recuo. Evidente que esta concepção vem diretamente da divisão cartesiana entre a coisa pensante que é a nossa mente e a coisa extensa que são o objeto da natureza. No século XVIII, Leibniz vai mostrar que apenas o aspecto quantitativo, a medida, não bastava para constituir um conceito de um ente real; e que portanto o mundo estudado pela Física, não era propriamente real. Mas, um esquema matemático que coincide em certos pontos com o mundo real. Podemos fazer uma analogia da seguinte maneira: imagine uma figura humana qualquer. Se você marcar determinados pontos nesta figura, você pode descrever todos os movimentos desta figura só a partir destes pontos. Aonde essa figura se movesse estes pontos se moveriam junto com ela. E a descrição dos movimentos destes pontos corresponderiam rigorosamente ao real. Só que não se parece em nada com a figura como um todo. Então, toda a operação que nós chamamos ciência física consiste em fazer isso aqui: marcar determinados pontos que são mais fáceis, os mais matematizáveis, e acompanhar o desenrolar deste aspecto da realidade buscando as simplicidades e as repetições. E a hora que você conseguir vincular este movimento aos conceitos básicos como matéria, movimento etc., você diz que estabeleceu uma lei. É claro que essa lei funciona. Você poderia estabelecer neste mesma figura, uma equação das distâncias máximas possíveis entre este ponto e um outro ponto conforme as várias posições do indivíduo relacionando são mesmo tempo uma certa distância com outra qualquer. Você pode denominar x , y , z . você pode fazer uma equação dizendo que a distância máxima de z a y varia conforme a distância de x a y . E você tem aí uma fórmula que será inteiramente verdadeira em todos os casos. Você não pode dizer que isto seja irreal. Mas também não pode dizer que seja real. É um mundo, um tecido de relações matemáticas. E o reino da intencionalidade, da significação? Ele fica combinado pelo mundo da linguagem humana. Só o que pode fazer sentido para o homem da civilização moderna é a fala humana. (o resto não precisa fazer sentido. O resto apenas se comporta de uma maneira mais ou menos mecânica). Também é claro que esta despersonalização da natureza traz como consequência um excessiva personalização do mundo da fala humana: porque o homem, vivendo num universo hostil sem significado, é lógico que ele se sente mal; e as suas necessidades de expressão e comunicação se tornam exacerbadas. Daí que ao mesmo tempo a ciência vai descrevendo um mundo cada vez mais impessoal. Você vai vendo na prática o processo inverso: um processo de subjetivação cada vez maior. Por ex.: quando Shakespeare no século XVIII no período romântico, as pessoas começam a falar de suas emoções interiores das mais subjetivas que nunca o homem tinha tido em toda sua existência. Então, memórias de Jean Jacques Rousseau você vai ver o indivíduo pegando a sua vidinha a alminha se desdobrando nos mais íntimos detalhes para todo mundo ver. Isto aí é um reflexo de uma despersonalização da natureza. Então, é um espécie de excesso para compensar um excesso contrário. É justamente desse processo da subjetivação da expressão artística concomitante à perda da

comunicação com a natureza que você vai falar o Georges Bernanos no segundo parágrafo. Talvez fosse conveniente neste instante ir para o outro texto para depois voltar.

A PERDA DO SENTIDO ESPIRITUAL DA NATUREZA (por Georges Bernanos)

.. Como as cidades, através das pedras, senão para soltar nela o rebanho de suas mornas sensualidades.

Comentário: Ele começa a falar das vozes das cidades. Cada rua que você atravessa tem um tumulto específico e quando você sai daquela rua este tumulto ainda acompanha você. Até você encontrar um outro tumulto. Ele está falando de uma voz mas não é uma voz que ele deveria mencionar; porque somente as florestas. As colinas, o fogo e a água têm vozes exatamente no sentido que estava falando Julius Evola no outro texto. Ele diz que não compreendemos mais esta linguagem. O homem lírico é exatamente o artista subjetivista moderno. Onde ele fala das suas emoções individuais. (Ex; Jean Jacques Rousseau, Victor Hugo etc..) Ele diz que os poetas do romantismo acreditavam ter restaurado esta linguagem da natureza porque eles faziam poemas onde a natureza parecia acompanhar as emoções do homem. A paisagem virava pano de fundo para as emoções do homem (no Brasil agente tem o exemplo de José de Alencar). Porém, segundo Bernanos, isto não é linguagem da natureza. Isso é uma coisa que está sendo colada à natureza. Ele coloca este homem lírico no grau mais baixo da espécie humana. Diz ele que é o tipo mais inferior que existe. Porque este já não entende nada da natureza e ainda a prostitui colando sobre ela suas emoções subjetivas e oferecendo para a despersonalização da natureza um remédio que ainda é pior. Porque a ciência moderna não fala a voz da natureza. Mas o poeta, o artista, ele já não cala apenas. Ele coloca uma outra voz em cima. Leva a falsidade mais longe ainda. Ele diz que a poesia moderna, acreditando o ter restaurado a linguagem da natureza, não libertou a natureza das figuras míticas, elementais (duendes, etc.) senão para soltar lá o rebanho das mornas sensualidades do próprio artista.

.O mais forte deles já estrangulado pela velhice, enchia as ruas e os bosques com a sua infatigável duplicidade.

Comentário: Ele está dizendo que no fundo, a inspiração todinha é puramente erótica: são as garotas que não quiseram dar para o sujeito ou que quiseram dar para ele. É o erotismo subjetivo pessoal mais boboca que é no fundo a fonte de tudo isto. Em vez de ouvir a mensagem profunda da natureza, a linguagem dos símbolos alquímicos que é uma lição inesgotável sobre o próprio sentido da existência, ele faz o contrário: ele não repara a natureza senão para fazer dela um símbolo ou um elo da sua própria emoçãozinha.

Por trás dele. grotescos soluços ante a velhice e a morte.

Comentário: No fim, é a curtição do homem (amor quando você é jovem) depois quando você vai ficando mais velho e brocha é a melancolia (Ah, estou ficando velho e acabado). No fim, a inspiração destes caras todas não é nada mais do que isso aqui: falar o óbvio. Você não tem nada a aprender com as descrições das emoções amorosas, alegres ou melancólicas dos outros. São exatamente iguais às suas. E o pessoal adorava isso na época. Hoje nós não percebemos as nossas própria babaquices às quais serão evidentes para gerações futuras. Depois que a literatura se cansou deste desfile de emoções surgiu a escola parnasiana que fazia exatamente o contrário: puramente cerebral. Mas a reação à uma porcaria é outra porcaria. Ficam todas no mesmo plano e não conseguem ascender. A grande obra literária do século é *The Waste Land* de T. S. Eliot. O que Eliot vai fazer: Ele vai pegar este simbolismo das cidades, da terra que foi gasta e onde só sobrou as vozes humanas. Não tem mais mundo. Eliot entende a civilização como uma sucessão de camadas que vão se superpondo. E no fim, o ponto de partida já não é mais visível. Se bem, que todo este legado do passado continua aí só que soterrado. E aí você vai ter que escavar. E esta escavação da história da civilização (justamente para tentar encontrar algo soterrado). É justamente o sentido da obra de Eliot. Eliot vai tentar encontrar por trás da civilização das máquinas, do capitalismo moderno a voz da natureza que é a voz de Deus. Mas ele não pode ir direto, você tem que primeiro descascar essa coisa toda. Esse parágrafo aqui, se pensarmos bem é toda a história cultural do ocidente neste último século.

.por trás a massa dos discípulos precipitou-se como quem come.

Comentário: quer dizer, todo mundo avançou, mas simplesmente como quem como, como quem vai à um restaurante

.à solidão sagrada no sonho abjeto de associá-la à suas cruces à sua melancolia, decepção carnal.

Comentário: Quer dizer, cada um querendo usar a natureza.

O contágio, avançando passo a passo, estendeu-se aos antípodas. A ilha deserta recebeu seus confidentes e testemunhou seus amores.

Comentário: O que quer dizer ilha deserta? Seria o símbolo mesmo da solidão sagrada da natureza que seria uma ilha deserta na qual nunca ninguém foi. E até aí a massa inteira dos literários fazendo aquele barulho medonho já botou os seus amores, seus sentimentinhos etc.. Invadiram tudo. Você vai ver também, logo depois de Victor Hugo, vem Baudelaire que é exatamente o contrário. Baudelaire descreve as cidade com ferro, fumaça, a feiúra da cidade. Ele acaba se apaixonado pelo horrível e faz a poesia do horror. É um protesto mas acaba fascinada pelo mal. É a impotência da cultura moderna para romper com este círculo, este falatório que tampa a voz da natureza.

.nenhuma pradaria, jorrando luz e orvalho no candor da aurora, ele não se apodera do seu ritmo interior e sua profunda dominação.

Comentário: O ritmo interior que precisamente falava Julius Evola. Note bem que Georges Bernanos nunca leu Julius Evola e nem o contrário. São pessoas completamente diferentes; não só por cultura como por mentalidade. Mas que passam exatamente o mesmo fenômeno: que existe um movimento interior da natureza. Exatamente este ciclo das transformações alquímicas. E que é ao mesmo tempo o movimento interior da nossa própria alma. E é justamente aí que o homem que impõe a sua presença na natureza não pode captar mais. Se você manda a natureza calar a boca e começa a falar em cima dela, com você ela não fala mais.

.todavia se está no homem impor à natureza a sua presença, e não responde senão à elas somente.

Comentário: Quer dizer que o canto da natureza continua. E esse é todo o nosso esforço: você vai ter que sintonizar para saber o que ela está falando. Seja o pessoal que está querendo aprisionar a natureza como relações matemáticas, seja aqueles que em reação contra isso, transformar a natureza no palco de suas emoções eles, vão ouvir mais nada. Quer dizer que as 2 grandes correntes da cultura moderna (que seria a ciência matemática e o protesto subjetivo do artista) essas 2 estão se afastando do que estava lá para trás.

.Não é assim com as paisagens de ferro e de alvenaria, construídas que são na dor e no suor?

Comentário: Veja, as cidades, a civilização humana é as vezes colocada como o reino da liberdade. Nas cidade, o homem se libertou da sujeição da natureza. É o reino da democracia, do socialismo etc.. Então como que poderia ser um monumento da liberdade este negócio que foi construído na base da exploração do cosmos, da escravidão, Que liberdade tem nisso?

..a liberdade se são fortalezas. ante a rebelião das coisas e dos elementos Adão vencido?

Comentário: Como ela poderia renunciar a liberdade se elas são o abrigo onde Adão vencido pela rebelião das coisas, dos elemento foi buscar refúgio? Os elementos são exatamente a natureza. Adão passa a ter medo da natureza e foge para dentro das cidades.

.a vida essa morada transitória, guardiãs de nada mais que nossos ossos?

Comentário: A situação urbana é por um lado, a expressão de toda esta ciência técnica. E dentro das cidades surge um tipo de cultura que é especificamente subjetivista como compensação. Como as pessoas estão muito oprimidas ali, então todas as pessoas têm que exprimir os seus sentimentozinhos para sentir que são gente. Mas é uma expressão muito pobre e que vai corromper o sujeito ainda mais. O que quer que venha de bom para a civilização humana, qualquer intenção humana,

ela se superpõe à realidade, é demência mesmo. O empregado que tira férias e vai para montanha, ele acredita que está sonhando. E depois quando ele volta para o trabalho, ele acredita que voltou para a realidade. Mas é ao contrário: as montanhas, o mar são realidades que já estavam aí há milênios. Isso não quer dizer que temos que acabar com a civilização, com as máquinas; mas que temos que colocar as devidas proporções nas coisas. Os mares, as estrelas, os planetas existem mesmo e nós estamos há num mundinho pequenino de civilização colocando as nossas intenções. Mas este não é efetivamente o mundo real. E somente uma forma de adaptação humana à um mundo real que já preexistia. A redução matemática que se faz da natureza é fácil entender que ele é uma reação causada pelo mundo. Quer dizer, ela é uma espécie de refúgio intelectual no qual o homem, aterrorizado dentro da complexidade da natureza, se esconde dentro de uma versão simplificada que ele mesmo inventou. Isto é uma reação primitiva. Essa simplificação mental que é feita pelo homem para não ver a realidade porque você está com medo dela (vem vez de você estabelecer uma espécie de diálogo para você tentar entender do que está se passando) esta reação não é do mundo moderno; ela sempre existiu no homem. Tem um historiador de arte que observou isso aí: Quanto mais você remontava para trás na história da arte, as formas de desenho eram mais simplificadas, esquemáticas e geométricas. Porque que o homem primitivo em vez de desenhar o que via, desenhava figuras geométricas? É simples porque ele estava no meio de confusão natural. Tendo medo daquilo, ele recuava para um mundo inventado, geométrico um mundo matematizável (dentro das possibilidades matemáticas que ele tinha). Quando você chega mais ou menos na época do império greco-romano, você começa a ver que se alcançou aí um certo domínio da natureza que permite que o homem olhe de novo para a natureza, sem medo, e comece a gostar dela. Porém se você avançar mais, quando a civilização urbana cresce e tampa a natureza, aí você começa a idealizar a natureza dada vez mais: daí surge o romantismo essas coisas todas. É uma natureza, uma naturalidade inventada. Quando agente fala em naturalidade inventada, não é só a visão do universo natural onde você tem a introdução do artificialismo. Mas na própria expressão dos sentimentos humanos. Na época de Jean-Jacques Rousseau onde era moda ser sincero, ele inventa emoções que ele não tinha, inventa até pecados que ele não fez em nome de ser sincero. Isso quer dizer que até no contato consigo mesmo, não só com a natureza exterior mas com a sua própria natureza íntima), o homem substitui o inventado ao observado. A pesquisa histórica comprovou que muitas das sacanagens que Rousseau atribuía à si mesmo eram mais uma super-pose de sincero. O pessoal descobriu que ele não era tão ruim quanto ele dizia, quer inventado mesmo. Essa coisa de você tentar parecer pior do que é, essa sinceridade posada, é uma típica invenção deste terceiro estágio da civilização onde a civilização urbana já tampou completamente a natureza. Como você não pode chegar nela, você a inventa. Ora, na mesma medida que você inventa a natureza exterior (como já dizia a divisa alquímica: como é em cima é em baixo) na medida em que você se afastou completamente da natureza sensível e agora você tem que inventá-la você acaba se afastando da sua própria natureza interior e tem que inventá-la. Então você já não sabe mais o que se passa dentro de e você. Você pode inventar uma fantasia lisonjeira ou deprimente. Mas tanto faz, você pouco sabe a respeito de si: a imaginação está inventado tudo. Se você verificar as doutrinas modernas a respeito do inconsciente, existem tantas criações

diferentes do inconsciente (Freud, Jung, Reich) que estou seriamente inclinado a acreditar que não tem nenhum santo. Porque ninguém pode observar tudo isto. E pergunto eu: será que um auto conhecimento autêntico seria tão diferente de pessoa para pessoa? Então eu teria um inconsciente freudiano, você teria um inconsciente Reichiano. Inconsciente dever ser mais ou menos igual para todo mundo. Quer dizer, estão tentando pegar a natureza interior do homem desde fora e com uma grade de conceitos mais ou menos inventada: exatamente como da Física com a Matemática. Tem-se que deixar a alma falar. A condição sine qua non para a alma falar é entender que ela não vai falar nada de acordo com a divisão dos conhecimentos que nós inventamos. Quer dizer, a natureza não vai dar hoje para você uma aula de Física, uma aula de química depois uma aula de gramática; ela não vai fazer isso. Então para começar a entender é preciso admitir em primeiro lugar que as nossas divisões universitárias do conhecimento forma inventadas por nós mesmos. E que a natureza é uma só e ela só pode falar de tudo junto. Você é que tem que depois separar e classificar. Mas se você espera que ela fale em qualquer das linguagens, que nós concebemos, para isso, ela não vai falar. Ela vai ter que ter uma linguagem própria que é prévia, que é anterior, que é mais básica do que todas estas divisões. Mas precisamos entender esta linguagem que é a linguagem simbólica. A Ciência Natural (no tempo que os filósofos ainda eram capazes de interpretar algo da ciência natural) era simultaneamente uma ciência espiritual. E os muitos sentidos dos símbolos remetiam os diversos aspectos do conhecimento mesmo. Agente só vai entender a Física de Aristóteles se entender isto aqui. A física antiga podia ser ao mesmo tempo uma teologia e uma psicologia transcendental. O que é psicologia transcendental? É a psicologia dos aspectos superiores, cognitivos do homem. Ora, para o nosso conceito atual de ciência física qualquer consideração de ordem teológica ou de psicologia, transcendental é totalmente extemporânea (porque a física só se ocupa de medir relações matematizáveis: ela entende disso como ciência natural). Bom, por um lado tem uma ciência natural por outro lado tem o estudo da natureza que é por um lado a física, a matemática; e por outro lado existe o estudo do homem que é história, sociologia etc.. E os aspectos espirituais da própria natureza, aonde fica? Não ficam, não tem lugar para eles. Eles não podem ser captados nem pela Física, nem pelas ciências naturais, nem pelas ciência humanas? Porque é mais básico do que essa divisão do natural e do humano. Ela é intrinsecamente inseparavelmente natural e humana.

É justamente essa síntese do natural e humano no divino que caracteriza este ciclo pré-moderno. Se você pega a linguagem humana, alguns dos símbolos humanos então é ciência humanas (astrologia história, lingüística etc.) Por outro lado, você tem uma linguagem cósmica (que é a ciência da Física etc.); mas não é bem uma linguagem; é um conjunto de esquemas). Mas quando junta isso aqui? No mundo cartesiano porque a mente e o corpo a coisa extensa não junta. Ora, isso aí é simplesmente uma divisão do saber.

E absurdo que essa divisão do saber coincida exatamente com a divisão da realidade. Porque estas 2 coisas não estão realmente separadas. Aonde está o mundo humano (o mundo histórico, da línguas etc.) está dentro do Cosmos chega à nosso conhecimento se não através das estruturas dos conceitos, da linguagem que nós mesmos inventamos para captá-la? Esse é o máximo problema do conhecimento do

século XX que seria onde você captava a linguagem comum da natureza e do homem? E onde está esta linguagem? Bom, por um lado ela está na imensidão da natureza visível. E acima, está na esfera puramente metafísica. É em cima que nós vamos ter que juntar a linguagem humanas e cósmica na linguagem divina. Se existe a ciência da interpretação da linguagem divina, é exatamente estas bases complementares da alquimia que nós estamos falando. Quer dizer que se, de cara, nós abolíssemos da ciência as considerações das chamadas causas finais, as finalidades nós não vamos entender coisa nenhuma. Se nós acreditamos que nas ciência física tudo pode ser explicado apenas pela causa eficiente (por aquilo que provocou o acontecimento e não a finalidade pelo que acontece) não vamos entender nada. Ora, o presente número 1 do método científico da Renascença é abolir estas causas finais (abolir a finalidade e estudar somente as causas eficientes). Por outro lado, se existe uma intencionalidade natural, ela não é uma intencionalidade no sentido humano porque senão nós vamos cair de novo no Romantismo (quer dizer, a chuva que cai, vai falar da namorado que ele largou ontem) Ou seja, se a natureza fala e tem intencionalidade, o que ela fala deve ser uma coisa completamente diferente daquilo que se fala no mundo exclusivamente, na sociedade. E o que ela fala também deve ser muito diferente do que captamos na natureza quando observamos de fora como mero tecido de relações matematizáveis. Para complicar mais a coisa, aconteceu que este estudos alquímicos, metafísicos etc.. bem como as tradições que se tornaram portadoras deste conhecimento, se tornaram objeto de interesse das ciências humanas. Então hoje existem estudos históricos, antropológicos, sobre alquimia e ritos que tentam encarar todos estes conhecimentos apenas sob o ponto de vista da linguagem humanas. Aí é que a confusão chegou no seu máximo. Estudos sobre o esoterismo seria na verdade uma esoterologia (na verdade seria um estudo sobre o que certas culturas falaram sobre os conhecimentos esotéricos; os quais nunca são enfocados como tais, mas apenas no seu reflexo cultural) Por ex.. agente pode explicar que tal cultura acreditava em duendes. A antropologia pode verificar isso aí. Agora a antropologia não pode verificar se o duende existe ou não. Agora, se eu não sei de uma determinada crença reflete algo da realidade objetiva ou não, como é que eu vou entender esta crença? Por ex.: você acredita que você assistiu esta aula porque você esteve aqui. Agora, amanhã ou depois o sujeito vai estudar sua psique e vai querer os fundamentos da sua crença nesta aula sem levar em conta que a aula realmente aconteceu. Outro ex.: na América não havia cavalos (os espanhóis que trouxeram). Daí depois que os índios viram cavalos eles passaram a acreditar em cavalos. Agora explique a crença dos índios em cavalos sem levar em conta que os espanhóis trouxeram cavalos para a América. Aí você podia dizer na cultura indígena existia alguns símbolos que explicava, a crença neste tipo de seres. E você vai ter que achar uma explicação antropológica para aquele negócio; Mas não tem explicação antropológica para aquele negócio; não tem explicação antropológica alguma! O sujeito acredita em cavalo porque ele viu cavalo. Por outro lado uma cultura também pode implicar a crença em coisas que não existem, algumas maluquices de fato? Só que antropológicamente nós não temos como distinguir as duas. Quer dizer que uma crença sensata ou uma crença insensata, antropológicamente valem a mesma coisa. Então você não tem condição de distinguir se uma cultura está todinha louca ou se ela está instalada na realidade.

Aluna: E os mitos?

Prof.: O mito sempre teve sua função na sociedade. Mas este mito é verdadeiro ou falso? Por ex.: se o sujeito acredita que Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitou no terceiro dia. Você pode dar uma explicação histórica para isso: que foi uma igreja que disseminou esta crença numa reação contrária à religião antiga etc.. Só que tudo isso esquece a pergunta principal: O homem ressuscitou mesmo? Quer dizer que em vez de você verificar se o fato na narrativa é verdadeiro ou falso, você encara apenas esta narrativa como criação cultural. Mas então é tudo criação natural. Os pensamentos verdadeiros são pensados pelo homem e os pensamentos falsos também. Psicologicamente funciona mais ou menos do mesmo modo. Se você está convencido de uma coisa você se comporta de acordo com esta coisa (quer ela seja verdadeira ou não) Se com isto o seu comportamento, à sua vida está vinculado à realidade ou você está fugindo da realidade não dá para saber só por meios psicológicos. Agora vamos supor, eu pego um quadro de Paul Gauguin. {Paul Gauguin tem um quadro chamado Cavalos Brancos. Quando você vai ver, o cavalo é azul e verde-água. Porque colocou o título de Cavalos Brancos? É simples, o cavalo branco está bebendo água num regato do meio do mato e o reflexo da paisagem em torno azulam o branco de sua pele. Bom, isso acontece mesmo na natureza ou é tudo invenção de Paul Gauguin? Eu só vou entender a pintura de Paul Gauguin na medida onde eu consiga estabelecer a relação entre ela e a percepção sensível que eu tenho de um cavalo. Existem muitas maneiras de você pintar um cavalo e uma delas é essa: em vez de você olhar um cavalo como uma figura isolada você o desenha como um reflexo da luminosidade em torno. Eu sei disso porque eu sei que existe cavalo, sei que existe luz, sei que existe mato. Tenho que dar uma referência objetiva com a qual eu posso comparar o quadro. Se eu faço abstração destes dados objetivos tudo o mais que eu posso dizer sobre o quadro é tudo maluquice. Isso quer dizer que os produtos culturais só fazem sentido em face da experiência real humana. Outro ex. de maluquice: Os índios mexicanos acreditavam que seu Deus tinha passado por seu mundo mas que um dia iria voltar. Quando chegou um espanhol maluco e começou a matar todo mundo, como é que os índios interpretaram? Quando desembarcou o seu inimigo de uma tribo estranha, de uma outra raça, de uma outra cultura que veio para lá para acabar com eles, eles entendem que é o seu Deus que está desembarcando ali. E existe obviamente uma conduta tão insensata que 200.000 índios mexicanos foram dizimados por 60 espanhóis que não eram capazes de se defender porque não estavam entendendo o que estava acontecendo). Esses índios estavam totalmente idiotizados, acreditando em história de Carochinha. Do mesmo modo, quando os holandeses chegaram aqui em Santos e começaram a matar todo mundo, os portugueses foram todos para igreja rezar para N.S. do Monte Serrat em vez de se defenderem. Porque eles acreditavam que Deus só poderia estar do lado deles, porque eles eram católicos; não lhes ocorreu a hipótese que Deus poderia estar do lado dos protestantes. Estavam com a cabeça no mundo da Lua. E você pode ver isso pela adequação da resposta. Quer dizer que se o mito no qual o sujeito acredita lhe permite se instalar na realidade e ter uma reação adequada, então este mito está funcionando, é a tradução da realidade. Agora, se o mito aplicado tem o resultado oposto aí o mito não funciona. Outra estória: Duas crianças se meteram no meio do mato no Alto Xingu. Você sabe que índio não se mete muito dentro do mato apenas alguns índios o fazem. Então, todos foram procurar as

crianças de depois de um tempo resolveram consultar o Pajé que localizava qualquer pessoa ou coisa desaparecida. O Pajé entrou numa oca reunindo toda a tribo e disse: vamos ficar por aqui, quando terminar a reunião, as crianças estarão aqui na porta. Parece maluquice mas aconteceu exatamente assim e as crianças apareceram. Isto aí é um mito. O rito é baseado em mitos tanto quanto o comportamento dos índios mexicanos. Só que um o mito funciona. outro não. Tem mágica que funciona e tem outras que não. Agora, antropológicamente não há diferença. A Antropologia me parece assim como uma ciência que fosse estudar o casamento fazendo abstração das diferenças sexuais. Faça a abstração das diferenças reais entre os sexos e explique o casamento. Então se você faz a abolição de um dado objetivo, as instituições culturais que você está estudando ficam boiando no ar absolutamente inexplicáveis. E é tudo uma invenção terrível. A diferença de sexo é um dado natural (não antropológico, mas biológico) e as instituições todas que o homem criou em cima deste dado pressupõe a existência dele. E não pode ser explicada sem eles. Isso quer dizer que do ponto de vista exclusivamente antropológico e sociológico que faz abstração de um dado real só vai produzir maluquice. Porque os índios do Xingu acreditavam no rito do Pajé que traz as crianças de volta? Porque de fato ele traz as crianças de volta! Então a crença aí pode ser explicada simplesmente pela experiência. Porque os índios do México acreditavam naquela maluquice? Bom, aí você tem achar outra explicação. Você não pode dizer que era simples experiência que os havia persuadido. Podíamos explicar que era um povo tão carregado de angústias e de culpas que só podia conceber um Deus sob forma de um ser terrível que vinha para matar todo mundo. E de certo modo, eles estavam pedindo para vir um Deus e acabar com eles. Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece. Isso chamava-se auto-enfeitiçamento) Bom isso aí nos permitirá estabelecer uma certa diferença qualitativa entre culturas. Ah, mas diferenças qualitativas em antropologia não existe. Então, o mundo de símbolos e mitos é um modo de instalação na realidade num cosmo físico. Existem modalidades que funcionam e que não funcionam. Ou seja, Alquimias reais e existem falsa alquimias, mitos reais e mitos falsos. Uma coisa que me espanta muito é a popularidade que atingiu a Epopéia de Gilgamesh. Todo mundo está lendo isso e não percebe que é a Epopéia do fracasso espiritual. Gilgamesh se dá muito mal. Ele é uma espécie de anti-Moisés. Ele vai lá atravessar o mar vermelho e morre afogado. Para eles a Epopéia de Gilgamesh é mitologia primitiva como qualquer outra. E o fator qualitativo: ora tem imagem que funcionam e outras não. Essa diferença para a ciências humanas não existe. É a mesma coisa que se você fosse estudar a Física dos séculos passados em distinguir as leis físicas que funcionam e as que não funcionam. Como Por ex.: a geração espontânea. Então é como se hoje pegássemos um livro de biologia e estudaríamos a teoria da geração espontânea e as contestações como se fosse ambas verdadeiras. Isso é demência. Historicamente do ponto de vista histórico das ciências humanas, tanto a doutrina da geração espontânea quanto à sua refutação por Pasteur, são ambos produtos culturais de uma mesma era. Só que antropológicamente, sociologicamente, historicamente, tem o mesmo valor. Isso para mim é a maior prova de que estas ciências são curada na base. Quando você fala ciência humanas, bom mas isso é ciência do homem desligado da realidade, do mundo da linguagem humana como se tivesse boiando no vazio. O livro mais interessante de antropologia do século é de Edgar Morin *La Nature de La Nature*; aonde ele faz esse

apelo: olha se agente não encontrar um ponto comum aqui, nós vamos ficar tudo louco. Quer dizer, se não se encontrar um elo entre o homem e o Cosmos, a ciência vai tudo para o lixo. Só tem esse elo se você descobre o que há de humano na natureza que é o próprio homem. Ou seja deve haver algo na natureza que de fato nos fala e ao mesmo tempo deve haver dentro de nós certos processos naturais que permitem que se estabeleça este diálogo. E é exatamente este ponto de confluência onde a alma humana passa por processos naturais (que repetem tais e quais os processos da natureza) é justamente disso que fala a alquimia. E a rigor, é disso mesmo que fala a Astrologia. Quer dizer que a astrologia é um pedacinho da doutrina alquímica. E se a astrologia for separada do sentido alquímico, ela não faz o menor sentido. Quer dizer, se você for estudar símbolo planetários fazendo de conta que ele não tem nada a ver com simbolismo terrestres correspondente? A começar pela ligação dos planetas com os metais. Quer dizer que estes metais seriam simbolizados pelos planetas. E onde estão? Estão no seu corpo mesmo. Voltemos para o primeiro texto, segundo parágrafo.

..Estas possibilidades recentes. comunicação. imagem lua e ao mesmo tempo um especial e poderoso tom emotivo.

Comentário: Donde vem este significado e este tom emotivo? De acordo com esta expectativa dualística moderna, qualquer significado só pode ter sido acrescentado pelo homem. Ou seja, a natureza seria uma máquina neutra no qual você projeta arbitrariamente o que você quiser. Então entendemos que toda a cultura pós-renascentista é baseada no pressuposto não declarado da inexistência do simbolismo natural. Baseado na idéia de que a natureza nada nos fala; nós é que atribuíamos à ela intenções que ela não tem. É claro que o homem de fato faz isso: inventa e atribui. Mas será que todas são inventadas por nós? Será que não tem um jeito da gente escapar deste duplo engano? Por um lado esta natureza nua e crua constituídas de relações matemáticas. E opor outro lado este falatório humano projetado? A esperança de encontrar isso é se abrir para possibilidades de uma linguagem natural diferente; e sobretudo que tenha como principal característica esta abrangência e múltiplos significados ao mesmo tempo. É isto que diz a leitura alquímica. Isto quer dizer que um fato natural, ele fala alguma coisa. Mas ele não fala em nenhuma linguagem específica. Ele não fala para um indivíduo em particular. E nem para alguma classe particular. Ela está falando ao mesmo tempo para todos os homens, qualquer que seja o tipo de interesse que este homem esteja olhando. Cada um olha para um lado, mas a natureza está falando para todos ao mesmo tempo. Portanto é necessário que o signo do indivíduo tenha a possibilidade de ter todas estas significações ao mesmo tempo e organizadamente. Por isso que a leitura alquímica consiste em você tomar os símbolos não como uma alegoria ou invenção humana mas como uma espécie de plenitude da literalidade. Ou seja, cada símbolo significará tudo aquilo que ele pode significar para todos os homens que buscarem para qualquer ângulo que seja incluindo nisto até as significações embutidas projetadas. Isso quer dizer que para o poeta romântico, a chuva pode significar a melancolia da natureza porque ele perdeu a namorada ontem. Talvez ele não esteja totalmente errado. Talvez significa isto também mas só significa para ele. Visto de um outro ângulo pode ter um significado totalmente distinto. Pode representar Por exemplo a fecundação do solo,

milhões de coisas. Juntando todos estes significados, obtendo o núcleo que é a chave do todo simbolismo ligado à chuva, aí você pegou o que é o sentido alquímico da coisa. O significado essencial é aquilo que de fato, não poderia deixar de significar no fundo para qualquer homem. Ou seja sem a qual a diversificação de significados subjetivos não seria possível. Neste sentido é que só existe alguns simbolismos que são muito básicos e inequívocos. Por ex.: a luz que é o símbolo dos símbolos. A luz nunca pode significar trevas, ignorância (isso aí é a teoria da tripla intuição). É quando o homem primitivo um dia percebeu que havia luz. Ora, como é que ele percebeu que existe sol sem na mesma hora ter percebido a distinção entre enxergar e não enxergar? Ou seja este é um dado externo da natureza que não pode ser percebido sem a percepção simultâneas de algo que está se passando dentro do sujeito. Os demais dados da natureza não são assim. Por ex.: eu posso perceber que existe lobo, árvore, urso tudo isso eu posso perceber de fora mas a luz eu não posso. Perceber luz é me perceber. E de maneira indissolúvel e inseparável. E esse símbolo ele vira a ligação triangular entre sujeito, o objeto e o ato de conhecer.

Esta ligação é a base da nossa linguagem, do nosso raciocínio. Nós não falamos, não pensamos e não tiver este triângulo. No caso da luz a identificação do sujeito com o objeto é inseparável. Nos outros objetos não; nós não vimos os outros objetos diretamente mas nós os vemos pela luz que toca neles e chega até lá. O que é ver um objeto? é ver o reflexo da luz refletida neles. Se sumir a luz, os objetos somem também. A verdadeira presença do mundo externo é dada pela luz e não pelos objetos. O simbolismo natural do sol é incontestável. Mas tem outras coisas que você pode demonstrar também que são simbolismos naturais Por ex.: a Lua. Como é que você faz para perceber a Lua? Se cada vez que ela vem ela está com uma cara diferente É impossível você perceber a Lua se você não perceber que no mesmo objeto pode haver várias formas. Não tem jeito de você perceber Lua a não ser juntando a unidade da substância com a diversidade das aparências. Agora, tem alguma outra coisa no mundo que seja assim? Nenhuma. Nada tem um ciclo abarcado no tempo onde tem uma sucessão de aparências que depois se repete. Só Lua.

Ciclo é sucessão de mudanças que oculta uma permanência da estrutura. O sol muda de aparência mas esta aparência não é cíclica (conforme o tempo esteja chuvoso o sol pode estar mais ou menos brilhante.) Mas não tem o ciclicidade; esta mudança é irregular). Quando a pessoa percebeu a diferença entre luz e treva percebeu automaticamente a diferença entre enxergar e não enxergar. Ele não o fez por raciocínio desenvolvido no tempo na mesma hora. E com a Lua? Não pode nem ter sido na mesma hora e nem por um sujeito sozinho. Precisa de um testemunho porque é uma coisa que se desenvolve no tempo. Pode ser esquecida, precisa ser anotada para que se torne um patrimônio coletivo. Então a descoberta da Lua implica em consciência da temporalidade, consciência da ciclicidade, da coletividade, consciência de causa e efeito. Então a descoberta da Lua já tinha algo a ver com toda a armadura lógica desenvolvida. Ao passo que a descoberta da luz não, ela se tema a ver coma a estrutura básica que permite fundamenta o pensamento lógico do homem. Mas é um fundamento simultâneo. No meu livro Astrologia e Religião, no capítulo Lógica e Astrologia vocês podem ler sobre isso. O pensamento humano no mundo dos símbolos não é separado da natureza. Ao contrário, a natureza está ensinando à ele a pensar logicamente. Através deste luminares no céu. Platão diz que: através do Sol, Lua e

estrelas é que o homem capta a noção de número, ordem e sucessão; enfim as categorias lógicas básicas.

Marcel Mauss antropólogo dizer que todas as categorias lógicas são apenas expressões da estrutura e social. Você monta uma lógica que imita a estrutura social. Bom, mas se você pode ter uma lógica é porque a coisa é lógica. E donde você tirou essa lógica. E a burrice letrada! Agora, se você articula o símbolo da Lua com o do sol, você vê que você já tem aí toda a armadura dos sistemas das categoria lógicas. Aonde está a raiz dessa linguagem humana, deste mundo do pensamento humano? foram o Sol e a Lua que nos ensinaram. Assim como ensinou o índio. E é justamente esta obviedade que acaba se perdendo. Agora, se depois você usa o próprio pensamento par tampar esta realidade elementar que é a base do seu próprio pensamento bom então você está serrando o galho no qual você sentou. Mas sempre existem homens como Georges Bernanos que por motivos os mais diversos, se empenham em desenterrar estes conhecimentos (porque senão nós já estaríamos numa sociedade louca). O pessoal pensa que progresso significa mudança. Progresso é mudança com a conservação do estado anterior. Senão não é progresso, é apenas substituição de uma coisa para outra. E aí se você tira uma coisa para colocar outra não melhorou nada. É um passo para frente e para trás. Todo lucro se baseia numa acumulação: se você ganha 20 mas perde 10 você não progrediu nada. É um movimento insano: vai e volta sem motivo algum, quer dizer conservar o conhecimento é primordial.